



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
CLÁUDIA MARIA POGLIA

LEITURA COMPARTILHADA PROMOVENDO
O ENCONTRO DE LEITORES COM A LITERATURA

Tubarão
2010

CLÁUDIA MARIA POGLIA

**LEITURA COMPARTILHADA PROMOVENDO
O ENCONTRO DE LEITORES COM A LITERATURA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado
em Ciências da Linguagem da Universidade
do Sul de Santa Catarina, como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em
Ciências da Linguagem.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Eliane Santana Dias Debus

Tubarão
2010

CLÁUDIA MARIA POGLIA

**LEITURA COMPARTILHADA PROMOVENDO
O ENCONTRO DE LEITORES COM A LITERATURA**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 07 de abril de 2010.

Professora e orientadora Dr^a. Eliane Santana Dias Debus
Universidade do Sul de Santa Catarina

Profa. Dr^a. Lilane Maria de Moura Chagas
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dr^a. Tania Mariza Kuchenbecker Rösing
Universidade de Passo Fundo

*Às estrelas que me iluminam e orientam:
Pai, Mãe, Pedro, Ana Laura, Manuela.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, fonte inesgotável de esperança, força e luz, por este curso ter se tornado uma realidade na minha vida;

À minha professora e orientadora, Dr^a Eliane Santana Dias Debus, pelas orientações, amizade, acolhimento e os momentos de partilha;

Aos meus pais, Pedro e Zaira, razão primeira da minha dedicação, pelo incentivo, compreensão, esforço e amor;

Aos meus irmãos: Álvaro, Maurício e Luciano; às cunhadas: Claudia, Dea e Roberta; Aos meus sobrinhos: Manuela, Ana Laura e Pedro; Ao Cleto, Rene e Maristela, pelo apoio, incentivo, compreensão, cumplicidade, e os gestos de amor;

Às minhas tias, Lúcia e Leonor; ao primo, Marcelo; pelas orações, carinho e estímulo;

À Andréa Moura, Diretora da Escola Cenecista Padre Manoel Gomes Gonzalez, pela credibilidade e confiança e por, gentilmente, ter permitido a realização do projeto de estudo; à Prof^a regente da turma, Dina S. de Macedo, que consentiu o desenvolvimento do trabalho; e a todos os demais professores e funcionários da escola pela atenção dispensada;

Às crianças por terem participado ativamente das atividades, com o toque sutil e hábil de suas mãos, pelo afeto e pelas lições múltiplas de amor e sensibilidade, acreditando que outro mundo é possível.

Aos pais dos alunos, pela confiança depositada;

À minha tia, Heloiza, por ter me mostrado o caminho;

Às minhas irmãs de coração: Maria Laura, Myrna e Rosa, pelo companheirismo e as experiências compartilhadas;

Aos amigos de todas as horas, Márcia, Simone, Chaiane e Marcelo.

Aos professores do programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, por terem me proporcionado o acesso a novos conhecimentos.

Sonho Impossível

*Sonhar
Mais um sonho impossível
Lutar
Quando é fácil ceder
Vencer
O inimigo invencível
Negar
Quando a regra é vender
Sofrer
A tortura implacável
Romper
A incabível prisão
Voar
Num limite improvável
Tocar
O inacessível chão
É minha lei, é minha
questão
Virar esse mundo
Cravar esse chão
Não me importa saber
Se é terrível demais
Quantas guerras terei que
vencer
Por um pouco de paz
E amanhã, se esse chão que
eu beijei
For meu leito e perdão
Vou saber que valeu delirar
E morrer de paixão
E assim, seja lá como for
Vai ter fim a infinita aflição
E o mundo vai ver uma flor
Brotar do impossível chão.*

Chico Buarque

RESUMO

No presente trabalho abordou-se a importância da leitura compartilhada, a partir da leitura oral de textos literários, como sendo uma prática essencial para a formação do leitor, tendo a mediação como um aspecto fundamental na constituição do leitor em potencial. A escolha do tema foi motivada pela necessidade de incentivo à leitura compartilhada, sobretudo nos Anos iniciais do Ensino Fundamental, por considerar este o momento promissor para dar início ao itinerário de leitura. A pesquisa foi realizada na escola Cenecista Padre Manoel Gomes Gonzalez, em Nonoai (RS), em uma turma da 3º ano do Ensino Fundamental. O objetivo central da pesquisa foi refletir como as crianças em idade escolar, em especial, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, recebem o texto literário através da leitura compartilhada. E também como este tipo de atividade aproxima a criança da leitura literária individualizada. Para tanto, valeu-se da pesquisa bibliográfica e da intervenção por considerá-las mais apropriadas aos objetivos propostos. A pesquisa bibliográfica forneceu os suportes necessários para amparar a proposta de estudo. As atividades de intervenção, amparadas nos aportes teóricos, permitiram conhecer o perfil de leitura dos alunos: suas habilidades e competências literárias; capacidade de percepção, de criação e recriação, adquiridas ao longo de suas experiências com a leitura; as suas leituras e releituras relacionadas com sua capacidade imaginativa e as experiências vividas; a capacidade de relacionar o texto às suas lembranças e memórias; a interação com o texto e a capacidade de preencher as lacunas deixadas pelo escritor. A análise das atividades apontou um animador interesse e motivação pela leitura oralizada e também pela leitura compartilhada. As histórias ouvidas ou lidas, quando apreendidas pelo leitor, geraram novos significados e serviram de suporte para uma maior compreensão do contexto, no qual estão inseridos. Tal competência foi observada na fala e nas atividades desenvolvidas pelos alunos. Ações e práticas motivadoras intensificaram o prazer pela leitura e levaram os leitores a adquirir e a elaborar conhecimentos, assim como a aperfeiçoar e a reelaborar aqueles que já possuíam.

Palavras-chave: Literatura infantil. Leitura compartilhada. Mediação.

ABSTRACT

In the present work the importance of the shared reading was approached, starting from the oral reading of literary texts, as being an essential practice for the reader's formation, having the mediation as a fundamental aspect in the constitution of the reader in potential. The choice of the theme was motivated by the necessity of incentive of shared reading, above mainly in the first years of the Fundamental Teaching, for considering this the promising moment to start the reading itinerary. The research was accomplished at Cenecista Padre Manoel Gomes Gonzalez School, in Nonoai (RS), in a group of the 3year degree of the Fundamental Teaching. The central objective of the research was to contemplate how the children in school age, especially, in the first years of the Fundamental Teaching, receive the literary text through the shared reading. And also how this kind of activity makes the child close to the individualized literary reading. For that, was used bibliographical research and intervention for considering them more appropriate to the proposed objectives. The bibliographical research supplied the necessary supports to sustain the study proposal. The intervention activities, aided in the theoretical contributions, allowed us to know the profile of the students' reading: their abilities and literary competences; perception capacity, of creation and recreation acquired along their experiences with the reading; their readings and re-readings related with his/her imaginative capacity and lived experiences; the capacity to relate the text to their memories and memoirs; the interaction with the text and the capacity of filling out the gaps left by the writer. The analysis of the activities pointed an exciting interest and motivation for the spoken reading and also for the shared reading. Heard o read histories, when apprehended by the reader, they generated new meanings and they served as support for a larger understanding of the context, in which they are inserted. This competence was observed in the speech and in the activities developed by the students. Actions and practices of motivation intensified the pleasure for the reading and they took the readers to acquire and to elaborate knowledge, as well as to improve and to remake those that already had it.

Key words: Children's literature. Shared reading. Mediation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Imagem da capa do livro <i>O livro das casas</i>	45
Figura 2: Imagem do momento de leitura compartilhada	46
Figura 3: Imagem da capa do livro <i>Quanta Casa!</i>	47
Figura 4: Imagem da capa do livro <i>Antologia de Poesia Brasileira para crianças</i>	48
Figura 5: Imagem da capa do livro <i>Minha casa é azul</i>	49
Figura 6: Imagem dos livros presentes nas sacolas de leitura compartilhada.	50
Figura 7: Imagem da sacola de leitura compartilhada.....	50
Figura 8: Imagem capa do livro <i>A Arca de Noé</i>	54
Figura 9: Imagem do desenho animado <i>A casa</i>	55
Figura 10: Imagem da escola.....	57
Figura 11: Imagem da casa de um aluno	57
Figura 12: Imagem casa de abelhas	58
Figura 13: Imagem casa na árvore.....	58
Figura 14: Imagem da Casapueblo, de Carlos Páez Vilaró	59
Figura 15: Imagem do ninho de passarinho	60
Figura 16: Imagem da casa de pedra	60
Figura 17: Imagem do Circo da Cultura, Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo	62
Figura 18: Imagem da casa de Pablo Neruda, Isla Negra.....	62
Figura 19: Imagem do planeta Terra	63
Figura 20: Imagem de uma gestante.....	64
Figura 21: Imagem do feto no ventre materno	65
Figura 22: Imagem de atividade com a turma	66
Figura 23: Imagem de atividade com a turma	66
Figura 24: Imagem da construção da casa.....	67
Figura 25: Imagem da praça em frente à escola	68
Figura 26: Imagem da leitura do poema <i>Os cinco sentidos</i>	69
Figura 27: Imagem da capa do livro <i>A caligrafia de Dona Sofia</i>	73
Figura 28: Imagem pág. 11 do livro <i>A caligrafia de Dona Sofia</i>	76
Figura 29: Imagem da pág. 17 do livro <i>A caligrafia de Dona Sofia</i>	77
Figura 30: Imagem da pág. 13 do livro <i>A caligrafia de Dona Sofia</i>	79
Figura 31: Imagem da confecção dos desenhos	85

Figura 32: Imagem da confecção dos desenhos	86
Figura 33: Imagem da elaboração dos cartões.....	87
Figura 34: Imagem da elaboração dos cartões.....	87
Figura 35: Imagem da leitura oralizada na Feira do Livro	89
Figura 36: Imagem da leitura oralizada na Feira do Livro	89

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: cronograma das atividades	41
Tabela 2: cronograma de atividades	42

SUMÁRIO

UMA HISTÓRIA PEDE PASSAGEM.....	12
1 INTRODUÇÃO.....	14
2 LER OU CONTAR: ONDE OS NÓS SE DESFAZEM	20
2.1 O ATO DE NARRAR E SEU VÍNCULO COM A MEMÓRIA	23
2.2 POÉTICA DO ESPAÇO: A MORADA DAS MEMÓRIAS	25
2.3 A CASA-MEMÓRIA: ENTRELACANDO LEITURAS	28
2.4 ESTÉTICA DA RECEPÇÃO: ESCUTANDO A VOZ DO LEITOR.....	32
2.5 MEDIAÇÃO: UMA PONTE PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR.....	35
3 PERCURSO METODOLÓGICO.....	39
3.1 ONDE TUDO COMEÇA: RELATO DOS PRIMEIROS ENCONTROS.....	44
4 LEITURA COMPARTILHADA: O CRUZAMENTO COM DIVERSAS	
LINGUAGENS	53
4.1 A CASA ENGRAÇADA QUE DE TUDO TINHA UM POUCO	53
4.2 COMPARTILHAR A PALAVRA LIDA COM AQUELES QUE NOS RODEIAM: UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM O LIVRO <i>A CALIGRAFIA DE DONA SOFIA</i> , DE ANDRÉ NEVES.....	68
5 CONCLUSÃO.....	91
REFERÊNCIAS	95
ANEXOS	102
ANEXO I: OFÍCIO PPGCL PARA A ESCOLA	103
ANEXO II: TERMOS DE CONCENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	104
ANEXO III: TRANSCRIÇÃO A	124
ANEXO IV: TRANSCRIÇÃO B	133
ANEXO V: FOLDER DA FEIRA DO LIVRO	142
ANEXO VI: EXPOSIÇÃO DE ATIVIDADES	143
ANEXO VII: LEITURA ORALIZADA NA FEIRA DO LIVRO	144



UMA HISTÓRIA PEDE PASSAGEM

A escolha do local foi motivada pela relação afetiva construída pelos primeiros contatos com as letras e palavras, que desde cedo fizeram parte da minha vida. Ali, iniciei as minhas primeiras relações com o mundo das palavras, que hoje fazem parte das minhas memórias.

Na tentativa de reconstruir a trajetória que resultou na escolha do local para o desenvolvimento desta pesquisa, capturar lembranças, imagens, palavras, torna-se imprescindível, pois, segundo Adélia Prado (1976, p.113) “o que a memória ama fica eterno”.

Ao chegar à escola, as primeiras imagens que surgiram foram as da infância que, embora um tanto fugidias, remeteram-me a escuta da voz da professora.

Professora também mãe, que pelas mãos me carregava e levou-me precocemente as lidas com as palavras.

Menina, sentada na última carteira da classe, rabiscava o pequeno caderno na tentativa de copiar do quadro as letras que lá se encontravam, porém, o movimento impreciso e inseguro da mão não acompanhava a agilidade da professora.

Todos os dias, a mesma cena se repetia, com olhares atentos, eu, a pequena acompanhante, seguia carregando na bolsa de pano, caderno, lápis, boneca e um pequeno pincel, que mais parecia uma varinha de condão e que eu acreditava possuir a magia do faz-de-conta.

Restrita a minha carteira, sempre com o olhar atento, eu acompanhava o vai-e-vem da professora e das crianças. Com o passar dos dias, aventurei-me a sair do meu lugar e transitando timidamente pela sala, com a curiosidade de quem pede passagem, observava os cadernos das outras crianças que iam se enchendo de letras. Assim, sem que a professora



percebesse, a menina de cabelos compridos foi aprendendo a desenhar as letras, vendo naquela sala um mundo de possibilidades para aprender.

Entre os dias da semana, um era especialmente aguardado. A professora se colocava a frente da turma e num silêncio quase que absoluto, abria o livro e dava início à leitura.

“Era uma vez...”

Essas palavras eram suficientes para que a menina se transportasse para um mundo fantástico, tomada pelo instante de encantamento, imaginava-se contando história.

Histórias que conto agora... Esperando fazer parte de outras histórias.

Cláudia Maria Poglía



1 INTRODUÇÃO



ato de ler comporta uma aprendizagem estética, poética e fruidora, que torna possível a construção de outros saberes. Isso porque se trata de uma prática que, além de estimular a imaginação, leva o leitor a socializar as vivências transmitidas pelo texto, a refletir sobre o seu cotidiano, assim como a incorporar novos conhecimentos. Considerando que a faixa etária dos sujeitos da investigação é de 8 e 9 anos, entende-se essa aprendizagem como um fator determinante no desenvolvimento e formação dos leitores. Nesse viés, insere-se a leitura literária em voz alta como principal artífice dessa construção. Em especial, no espaço escolar, ambiente em que muitas crianças são convidadas, pela primeira vez, ao diálogo com a palavra literária.

A leitura propicia o entendimento do mundo pelo espelho das palavras emolduradas no seu conjunto como construção da arte literária, a qual a par da imaginação criadora e, por si só, arte, expressa sentimentos e promove outro olhar para o cotidiano. Nessa direção, Busatto (2006, p. 49) afirma que a arte tem essa função, independente do tempo ou do espaço de referência, ela é “transformação simbólica do mundo”.

A contribuição da leitura literária para o leitor, de qualquer faixa etária, é essencial, pois desenvolve suas potencialidades leitoras através do imaginário. Isso acontece por meio da brincadeira com as palavras e do diálogo com a realidade, criando proximidades e permitindo um desenvolvimento amplo e significativo. E na sociedade em que se vive é a escola um dos caminhos para esse encontro. Conforme argumenta Coelho (2000, p. 16):

[...] a escola é, hoje, o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegiamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente - condição *sine qua non* para a plena realidade do ser.

Acredita-se que a formação de leitores literários depende, entre muitos outros fatores, fundamentalmente do mediador, isto é, daquele que apresenta o texto às crianças, seja pela oralidade, seja pela escrita. Incluindo-se aí, os livros oferecidos à criança para ela ver (livros álbum), tocar (livro brinquedo), brincar (livro em plástico, em pano entre os brinquedos), ouvir (falados e cantados).



Tendo em vista a faixa etária dos sujeitos desta investigação, independente da finalidade e do contexto em que o texto fora escrito importa ressaltar que, ao ser lido, exige do leitor que ele entenda o conteúdo de forma a ampliar seu repertório literário. Como premissa, é preciso destacar que o mediador tem papel essencial na formação do leitor, pois, ao narrar ou ler uma história, pode conduzi-lo às particularidades do texto, em busca da fonte das palavras lidas, as quais vertem de algum lugar, neste caso, das páginas de um livro. O papel de cumplicidade entre aquele que narra e aquele que ouve é capaz de transformar este último em leitor, foi bem levantado por Simmis (2004, p. 61) quando afirma que:

A narração de histórias é tão potente porque é uma experiência física. A pessoa inteira se engaja na feitura do significado e da história. A mente, o corpo e o coração são sincronizados e ativados. O ouvinte incorporado está alerta com seus sentidos apurados, e naturalmente cria imagens e sentido através de associações, sentimentos, lembranças, sonhos, e a fonte incessante de símbolos arquetípicos que jorra de seu interior. É aí, na atividade holística do ouvir, e não apenas no conteúdo conceitual do texto ou no enredo, que tem lugar o verdadeiro aprendizado. Durante o evento, a sabedoria inerente e natural do ouvido, do olho e do coração ganha uma voz.

Nesse sentido, é importante perceber a forma como o mediador é capaz de envolver os leitores em formação mais diretamente na compreensão do texto. De modo que o mediador torna-se um provocador por excelência no processo de entendimento do texto. Justifica-se, assim, a eficiência e preparo do mediador, como alguém que, além de possuir um bom repertório literário e competência leitora, terá que ser também detentor de capacidade de análise e reflexão apropriadas à compreensão textual. Como se pode observar a leitura compartilhada requer do mediador habilidades que o permitam contribuir para que o leitor compreenda um determinado texto.

Na infância a atividade de ouvir histórias está diretamente ligada à leitura e à imaginação criadora, proporcionando à criança uma visão que dispõe partes da vida real e do imaginário, dando passagem à fruição. Para Elias José (2007, p. 57), “[...] pela palavra falada e pelo poder da narrativa, estimulamos uma educação dialógica, lírica, poética e lúdica”.

Ouvir histórias do mundo, sejam elas inventadas e transmitidas de boca em boca ou registradas pela escrita, consiste em um recurso de familiarização com a composição do relato, que organiza o pensamento e propicia uma melhor recepção dos textos lidos. A criança é capaz de fazer um elo com a história que ouve, usando-a na sua realidade e assimilando o que compreendeu por meio de suas vivências.

Não seria o ato de narrar histórias um presente daquele que narra para aquele que escuta? Gilka Girardello afirma que é um presente sim. E quanto ao envolvimento entre as



crianças que regularmente ouvem histórias, a autora lembra que elas “[...] acabam criando um forte sentimento de comunidade” (FOX; GIRARDELLO, 2004, p. 122).

Nas palavras de Regina Machado, encontra-se a mesma idéia, quando afirma que as histórias propiciam estreitas ligações entre passado e presente, provocando uma espécie de reencantamento, uma vez que:

A história é um acontecimento no instante em que se atualiza dentro de nós: “Por alguns segundos vislumbrei algo maior, não só sobre quem eu sou, mas sobre quem eu sou” [...] Eu pertenço a uma instância maior do que a vida que vivo todos os dias habita um lugar com todos os seres humanos de todos os tempos. Que como eu também se indagam sobre a significação de questões fundamentais. Os rituais de todos os tipos nos lembram disso, as histórias tradicionais também. É como o acordar de uma lembrança. As histórias podem nos presentear com a possibilidade de recordação (MACHADO, 2004, p. 180).

Na infância, o contato com as histórias significa o reencontro simbólico com um modelo selecionado durante as experiências do dia-a-dia. A vivência da criança com a audição ou leitura de narrativas na escola não pode passar despercebida nas práticas dos professores, por contribuir para o desenvolvimento não somente infante, mas segue pela vida do indivíduo.

A leitura compartilhada pode se tornar grande aliada dos interlocutores, promovendo a interação entre adulto/criança e criança/criança, remetendo-os ao espaço onde a palavra se revela e apresenta suas imagens. Essa revelação só pode acontecer no encontro e na proximidade entre narrador e ouvinte.

A realização desta pesquisa é resultado de um interesse especial pelo ensino de Literatura Infantil, em particular, pela leitura compartilhada de narrativas e de poesias. Isso por entender que, nas escolas, quer públicas quer privadas, existe uma lacuna quando se pretende promover nos alunos uma formação literária. A esse respeito, Debus (2006, p. 24) afirma:

A presença da escola é premissa para a aprendizagem do alfabeto, mas se constata a sua ausência como mediadora da literatura; a biblioteca, por sua vez, é lugar de refúgio, castigos, pouquíssimas vezes aparece cumprindo a sua verdadeira função de entrelaçar e dar vida a tríade leitor, livro e leitura.

Diante de tal constatação, a presente pesquisa trabalha com a hipótese de que a criança inserida num ambiente de leitura compartilhada pode ampliar seu repertório de leitura, denominado por Teresa Colomer (2007, p. 61) como “Itinerário infantil das leituras”. Em recente trabalho, *Andar entre livros*, a autora afirma que as “vozes dos livros” são capazes de levar o leitor pela mão ao longo de suas leituras.



O tema da mediação de leitura, nos últimos vinte anos, vem sendo abordado amplamente nas áreas da Educação e Letras. Estas destacam a leitura literária, as concepções de leitura, o papel da família e da escola, como sendo fundamentais na construção do leitor.

Assim, esta pesquisa busca refletir como as crianças em idade escolar, em especial, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, recebem o texto literário através da leitura compartilhada. E também como este tipo de atividade aproxima a criança da leitura literária individualizada.

Para se entender como as crianças recebem o texto literário de forma compartilhada e como este contribui para a sua formação literária, desenvolveu-se o presente trabalho por meio de pesquisa bibliográfica e de intervenção.

A pesquisa bibliográfica se fez necessária para revisar teoricamente estudiosos que abordam a temática específica do assunto em questão, trazendo aspectos capazes de colaborar para esta reflexão. Assim, diversos teóricos colaboraram para a feitura desta pesquisa, entre eles: Zilberman (2003), Coelho (2000) e Colomer (2007), em especial, na discussão sobre a leitura literária de recepção infantil.

Neste trabalho, também tem peso significativo o livro *Baús e chaves* (2004), de narração de histórias, uma produção do SESC, Santa Catarina, organizado pela professora Gilka Giraldello. O livro é composto de nove artigos escritos por diferentes estudiosos da arte de contar histórias e dois textos produzidos por técnicos do SESC, envolvidos com as atividades de narração. A idéia principal do livro como o próprio nome já diz, “baús guardam, e chaves abrem”, aborda as experiência dos autores citados acima. Através do relato das experiências, eles buscaram orientar narradores de história para a importância da imaginação criadora. E também para a maneira como a narração de histórias pode tocar e avivar emoções, habilidades e proporcionar efeitos significativos na vida dos ouvintes e dos próprios narradores.

As reflexões de Gaston Bachelard sobre o espaço da casa, por meio de seu livro, *A poética do espaço* (2000), fundamentam as discussões sobre a opção da temática escolhida para a intervenção. Para a análise da recepção do texto literário pelas crianças foi utilizado o referencial da estética da recepção, em particular, os conceitos horizonte de expectativas e emancipação, de Hans Robert Jauss (2002, 1994).

A pesquisa de intervenção se fez necessária para verificar como as crianças vivem a experiência com a leitura compartilhada. Para tanto, o público participante desta pesquisa foi um grupo de 20 (vinte) alunos, composto de 9 (nove) meninas e 11 (onze) meninos, do 3º ano do Ensino Fundamental, da Escola Cenecista de 1º e 2º graus Padre Manoel Gomes



Gonzalez, escola privada do município de Nonoai (RS)¹. Os instrumentos para a coleta de dados se constituíram de conversas informais, registros fotográficos e registros orais e escritos. O contato com a escola se deu no ano de 2008, e as atividades de intervenção foram realizadas no período março 29 de outubro de 2009.

Os livros escolhidos para o desenvolvimento desta pesquisa abordam a temática da casa e são formados por narrativas que remetem as infinitas possibilidades de leitura e releitura do referido tema. Este aspecto foi determinante para a escolha dos livros, já que forneceu os subsídios necessários para a exploração do tema. Por ser a casa lugar que acolhe a vida é ela também lugar que guarda as lembranças e as memórias constituídas nas diferentes fases do desenvolvimento do ser humano. Assim, reconstituir as lembranças e as memórias entrelaçadas na trajetória de vida daquele que delas se vale para reviver a sua própria história, é uma tarefa desafiadora e salutar que requer competência e habilidade leitora.

Com base nessas premissas, foram adotados como atividade de leitura, os seguintes livros: *O livro das casas* (2004), de Liana Leão; *Quanta Casa!* (2005), de Rosa Amanda Strauz; *Antologia de Poesia Brasileira para crianças*, de Teo Puebla; *Minha casa é azul* (2009), de Alain Serres; *Arca de Noé* (2004), de Vinícius de Moraes e *A caligrafia de Dona Sofia* (2006), de André Neves.

O presente trabalho foi organizado em cinco partes. Na segunda parte, logo após a introdução, intitulada, *Ler ou contar: onde os nós se desfazem*, desenvolveu-se o referencial teórico, no qual são abordados aspectos que serviram de aporte para a sistematização do estudo. Por considerar apropriado à disposição do trabalho, os pressupostos teóricos foram divididos em subtítulos, sendo eles: O ato de narrar e seu vínculo com a memória, Poética do espaço: a morada das memórias, A casa-memória: entrelaçando leituras, Estética da recepção: escutando a voz do leitor e Mediação: uma ponte para a formação do leitor, foram amparados os referenciais que tratam da leitura compartilhada. Por esse viés, obtiveram-se os referenciais necessários para se destacar a importância da narração de histórias para a formação do leitor literário, refletindo sobre as várias possibilidades de recepção das narrativas pela leitura compartilhada.

Na terceira parte, tratou-se do percurso metodológico, no qual se descreve os recursos usados para a concretização do estudo. O ponto de partida foi a pesquisa bibliográfica e, logo após, a de intervenção de caráter qualitativo, por meio da qual se

¹ Sabemos do enfrentamento provocado muitas vezes pela interferência de um “outro” no espaço escolar. No entanto, a escola nos acolheu para pesquisa, que durou em média um ano, mesmo não fazendo parte de seu corpo docente.



desenvolveu o trabalho de leitura compartilhada, através da mediação da pesquisadora. Esta se valeu de vários recursos, tais como: auditivos, sonoros, visuais, sensoriais. Foram ainda confeccionadas sacolas de leituras compartilhadas e, por meio delas, possibilitou-se que as leituras compartilhadas fossem realizadas na escola e em casa. Realizou-se, também, uma oficina de produção de textos e a Feira do Livro. Esses recursos favoreceram a construção de várias atividades, tais como: produção de narrativas, poemas, etc., e, em extensão, a elaboração de livros de narrativas e poesias.

Na quarta parte, descreveram-se os dois momentos de atividades de intervenção, sob o título, *Leitura compartilhada: o cruzamento com diversas linguagens*. Estas foram subdivididas, respectivamente, em: A casa engraçada que de tudo tinha um pouco e Compartilhar a palavra lida com aqueles que nos rodeiam: uma proposta de trabalho com o livro, *A caligrafia de Dona Sofia*, de André Neves. O primeiro momento de atividade de intervenção iniciou-se com o poema, *A casa*, Vinícius de Moraes; e, o segundo, com o livro *A caligrafia de Dona Sofia*, de André Neves. A partir dos referidos textos, faz-se a descrição das atividades desenvolvidas durante o estudo. Por meio delas, expõem-se as ações realizadas, envolvendo as práticas de mediação, a recepção dos textos pelos alunos, assim como as tarefas por eles construídas, que serviram para comprovar ou não a hipótese da pesquisa.

Finalmente, tem-se a conclusão, na qual se faz uma análise de aspectos relevantes desenvolvidos ao longo do trabalho, retomando aqueles que contribuíram para que os objetivos propostos fossem alcançados.



2 LER OU CONTAR: ONDE OS NÓS SE DESFAZEM

[...] a leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência; ela é engajamento do corpo. Inscrição num espaço, relação consigo e com os outros. Eis porque deve-se voltar a atenção particularmente para as maneiras de ler que desapareceram do nosso mundo contemporâneo

Roger Chartier (1999, p. 16)



xiste diferença entre narrar histórias com a leitura prévia do livro ou realizar a leitura do livro? Pode-se dizer que a leitura oral do livro é um exercício de narração de histórias? Estas são questões não resolvidas que têm vários posicionamentos. Ortiz (2004, p.104) afirma que ler em voz alta tem sua validade, pois “[...] é uma atividade enriquecedora e muito apropriada para despertar o gosto e o respeito pelos livros”.

Acredita-se que optar por ler ou contar uma história é determinante tanto para o narrador quanto para o ouvinte, pois qualquer uma das duas estratégias exigirá de ambos um exercício de leitura-escuta. Desse modo, entende-se que não se deve priorizar uma das duas opções e que, independente da escolha, a partilha de narrativas faz com que os participantes se envolvam e as histórias voem soltas, fazendo com que conflua para o possível interesse pela leitura.

Ao narrar uma história sem o livro, o narrador pode usar suas próprias palavras, interpretá-las de diversas maneiras, utilizando os mais variados recursos, podendo inclusive, recriá-las, acrescentando-lhes novos elementos criados pela própria imaginação. Acredita-se que esse tipo de narração é mais flexível, justamente por permitir essa liberdade de expressão.

Celso Sisto descreve essa prática e sua flexibilidade ao destacar que a narrativa oral “[...] não se mostra por inteira”, aguçando a imaginação do leitor, já que “[...] há ainda aquilo que o espectador não vê, nem em gestos, nem em movimentos, nem em palavras, silêncios ou imagens. A totalidade do universo de uma história, o narrador só mostra-a em parte. A outra, a restante, é intuída, mas deixa-se entrever” (SISTO, 2005, p. 32).

Se ao narrar existe um jogo de mostra/esconde, ao ler uma história, o narrador faz uso das palavras que estão escritas, embora seja possível interpretá-las de diferentes formas,



modificando a entonação, o timbre ou a altura da voz, o texto é sempre o mesmo, independente do leitor. A leitura do livro traz consigo marcas específicas da língua escrita que não se utiliza cotidianamente ao falar, pois quando se narra sem o livro, muitas vezes omitem-se palavras, introduzem-se os vícios de linguagem, entre outros (DEBUS, 2006, p. 59).

No caso do ouvinte-leitor, tanto o ato de ler quanto o de ouvir um texto literário, determina que se entenda o que está sendo lido, para poder guardar na memória o que lhe for significativo e retirar dele o que lhe interessa no momento. Assim, quando em outra ocasião, o leitor-ouvinte se deparar com o mesmo assunto, ele poderá relacionar as informações novas com o conhecimento anteriormente adquirido, construindo o seu repertório literário.

Para que se possa formar um leitor literário por meio da narração oral de histórias, acredita-se que um dos caminhos é a leitura compartilhada. Para que essa tarefa tenha êxito, deve ser executada por um narrador-leitor.

A mesma história compartilhada pode ter significados variados para diferentes sujeitos, dependendo da leitura interior que cada um dá à narrativa que ouve. Cabe ressaltar, que muitos deles fazem parte da construção de identidade, ligados ao afeto, ao desenvolvimento da imaginação e, principalmente, ao compartilhamento de conhecimentos.

Para desenvolver um projeto significativo de leitura literária nas escolas, é necessário inserir o aluno o mais cedo possível no mundo das diferentes linguagens artísticas, promovendo “a estética da sensibilidade” (QUEVEDO, 2000, p. 16). E ainda levar em conta que ouvir histórias desde a infância é de grande importância, especialmente, por se tratar de uma prática que proporciona um contato com a arte. Desta forma, no exercício de narrar histórias, “[...] a professora estará permitindo a eles a fruição de obras de arte, tanto em termos literários quanto de performance dramática [...]. Ela estará, acima de tudo, estimulando-os a contar histórias também e a valorizá-las como prática cultural” (FOX; GIRARDELLO, 2004, p. 151).

No entanto, nesse processo de formação do gosto pela leitura, o espaço escolar, muitas vezes, deixa a desejar pelo fato de priorizar em demasia as atividades escritas, não cedendo lugar a outras práticas tão importantes como a da oralidade.

A leitura oral, no espaço escolar, muitas vezes, sofre resistências e ou deturpações. Um dos fatores que colabora para isso, como já se observou, é a supervalorização da escrita, pois “[...] frequentemente, desprezou-se este especial caudal expressivo [o da tradição oral], em virtude do prestígio da letra impressa: é importante, porém, destacar o valor da voz”. (REYZÁBAL apud BELLO 2004, p. 161).



A leitura compartilhada é um dos meios pelo qual o professor esclarece as passagens complexas das histórias, auxiliando o leitor a preencher os vazios deixados pelo autor do texto. É também a maneira pela qual o professor proporciona aos alunos todas as informações necessárias, buscando provocar o gosto pela leitura. Este tipo de leitura também permite a construção de um mundo imaginário.

Para que ocorra a prática de leitura compartilhada é interessante que se desenvolvam círculos de leitura, rodas de histórias e práticas de socialização entre os componentes dos grupos e entre os grupos, proporcionando a interação entre aquele que narra e aquele que ouve. Ler em círculo é um meio estratégico para estimular o diálogo e uma das estratégias para construir o gosto pela leitura literária na sala de aula. Uma prática simples, que, muitas vezes, passa despercebida pelo professor.

A verdadeira narração de histórias é aquela que acontece de forma espontânea, tal como no passado era realizada ao redor de uma fogueira, onde as pessoas se reuniam para escutar os mais velhos narrarem suas aventuras, lembranças e ensinamentos. Shedlock (2004, p. 23) enfatiza esse aspecto, afirmando que “[...] a simplicidade de que precisamos é aquela que vem da naturalidade e produz a sensação de que podemos nos deixar levar, porque planejamos os nossos efeitos. É quando traduzimos nosso instinto em arte que a história se torna completa”.

Ainda, segundo o pensamento de Shedlock (2004), não importa a quantidade nem a diversidade de histórias que serão contadas, e sim, o modo como a história será contada e em que grau a criança ouvinte será capaz de se interar com o que está ouvindo.

Nas histórias contadas, portanto, é preciso que haja interação entre o narrador e o leitor. Para tanto é necessário que a história ouvida seja compatível com o mundo do leitor no que lhe é mais singular: suas vivências, incluindo-se aí a linguagem adequada, o contexto em que vive e as experiências acumuladas. Isso quer no contato com a família quer na escola, grupos e organizações sociais. Em outras palavras, para que a história seja compreendida pelo leitor, ela deverá ser acessível à capacidade de percepção real do leitor. Melhor dizendo, para que a interação aconteça, o narrador deverá levar em consideração o mundo perceptível do leitor e sua relação e familiaridade com o mundo das palavras, o que pressupõe uma prática que ultrapasse a esfera da faixa etária.



2.1 O ATO DE NARRAR E SEU VÍNCULO COM A MEMÓRIA

O ato de contar histórias não é uma opção ingênua e pode ser entendida como uma maneira de olhar o mundo. Nas diferentes culturas, o ser humano contou histórias, deu vazão à sua essencial necessidade de comunicação, traduzindo por meio de palavras os acontecimentos imaginários, os aspectos da vida humana, as memórias transmitidas por seus ancestrais, os mitos, os rituais e as representações sagradas.

Assim, o ser humano se constrói, em meio à história dos mais velhos, relatos de acontecimentos e incidentes. As piadas ouvidas e a invenção de situações pitorescas que, comumente, acompanham a sua vida também fazem parte do repertório das histórias que lhe são narradas durante a sua existência. Isso tudo em meio a uma atmosfera, na qual realidade e sonho se confundem. A esse respeito, Rösing (2007, p. 96) afirma:

Numa atmosfera lúdica, de realidade ou de sonho, o envolvimento com as narrativas orais oferece-nos um prazer inusitado. Os protagonistas da história contada, as pessoas envolvidas nos acontecimentos relatados, os seres imaginários que complementam os relatos, os dados biográficos de uma figura pública ou de um membro antigo de nossa família tem a ver com o que vivemos, com o que acreditamos, com o que detestamos, com o que sonhamos e até com o que somos.

Não por acaso, essas histórias se enraízam na vida do leitor, estabelecendo uma relação de solidariedade com as memórias que lhe são próprias, influenciando o seu modo de pensar, de agir, de sentir, de sonhar.

Nas sociedades antigas, nas quais o saber era transmitido oralmente, a memória recebe lugar de destaque, pois somente por meio dela, o ser humano poderia aprender, armazenar conhecimentos e ter a possibilidade de se desenvolver. De geração em geração, o conhecimento era passado através da oralidade e memorizado pelos sujeitos que por meio dela aprendiam. O ato de contar histórias, naquela época, dependia exclusivamente da memória. Esta guardava as experiências de vida, possibilitando o repasse e o resgate de ensinamentos importantes para o desenvolvimento das futuras gerações e necessários à sobrevivência daqueles povos.

Diante de uma história marcada pela cultura oral, já que não havia a escrita, o ser humano buscou a melhor forma de resolver efetivamente o problema de retenção do pensamento, criando outras formas de manter na memória os conhecimentos que estavam aprendendo.



Nesse sentido, ele buscou métodos de repetição, aliteração, e outros que faziam com que os mesmos não esquecessem os conhecimentos já aprendidos, podendo partir para outros conhecimentos novos. Afinal, pode-se dizer que “[...] sabemos o que podemos recordar” (ONG, 1998, p. 44).

Pode-se dizer que nunca houve nenhuma sociedade ou comunidade composta por seres humanos que não tivessem a necessidade de fabular, de inventar-se ou de construir seu imaginário e seus mitos. Contar histórias retoma os caminhos da memória, do sagrado, o estímulo à imaginação.

Dentro da oralidade e também das contribuições da tradição popular, tornou-se possível a formação de um caminho que permite o desenvolvimento da memória de modo coletivo, proporcionando ao ser humano, a capacidade de se comunicar poeticamente. Nessa linha de pensamento, Regina Machado (2004, p. 34) enfatiza que:

Não é por acaso que o momento de contar histórias está ligado na nossa memória com a presença de algum tipo de fogo. Antigamente a fogueira, o fogão a lenha, o lampião aceso na porta da casa, ou as velas, reuniam as pessoas em torno do aconchego da semi-escuridão. Momento propício para o descanso depois do trabalho, para se vaguear pelas sombras e mistérios da noite, à vontade, deixando as palavras soltas passeando à toa pelos causos, pelos assombros, pelas perguntas sem respostas, pelos fatos engraçados, pelas dificuldades da vida.

Nesse sentido, pode-se afirmar que através da memória ligada aos traços da narração oral, na busca de “qualquer que seja o seu caminho, vamos encontrar a narração oral enquanto uma ação de recordar a si próprio, que se caracteriza como uma arte peculiar” (BUSATTO, 2006, p. 48).

Desta forma, a memória é entendida como fenômeno social, em que a interação com o meio social faz com que o indivíduo use recortes de suas recordações individuais de modo a impulsioná-lo a interagir na sociedade.

Voltando-se para a narração de histórias, nesse mesmo fio condutor, o narrador no impulso de narrar, traz aos poucos, traços que pareciam apagados, mas que estavam em sua memória.

No ato de narrar, o narrador impulsiona o recordar, fazendo com que, através do compartilhar, suas memórias sejam passadas aos outros. Assim todos os envolvidos nesse processo se beneficiam. A narração proporciona o estímulo da imaginação, a criação e a recriação, tanto por parte do narrador quanto dos ouvintes. Estes têm a possibilidade de fazer com que a história proporcione o resgate da memória e os dois interajam, fazendo com que o ser humano se torne mais motivado como parte integrante da história que está sendo contada



ou ouvida. De acordo com Elias José, “[...] sempre há uma história pessoal, tecida com a trama de muitas histórias ouvidas ou lidas”. (2007, p. 54).

Vistas sob esse prisma, as histórias narradas levam o sujeito ao entendimento da sua própria historicidade, do outro e do contexto ao qual pertence, tornando-o muito mais apto a enfrentar as adversidades e os desafios. Isso pautado em bases sólidas construídas através de crenças e valores importantes para o seu desenvolvimento individual e coletivo. Assim, as histórias contadas, não só permitem o leitor reviver o passado através do resgate das memórias, como também o revitaliza de tal forma que o passado se torna atual na vida do leitor.

2.2 POÉTICA DO ESPAÇO: A MORADA DAS MEMÓRIAS

A escolha de livros, que tematizam a casa para a realização da leitura compartilhada, deu-se pelo fato de se acreditar que a relação estabelecida entre o morador e seus ambientes constrói laços de afetividade, possibilitando traçar o itinerário de leitura.

Pode-se dizer que a importância da memória da casa está relacionada à memória da própria infância, pois o espaço da casa que é ocupado pela vida é o local onde a criança se desenvolve, tem o refúgio dos pais e o convívio com seus objetos pessoais.

As lembranças do ambiente da casa estimulam a memória no cotidiano da criança que guarda todos os detalhes daquele local. A percepção e a representação dos aspectos importantes da vida das crianças são memorizados por elas, permitindo-lhes fazer uma analogia com os conhecimentos adquiridos. Esse processo as possibilita fazer uma análise e leitura do cotidiano de maneira mais sensibilizada.

Para aqueles que nunca tiveram a oportunidade de conhecer e apreciar uma história, um conto ou uma narrativa em livros, mas possuem o conhecimento da infância, as narrativas guardadas na memória também são importantes. Quando resgatam essas narrativas pela memória, a voz interior traz as lembranças e histórias da vida deles, da mesma maneira em que as da ficção são contadas, lidas ou ouvidas. Assim, esse ser humano encontra uma maneira de se entender diante do mundo.

Filósofo da ciência e teórico da imaginação, Bachelard influenciou figuras importantes da geração estruturalista e pós-estruturalista do período pós-guerra. Esse filósofo



francês ousou enfrentar os paradoxos impostos pela vida, em seu papel de epistemólogo, recusando com frieza e intensidade a função que as imagens exerciam na experimentação científica e no raciocínio. Ainda enquanto filósofo sonhador entendia as imagens poéticas como sendo as fontes insubstituíveis de saúde do ser.

Bachelard salientava que a arte, e aqui se pode inserir a arte literária, é um momento de entregar-se completamente; quer daquele que escreve quer daquele que lê. Segundo ele, a arte é “[...] uma reduplicação da vida, uma espécie de emulação nas surpresas que excitam a nossa consciência e a impedem de cair no sono” (BACHELARD, 2000, p. 17).

Na obra, *Poética do Espaço*, Bachelard (2000, p. 19) busca “examinar imagens bem simples, as imagens do espaço feliz,” tratando de forma extremamente poética as imagens desencadeadas a partir de diferentes espaços reentrantes na literatura, tais como: a casa, o sótão, o porão, a cabana, o armário, o cofre, a gaveta, o canto e a concha, que partilham da vivência humana acionando lembranças e sentimentos. Veja-se o seguinte esclarecimento:

Em Bachelard, o devaneio proporcionado pelas imagens poéticas advém quando elas emergem na consciência como um produto direto do coração, da alma. O fenômeno bachelardiano, se constitui no par repercussão/ressonância. Em linhas gerais, o par opera quando o maravilhamento proporcionado por uma imagem poética potencializa, na unidade do ser maravilhoso, o aprofundamento de sua própria existência, gerando a repercussão. Esse aprofundamento, incognoscível em sua integridade, leva o devaneador ao desejo e à alegria múltipla de falar, atingindo, desse modo, as ressonâncias. (FRONCKOWIAK; RICHTER, 2007, p. 60).

Conforme o autor, a fenomenologia da imaginação é alcançada através do espaço, onde as imagens são construídas através dele com um significado em si mesmo, entendida pelos leitores de diferentes maneiras. Em Bachelard a casa é entendida como um “verdadeiro cosmos”, onde o homem é acolhido e é capaz de sonhar, podendo desfrutar a solidão. Enfatiza ele que “[...] a casa é uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos dos homens”. (BACHELARD, 2000, p. 26). A casa é, para Bachelard, é o nosso primeiro universo.

As lembranças e os sonhos fazem parte do mundo psíquico, e a casa é um elo que se liga ao imaginário. Bachelard descreve a imagem do ninho comparado com a casa, mencionando que os habitantes de uma casa-ninho voltam sempre a ela, como os pássaros voltam ao ninho. Nesse sentido:

A casa está unida entre a emoção e a memória, já que o significado dado a ela é realizado de forma figurativa pelos indivíduos que nela habitam. A primeira casa é aquela em que está mais profundamente enraizada no inconsciente, onde as lembranças da infância encontram-se congeladas, tornando-a sucessiva e lembrando-



nos das ‘casas’, dos ‘apostos’, aprendemos a ‘morar’ em nós mesmos. Já podemos ver que as imagens da casa caminham nos dois sentidos: estão em nós tanto quanto estamos nelas. (BACHELARD, 2000, p. 20).

Para o filósofo, o devaneio é que permite o entendimento de que a casa é o espaço de vida de cada indivíduo, onde as lembranças, memórias, acontecimentos marcantes na vida desse ser está arraigada naquele espaço, único e insubstituível, onde os sentimentos afloram e fazem com que o indivíduo sinta-se mais próximo de si mesmo.

De acordo com Bachelard (2000, p. 25) “[...] todos os abrigos, todos os refúgios, todos os aposentos, tem valores oníricos consoantes”. Assim, uma casa onírica pode ser entendida como uma imagem que, nos sonhos e nas lembranças, torna-se uma força de proteção. Nela, vive-se e revive-se, não somente memórias que aquele espaço proporcionou, mas sim, como o lugar onde em algum momento serviu de proteção e que, de alguma maneira, ainda continua servindo. Desse modo, no pensamento de Bachelard (2000, p. 26) “[...] a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz”.

É através dessas palavras que Bachelard opõe à casa natal o sentido de casa sonhada, que seria a última morada. Nessa casa caberia toda a solidez, a comodidade e o conforto não tidos na primeira casa. Seria a casa final, a mais concreta, bem planejada, definitiva, mas também a mais triste, pois o devaneio é afastado pela realidade uma vez que depois que os sonhos se tornam reais, não se tem mais porque sonhar.

Bachelard focaliza os objetos que integram a casa, sendo estes de maior intimidade que a casa em si e, por esse motivo, possuem traços peculiares, que favorecem as lembranças. Estas, em certa medida, vêm à tona pelos poemas, que transportam o leitor à percepção poética dos objetos. Todos os espaços internos da casa são igualmente importantes, uma vez que preservam os sonhos da alma dos seres humanos, pois “[...] quem enterra um tesouro, enterra-se com ele”. (BACHELARD, 2000, p. 100).

Um bom exemplo do pensamento bachelardiano sobre a casa e o que a mesma representa na vida humana, encontra-se no poema, *A pensão da Rua Maruri*, de Pablo Neruda (2007, p. 51):

Uma rua é Maruri
As casas não se olham e não se querem,
e, no entanto, estão juntas.
Muro com muro, mas
suas janelas
não vêem rua, não falam,
são silêncio.
Voa um papel como uma folha suja



Desta árvore do inverno.
 [...] Abro o meu livro. Escrevo
 acreditando
 estar no oco
 [...] Sei que agora não tem ninguém,
 pela casa, na rua, pela cidade amarga,
 sou prisioneiro com a porta aberta,
 o mundo escancarado,
 sou estudante perdido e triste no crepúsculo,
 e vou subir para a sopa de massa
 e baixar para a cama e até o dia seguinte.

Desse modo, o devaneio poético faz com que o pensamento e o sonho aconteçam ao mesmo tempo na vida das pessoas. A imaginação, segundo Bachelard (2000), é uma linguagem pela qual os indivíduos adquirem empatia e afinidade em cada fazer do dia-a-dia. A imaginação constitui fortes ligações com o devaneio, pelo fato de que a imaginação é a propulsora da liberdade do devaneador, já que para Bachelard, o devaneio poético através do sonho é a maior liberdade que o homem possui.

2.3 A CASA-MEMÓRIA: ENTRELAÇANDO LEITURAS

A casa está presente na memória de muitos escritores, ora como objeto de rememoração, nostalgia da infância, ora como metáfora de escrita. Nesta parte do trabalho, apresentam-se alguns exemplos significativos de escritores que mostram a casa por esse viés.

A memória da infância do ser lírico é uma memória inscrita em um determinado espaço, que tem o poder de preservar, como diz Bachelard (2000), os tesouros dos dias antigos. Entre todos esses espaços, a casa assume um papel de destaque. Para ele “[...] todo o espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa”. (BACHELARD, 2000, p. 25). É a casa que mantém a infância imóvel, é graças a ela que um grande número de lembranças das pessoas estão guardadas.

A casa pode ser "lida" como um corpo de imagens, propiciando ao homem um agrupamento da razão ou de ilusões de estabilidade. Isso porque incessantemente se reimagina a sua realidade. Distinguir todas essas imagens seria desvelar a alma da casa, desenvolvendo, assim, uma verdadeira psicologia da casa. Assim, desvendar todas as imagens seria trazer a alma da casa para a vida do ser humano, uma vez que é no contexto da casa que se vive as



experiências, as primeiras trocas de afeto, de aconchego, de lar, de significação de si mesmo. A essa visão de casa, acrescenta-se a idéia de elevação vertical, na qual se dá também a elevação da memória e da consciência. (BACHELARD, 2000, p. 36).

A casa não é somente um local de habitação, mas carrega em si todo o significado da vida de seus habitantes. Segundo Neruda (2000, p.36):

A pedra e os pregos, a tábuas, a telha se uniram: é aqui
levantada
A casa *chascona* com água que corre escrevendo em seu idioma,
[...] teus olhos, meus olhos, estão derramados em rocha e
madeira
por todos os cantos, os dias febris, a paz que constrói,
e segue ordenada a casa com sua transparência.
Minha casa, tua casa, teu sonho nos meus olhos, teu sangue
seguindo
o caminho do corpo que dorme
[...] e o tempo recolhe em sua traça teu sonho e o meu
na casa que apenas nasceu das mãos despertas.

Quando a casa tem um sótão e um porão, corredores e cantos, as lembranças encontram esconderijos e lá permanecem até serem resgatadas. Essas particularidades, que compõem algumas casas, são frequentemente motivo de inspiração para alguns poetas. Estes, ao lembrarem-se dos espaços primeiros, os reconstituem por meio da linguagem poética.

Em *Segunda canção de muito longe*, o poeta Mario Quintana (1989, p. 49), destaca esses espaços habitados na infância, como descrições de sentimentos de quem recorda a casa.

Havia um corredor que fazia cotovelo:
Um mistério encanado com outro mistério, no escuro...
Mas vamos fechar os olhos
E pensar numa outra coisa...
Vamos ouvir o ruído cantado, o ruído arrastado das correntes do
algibe,
Puxando a água fresca e profunda.
Havia no arco do algibe trepadeiras trêmulas.
Nós nos debruçávamos à borda, gritando os nomes uns dos outros,
E lá dentro as palavras ressoavam fortes, cavernosas como vozes de
leões.
Nós éramos quatro, uma prima, dois negrinhos e eu.
Havia os azulejos, o muro do quintal, que limitava o mundo,
Uma paineira enorme e, sempre e cada vez mais, os grilos e as
estrelas...
Havia todos os ruídos, todas as vozes daqueles tempos...
As lindas e absurdas cantigas, tia Tula ralhando os cachorros,



O chiar das chaleiras...
 Onde andará agora o pince-nez da tia Tula
 Que ela não achava nunca?
 A pobre não chegou a terminar a Toutinegra do Moinho,
 Que saía em folhetim no Correio do Povo!...
 A última vez que a vi, ela ia dobrando aquele corredor escuro.
 Ia encolhida, pequeninha, humilde. Seus passos não faziam ruído.
 E ela nem se voltou para trás!

A casa não está aqui como lugar onde o passado se esconde, mas a casa é o espaço de memória escolhido, pois é ela que guarda, mesmo quando está demolida, o passado em toda a sua força. É nela que a memória do poeta sonha.

Diante de um misto de memória e imaginação, é que se enfatiza a casa paterna, por ser muito mais do que uma casa e também por se tornar um espaço em que a memória devaneia. Desse modo, entende-se que se a casa em que se vive ou se viveu é limitada, já a casa composta de lembranças e sonhos é ilimitada, pois a imaginação não tem paredes.

Lygia Bojunga Nunes (1988, p. 07) explora a casa através da imaginação, que sempre revelará algo a mais. Pode-se observar no seguinte memorial da leitora-escritora, o quanto os livros foram importantes na sua vida:

Pra mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena
 os livros me deram casa e comida.
 Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo;
 em pé, fazia parede; deitado, fazia degrau de escada;
 inclinado, encostava num outro e fazia telhado.
 E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá
 dentro pra brincar de morar em livro.
 De casa em casa eu fui descobrindo o mundo (de tanto
 olhar pras paredes). Primeiro, olhando desenhos; depois,
 decifrando palavras.
 Fui crescendo; e derrubei telhados com a cabeça.
 Mas fui pegando intimidade com as palavras. E quanto
 mais íntimas a gente ficava, menos eu ia me lembrando
 de consertar o telhado ou de construir novas casas.
 Só por causa de uma razão: o livro agora alimentava
 a minha imaginação.
 Todo o dia a minha imaginação comia, comia e comia;
 e de barriga assim toda cheia, me levava pra morar no
 mundo inteiro: iglu, cabana, palácio, arranha-céu,
 era só escolher e pronto, o livro me dava.
 Foi assim que, devagarinho, me habituei com essa troca
 tão gostosa que no meu jeito de ver as coisas
 é a troca da própria vida; quanto mais eu buscava no
 livro, mais ele me dava.
 Mas como a gente tem mania de sempre querer mais,



eu cismeï um dia de alargar a troca: comecei a fabricar
tijolo pra em algum lugar uma criança juntar com
outros, e levantar a casa onde ela vai morar.

A metáfora utilizada por Bojunga retoma a idéia de Monteiro Lobato, quando em carta ao amigo Godofredo Rangel, afirma que o seu maior desejo seria o de que seus livros alcançassem o público infantil, de tal modo que eles pudessem fazer deles sua morada: “Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim morar, como morei no Robinson e n’Os filhos do Capitão Grant”. (LOBATO, 1944, p.124).

A importância da casa, seja por permitir uma infinidade de devaneios seja por ser um espaço de refúgio, é extremamente importante, pois carrega um pedaço da história de vida do sujeito que a habita. O poema, “A casa”, de Olavo Bilac, embora tenha sido construído para uma infância do início do século XX, em que a voz de comando aparece no imperativo dos verbos, apresenta a relação de proteção e guarida do ambiente casa:

A casa

Vê como as aves têm, debaixo d’asa,
O filho implume, no calor do ninho!...
Deves amar criança, a tua casa!
Amar o calor do maternal carinho!

Dentro da casa em que nasceste és tudo...
Como tudo é feliz, no fim do dia,
Quando voltas das aulas e do estudo!
Volta, quando tu voltas, a alegria!

Aqui deves entrar como num templo,
Com a alma pura, e o coração sem susto:
Aqui recebes da Virtude o exemplo,
Aqui aprendes a ser meigo e justo,

Ama esta casa! Pede a Deus que a guarde,
Pede a Deus que a proteja eternamente!
Porque talvez, em lágrimas, mais tarde,
Te vejas, triste, desta casa ausente...

E já homem, já velho e fadigado,
Te lembrarás de casa que perdeste,
E hás de chorar, lembrando o teu passado...
Ama criança, a casa em que nasceste!
(BILAC, 1949, p. 125).

Certamente, as crianças de hoje, habitantes de uma nova arquitetura de casa, na sua maioria, sem sótãos, porões e corredores, são capazes, da mesma forma, de encontrar em cada canto da casa o seu local de intimidade, um espaço no qual se permitirá devanear.



Conforme destaca Bachelard (2000, p. 20): “Não somente nossas lembranças como também nossos esquecimentos estão ‘alojados’. Nosso inconsciente está ‘alojado’. Nossa alma é uma morada”. No entanto, não será da mesma forma como os longos devaneios causados pelos lugares antigos, tal como os sótãos, os porões e os corredores que faziam as crianças flutuarem através da imaginação.

2.4 ESTÉTICA DA RECEPÇÃO: ESCUTANDO A VOZ DO LEITOR

Diante de um texto literário, ao usufruir da linguagem poética e estética, o leitor não fica inerte, torna-se ativo, transformando o ato de ler. O leitor assume assim um papel fundamental na vivificação do texto, pois ele só existe a partir da concretização da leitura, segundo os teóricos da estética da recepção, em especial Jauss (2002 e 1994). Desse modo a estética da recepção baseia-se no efeito que o ato da leitura causa no leitor.

Nesse sentido, segundo Jauss (2002, p. 69):

A experiência estética não se inicia pela compreensão e interpretação do significado de uma obra; menos ainda, pela reconstrução da intenção de seu autor. A experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia com (*Einstellung auf*) seu efeito estético, isto é, na compreensão fruidora e na fruição compreensiva.

A estética da recepção proporciona o encontro entre a literatura e a vida real, quando o ouvinte partilha passando a ser agente (d) nessa produção. Segundo Regina Zilberman (1989, p. 54), “na estética da recepção o foco é dado ao encontro entre o leitor e a obra literária”.

Jauss atribui à leitura uma natureza emancipatória. Isso porque a experiência com a leitura faz com que o leitor se libere de situações usuais, que lhe causam prejuízos e desconforto na vida, conferindo-lhe uma nova percepção da realidade. Dessa maneira, afirma que é a leitura literária que desempenha de forma mais completa esse processo liberador, que é a função social da literatura. Partindo-se desse princípio, Busatto (2006, p. 80) afirma:

Na teoria da recepção, avalia-se o valor estético de uma obra literária pelo tanto que ela amplia o “horizonte de experiência” do leitor, ou seja, quanto maior a “distância estética” entre o que é conhecido de uma experiência anterior e o que a atual obra provoca de mudança do ponto de vista, de ampliação dos significados para a vida do leitor, é o que vai determinar a sua qualidade artística. Grande parte dos contos da tradição oral tem como característica repercutir suas vozes no sujeito-ouvinte, provocando uma “mudança de horizonte”.



As condições sócio-históricas em que os indivíduos envolvidos no processo da leitura se encontram é que determinarão o sentido e compreensão que os mesmos darão ao texto. Desse modo, à estética da recepção prioriza a formação de um paradigma baseado na formação de diferentes significações para um único texto, rompendo, dessa forma, com as afirmações, regras e técnicas corretas do objeto que se está explorando. Isso, “porque a experiência estética não é regulada por conceitos, ela se torna mais apta tanto a abrigar prenoções, quanto a permitir a visualização ou realização de experiências novas” (Jauss, 2002, p. 49).

O estabelecimento de relações entre texto e leitor, trazendo para o receptor o entendimento do que é transmitido pelo texto, faz com que a leitura e a situação de vida dos indivíduos se entrelacem. Dessa maneira, forma-se o sentido pelo qual o texto terá significados diversos, dependendo do momento e da fase histórica em que o sujeito se encontra.

O desenvolvimento da criança, nas diferentes fases, propicia um nível maior de compreensão do vocabulário em relação aos textos, assim como a auxilia na construção do próprio repertório de leitura.

A estética da recepção é o meio que entrelaça uma obra literária ao seu destinatário, ou seja, somente se o leitor estiver intervindo ativamente no texto em que esta lendo é que a obra terá sentido e será concebida como literária. Desse modo, as histórias contadas e lidas para as crianças são caracterizadas pelo imaginário despertado pelo texto literário. As palavras de Jauss contemplam de maneira mais ampla a estética da recepção ao dizer que:

A recepção abrange cada uma das atividades que se desencadeia no receptor por meio do texto, desde a simples compreensão até a diversidade das reações por ela provocadas — que incluem tanto o fechamento de um livro, como o ato de decorá-lo, de copiá-lo, de presentear-lo, de escrever uma crítica, ou ainda o de pegar um papelão, transformá-lo em viseira e montar a cavalo... independentemente das múltiplas reações possíveis e não teorizáveis, há uma conexão complexa das camadas instauradoras da recepção, que se oferecem para a apreensão teórica (JAUSS, 2002, p. 121).

A leitura literária de uma obra evoca lembranças, expectativas geradas a partir do efeito que ela causa, estabelecendo a função comunicativa. Segundo Jauss há três funções básicas na experiência estética: *poiesis*, *aesthesis* e *katharsis*:

A *poiesis* trata da técnica narrativa, tornando o leitor um co-autor do texto. Ele próprio completa as lacunas deixadas na obra, a partir das projeções que constrói.



A *aisthesis* se refere à visão de mundo, o prazer estético da percepção e do conhecimento, do contato com o belo, possibilitando contemplar a perfeição e desfrutar a própria arte, rompendo modelos estabelecidos.

A *katharsis* corresponde a uma de ação associada à função de comunicação, onde ocorre uma identificação com a obra, abrindo novas possibilidades, revelando não somente a comunicação, mas o caráter libertador da arte. Esse aspecto de liberdade ocorre pelo prazer, legitimando a função social. Segundo Jauss (2002, p. 101), *katharsis* pode ser designado como sendo:

[...] aquele prazer dos afetos provocados pelo discurso ou pela poesia, capaz de conduzir o ouvinte e o espectador tanto à transformação de suas convicções quanto à liberação de sua psique. Como experiência estética comunicativa básica, a *katharsis* corresponde tanto à tarefa prática das artes como função social — isto é, servir de mediadora, inauguradora e legitimadora de normas de ação [...].

De acordo com as concepções de Jauss em relação à *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis* são essas as categorias básicas que compõem uma obra estética caracterizando o prazer de estar em contato com uma obra literária. As características de uma obra quando passada ao leitor ou ouvinte, somente são desenvolvidas de forma produtiva se caracterizadas pelas três concepções citadas acima. Tanto que, “em todas as relações entre as funções, a comunicação literária só conserva o caráter de uma experiência estética enquanto a atividade da *poiesis*, da *aisthesis* ou da *katharsis* mantiver o caráter de prazer” (Jauss, 2002, p. 103).

Jauss em a *História da Literatura como provocação à teoria literária* constrói sete teses em que ele procura refletir sobre nova metodologia e forma de reescrever a história da literatura. Nestas teses, ele traz conceitos importantes para se pensar o papel do leitor, aqui em especial o horizonte de expectativas, mudança de horizonte e emancipação literária.

O critério de determinação do valor estético da obra literária é o seu poder de decepcionar ou contrariar as expectativas leitoras no momento de sua aparição, isso é, “a distância entre o horizonte de expectativa e a obra, entre o já conhecido da experiência estética anterior e a ‘mudança de horizonte’” (Jauss, 1994, p.31). Ao apresentar o novo desautomatiza as expectativas do leitor, apresentando-lhe um horizonte diverso do habitual, constituindo o caráter emancipatório da obra literária.

Logo, a estética da recepção é o aporte teórico adequado para auxiliar na análise das narrativas da recepção das crianças sobre os títulos lidos, que constituem o corpus deste trabalho. Isso com a finalidade de se compreender o processo de recepção da leitura literária, tendo como referência o leitor, pois se acredita que o mediador da leitura compartilhada possibilita o ouvinte interagir a partir das imagens, do silêncio, da escuta. O ouvinte/leitor



participa ativamente dessa construção, no momento que em que se propõe a fazer parte na/da escuta de um texto.

2.5 MEDIAÇÃO: UMA PONTE PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR

A mediação desempenha um papel fundamental na construção e formação de leitores emancipados, críticos, ávidos do prazer pela leitura. Por isso mesmo, é um aspecto essencial na contação e compartilhamento de histórias. Até mesmo porque, é por meio dela que o leitor desenvolve suas potencialidades leitoras ao apreender as histórias que lhe são contadas ou lidas e se faz leitor em potencial. As leituras compartilhadas, certamente, contribuirão para a permanência do gosto pela leitura por ser uma das atividades mais efetivas de estímulo à leitura. Conforme Teresa Colomer (2007, p. 143):

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas.

A mediação deve permear as ações e práticas de leitura em toda a sua dimensão, permitindo ao leitor ou ouvinte construir relação com as histórias que lhe são contadas ou lidas e com o imaginário proporcionado por elas. Pode-se assim dizer que a mediação é um auxiliar por excelência na formação leitora do ser humano, permitindo-lhe acessar o mundo imaginário, a reinventar e transformar o mundo idealizado a partir das histórias lidas ou ouvidas. Nesse sentido, Teresa Colomer (2007, p. 105) também esclarece:

[...] a forma pela qual os adultos ajudam a criança a explorar seu mundo à luz do que ocorre nos livros e a recorrer à sua experiência para interpretar os acontecimentos narrados, incentiva a tendência a imaginar histórias e a buscar significados que é própria do modo humano de raciocinar. E sabemos que uma criança tem o dobro de possibilidades de ser leitor se viveu essa experiência.

Assim, a mediação, além de estimular a imaginação, constitui-se em um recurso eficiente para levar o leitor a exercitar a capacidade de interpretação, a ampliar o seu vocabulário e a encontrar os significados para as histórias a partir das suas percepções. A leitura permeada pela mediação nas diferentes fases de vida do leitor é a grande responsável pela relação eficiente do ouvinte com os livros. Tanto que “o mediador (em qualquer âmbito



que seja) é quem fomentará as primeiras tendências leitoras, consolidando-as com as estratégias mais adequadas em cada momento” (CERRILLO, 2007, p, 202). Cerillo (2007, p. 192) ressalta ainda que:

Na infância e na adolescência, os leitores têm níveis diferentes e progressivos nas suas capacidades de compreensão leitora e recepção literária; por isso, é necessário o mediador, como ponte ou enlace entre os livros e estes primeiros leitores, que propicia e facilita o diálogo entre ambos.

É necessário sublinhar, também a necessidade de se construir práticas dinamizadoras e motivadoras eficientes que favoreçam o acesso aos diferentes tipos de leituras presentes no mundo atual. E que também colaboram para a constituição do leitor comprometido com a leitura prazer, que lê livremente diversos tipos de textos, em situações diversas, sendo capaz de refletir e opinar sobre os textos lidos. O leitor se constitui enquanto tal a partir dos suportes que os textos lhe oferecem pela mediação que, agregada ao processo de leitura, contribui para a formação do leitor.

Além disso, cabe lembrar que os estudos teóricos da área da leitura têm enfatizado a participação e a organização de instituições sociais na formação do leitor. Essa tendência de democratização do acesso à leitura é uma evidente demonstração de que a preocupação com a mediação da leitura não está reduzida ao espaço escolar. É o que se pode observar, no seguinte trecho:

A literatura científica da área da leitura aponta para o fato de que a formação do leitor passa por diferentes etapas de desenvolvimento, envolvendo a ação de múltiplas instituições sociais: família, grupo de amigos, escola, biblioteca, clubes de serviços, etc. (SILVA, 2009, p. 24).

Dessa constatação, pode-se inferir que as ações de mediação de leitura em qualquer âmbito, se bem delineadas, constituem-se em fortes condicionantes para provocar a curiosidade pelos livros e similares. Assim, quer a leitura de contos de fada quer de revistas ou de ficção científica, a vivência com determinado tipo de leitura deixa “suas marcas no *background* do leitor, permitindo não apenas o (re) conhecimento de gêneros ou configurações textuais em circulação, como também de uma memória particular de leitura”. (SILVA, 2009, p. 25).

A mediação elaborada eficientemente favorece a ampliação dos horizontes do leitor, seus conhecimentos, seu repertório cultural, sua capacidade crítica e inventiva, além de auxiliá-lo na recuperação e ressignificação de suas vivências. Além disso, cabe ao mediador estreitar os laços entre o texto literário e os alunos, favorecendo ao aluno a descoberta das suas especificidades literárias. Isso considerando que:



O que leva o jovem leitor a ler não é o reconhecimento da importância da leitura, e sim várias motivações e interesses que correspondem à sua personalidade e ao seu desenvolvimento intelectual. A percepção dessas motivações e interesses esclarece qual é a tarefa do professor: treinar jovens leitores bem-sucedidos, apresentando-lhes o material de leitura apropriado, de modo de que o êxito não somente inclua boas habilidades de leitura, mas também o desenvolvimento de interesses de leitura capazes de durar a vida inteira (BAMBERGER, 1995, p. 34).

Daí a importância do papel do mediador, enquanto co-responsável pelo processo que permeia a formação do leitor nas diferentes fases de sua formação leitora. Nesse sentido, Cerrillo (2007, p. 192) enfatiza:

Na prática e na promoção da leitura, sobretudo quando os seus destinatários são crianças e adolescentes, é muito importante a figura do mediador, papel que costumam cumprir adultos com perfis específicos (pais, professores, educadores sociais, trabalhadores sociais, ou bibliotecários), ainda que, em boa lógica, devêssemos considerar também como tal os leitores, os autores e os livreiros.

Como se pode observar, a figura do mediador é central na formação do leitor e é desempenhada por pessoas que, reservam competência para desempenhar atividades de formação leitora. A ele cabe a função de, não apenas criar formas de aproximação com a leitura, mas de proporcionar o encontro com a leitura por meio de instrumentos eficazes para a formação do leitor. A esse respeito Fabiano dos Santos esclarece:

Os agentes de leitura – não apenas dão movimento a esse trânsito como desempenham o papel de fazer interagir diferentes mundos e experiências por meio da literatura numa interface com outras linguagens artísticas e suportes de leituras. (SANTOS, 2009, p. 39).

A mediação da leitura, portanto, não é algo fortuito, mas algo que se constrói na relação do leitor com a literatura. Isso, à medida que a mediação favorece a interação com diferentes mundos e experiências compartilhados por intermédio da leitura. Trata-se, portanto, de um aspecto promissor no que tange ao desenvolvimento qualitativo do leitor. Não por acaso, Teresa Colomer (2007, p. 106) enfatiza:

[...] se trata de uma aprendizagem social e afetiva. Aqui está, realmente, o ponto nevrálgico em torno do qual se situa a intervenção. Pode-se afirmar, cada vez com maior segurança e de maneira cada vez mais pormenorizada, que a leitura compartilhada é a base da formação de leitores.

Nesse sentido, à esteira de Aidam Chambers, Teresa Colomer lembra ainda que o progresso da interpretação dos livros por parte do leitor está focado em três tipos de participação, sendo elas: o compartilhar o entusiasmo, o compartilhar a construção do significado e o compartilhar conexões que os livros estabelecem entre eles. (CHAMBERS apud COLOMER, 2007, p. 107). Assim, na formação de leitores, a competência e a



habilidade do mediador para elaborar atividades de leitura são fundamentais, considerando que “a prioridade das prioridades para se formar um país de leitores é formar pessoas capacitadas para serem mediadores, entendidos como facilitadores das circunstâncias que aproximam o leitor do texto, da leitura.” (NETO, 2009, p. 66).

Para tanto, faz-se necessário estabelecer medidas de apoio e promoção da leitura, tais como: criação de espaços especiais para que o leitor possa viver a experiência com a leitura como fonte de prazer, reflexão e desenvolvimento humano; elaboração de programas de aquisição e distribuição de livros; acesso a bibliotecas, para leituras individuais e coletivas; estímulo à leitura de textos de diferentes gêneros literários. Com base nessas considerações, Marques Neto (2009, p. 66) enfatiza ainda que “sem mediação segura, sem agentes bem formados e sem estruturas adequadas, entre as quais a da biblioteca, os livros se perdem e a leitura se pulveriza [...]”.

Os meios pelos quais se promovem o incentivo constituem a chave de abertura para a expansão da leitura, transcendendo os entraves causados pelas barreiras formadas pela obrigatoriedade, que durante muito tempo perduraram nas unidades escolares. A função socializadora da literatura tem reclamado seu espaço e tomado as escolas e outras instituições sociais. De modo que, especialmente, nas escolas “além de criar comunidades de leitores nas aulas, os livros para compartilhar podem estabelecer laços entre a escola e as famílias. Os livros que vão e vêm da escola para a casa, através do empréstimo, permitem agregar os familiares à leitura compartilhada” (COLOMER, 2007, p. 150).

A escola, portanto, deve zelar por esse primado, uma vez que ela tem a função social de buscar vínculos afetivos, inclusive, via leitura, não somente no espaço escolar, mas também com a comunidade, principalmente com os pais. Por intermédio dos vínculos estabelecidos pela literatura, a escola pode ainda buscar a transformação da sociedade, auxiliando-a a rever valores e padrões consagrados por uma educação normativa.



3 PERCURSO METODOLÓGICO

“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos”.

Fernando Pessoa (1888 – 1935)

A presente pesquisa foi desenvolvida a partir de pesquisa bibliográfica e de intervenção. A pesquisa bibliográfica foi fundamental, no sentido de visitar o referencial teórico para o desenvolvimento deste estudo sobre a literatura para infância e sua mediação, bem como a narrativa de histórias. Já a de intervenção, foi importante para a sistematização do estudo que se propôs realizar.

A pesquisa de intervenção de caráter qualitativo permite ir além dos dados referenciais. Segundo Bauer; Gaskell (2008), ela pressupõe a compreensão e interpretação das falas/vozes dos alunos, sendo fundamentada em conceitos capazes de dar-lhe respaldo e coerência. No mesmo sentido, Rauén (2006, p. 168) acrescenta que: “Nas análises qualitativas, o pesquisador destaca os sentidos, os elos lógicos entre as unidades ou categorias. Os procedimentos são menos codificados, o que não implica que as ações sejam aleatórias e subjetivas”.

A pesquisa de intervenção efetivou-se por meio de um número de atividades de leitura compartilhada, buscando verificar como o público participante as recebia. O público participante² foi constituído de um grupo de 20 (vinte) crianças, e 9 (nove) meninas e 11 (onze) meninos, do 3º ano do Ensino Fundamental da Escola Cenecista de 1º e 2º graus, Padre Manoel Gomes Gonzalez, uma escola privada, de caráter filantrópico, localizada no município de Nonoai, (RS). A escolha do grupo deu-se pelo fato dos alunos já possuírem conhecimento da leitura e escrita, possibilitando uma maior recepção dos textos literários. E ainda por se tratar de um momento em que a criança está em pleno desenvolvimento de suas capacidades e habilidades de leituras; de curiosidade com o mundo das palavras e, por isso,

² Todos os registros das crianças foram autorizados pelos seus responsáveis. O modelo do Termo de Consentimento Livre Esclarecido encontra-se em anexo.



capaz de construir uma relação afetiva com as leituras que lhe servirão de suporte a vida inteira.

Os instrumentos de pesquisas para a coleta de dados se constituíram de conversas informais, registros fotográficos e registros orais e escritos³. As falas das crianças surgiram espontaneamente. A fim de preservar o maior número possível de detalhes das vozes dos alunos, optou-se em fazer uso do gravador para compilá-las, sem que com isso fosse violado o direito a livre expressão, pois as crianças foram informadas a respeito, com podemos observar a transcrição a seguir:

P - Iniciaremos hoje a atividade com a narrativa do livro, A caligrafia de Dona Sofia. Aqui está o gravador, tudo que falarmos ficará registrado.

Luiz – Ai, a professora da Didi⁴ vai acha engraçado!

Pedro – Ela sabe que é criança!

Poderia-se questionar se essa comunicação não seria uma forma de cercear ou constranger as crianças. Entretanto, por mais que a “advertência” possa de alguma forma ter inibido a espontaneidade dos alunos não se pode deixar de informá-los, ainda mais estando em um espaço educativo.

Além do mais, ao negar tal informação incorrer-se-ia na falta de ética e mais, se estaria ferindo a garantia constitucional do direito a intimidade previsto no art. 5º, inciso X da Constituição Federal de 1988 e o direito ao respeito para com as crianças pesquisadas, previsto no art. 15 da Lei 8.069/90, que trata do *Estatuto da Criança e do Adolescente*, ambos transcritos abaixo:

Art. 5º, X, da CF/88: “são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação”; (p. 08)

Art. 15 da Lei 8.060/90: “A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis” (PINTO et al, 2009, p. 1046).

Já, o ECA, Lei n.º 8.069/90, trouxe uma nova dinâmica no que diz respeito à proteção constitucional na infância e na juventude, que é a Doutrina da Proteção Integral, principal diretriz do Estatuto da Criança e do Adolescente. Tal doutrina

³ Todos os registros das crianças foram autorizados pelos seus responsáveis. O modelo do termo de consentimento livre esclarecido encontra-se em anexo.



assegura proteção integral à criança e ao adolescente, contemplando, inclusive, em pesquisas científicas de campo, a necessidade de cientificação dessas pessoas, em idade de desenvolvimento, uma vez que estarão sendo objeto da pesquisa proposta. Isso, em se tratando do fato da autorização já existir, uma vez que foram dadas pelos pais, no caso seus representantes legais. Deste modo, mais que uma questão ética, trata-se de uma questão de exigência legal, a necessidade de cientificá-las sobre o evento, até mesmo para que possam exercer a livre escolha de participar ou não da pesquisa.

Assim, omitir o fato seria uma forma de privá-las de exercerem seu papel enquanto ser humano e até mesmo sujeito de direito. Segundo Pegoraro (2008, p. 52): “A ética não é um conjunto de normas dadas por uma autoridade divina ou filosófica, mas emerge da experiência humana e do processo civilizatório”.

O contato com o espaço de pesquisa e o seu desenvolvimento se deu em três momentos:

1º Momento – No segundo semestre de 2008, em setembro, deu-se o contato com a direção da escola, a professora regente da turma, e o espaço físico da escola, em particular a biblioteca para estudo do acervo.

2º. Momento – Foram realizadas atividades com o grupo de crianças desenvolvendo a leitura compartilhada de 4 títulos no período de quatro meses.

ATIVIDADES	Datas
<i>O livro das casas</i> , de Liana Leão.	24 de março de 2009
<i>Quanta Casa!</i> de Rosa Amanda Strauz	29 de abril de 2009
<i>Antologia de Poesia Brasileira para crianças</i> Teo Pueblo.	12 de maio de 2009
<i>Minha casa é azul</i> , de Alain Serres e Edmeé Cannard	09 de junho de 2009

Tabela 1: cronograma das atividades

3º Momento – Efetivamos a leitura compartilhada de dois títulos, totalizando 12 encontros num total de 40 horas.

⁴A designação Didi é como a pesquisadora é chamada pelos alunos da escola e também por pessoas da comunidade.



ATIVIDADES	2009										
	Set	Out.									
	13 e 14	01	05	07	13	14	20	23	27	28	29
	8 h	4hs	2hs	4hs	2hs	4hs	2hs	2hs	2hs	2hs	10hs
Atividade com o Poema <i>A casa</i> de Vinícius de Moraes	x										
Leitura compartilhada do Livro <i>A caligrafia de Dona Sofia</i>		x									
Leitura feita pelo grupo			x								
Elaboração dos desenhos poéticos				x							
Leitura dos poemas					x						
Elaboração dos cartões poéticos						x					
Leitura da narrativa e poemas							x				
Ensaio com todo o grupo								x			
Ensaio com todo o grupo									x		
Ensaio e preparação do espaço										x	
Feira do Livro											x

Tabela 2: cronograma de atividades

Nesses encontros foi possível fazer uma avaliação da recepção e o efeito que a leitura de livros literários proporcionou ao grupo de crianças, de 3º ano do Ensino Fundamental.

Para a leitura compartilhada optou-se pelo uso de títulos que trouxessem tanto textos em prosa como poemas; os livros selecionados tiveram como tema “a casa”. A escolha dessa temática deu-se por entender que ela é uma colaboradora na criação de laços de afetividade quando a leitura acontece de forma compartilhada, integrada, propiciando à criança um contato prazeroso com a leitura literária. Como escreveu Carlos Drummond de Andrade (1990, p.87) “[...] Mas as coisas findas, muito mais que lindas essas ficarão”.

A seleção dos livros literários obedeceu ao critério da literariedade, a qualidade das ilustrações, no sentido de diálogo entre texto e imagem. Os livros foram cuidadosamente selecionados levando-se em conta o domínio de leitura do grupo de crianças participantes.



Realizar uma pesquisa como esta, que exigiu uma constância e permanência no espaço escolar, somente foi possível pelo apoio incondicional da direção da escola e da professora regente. Cabe aqui explicitar o porquê de sua escolha e que espaço é este.

A escolha por este espaço educativo se deu pelo fato de que há uma ligação de memória entre a pesquisadora e a escola. Ali, ela teve o contato com as primeiras letras, foi alfabetizada e frequentou as séries iniciais. No ano de 1988, o então diretor, Antonio Dambrós, dá a pesquisadora à primeira oportunidade de trabalho. Exerceu a regência de classe, ministrando a disciplina de Educação Artística, no pré-escolar, na 4ª série e no 1º ano do 2º grau, de 1988 a 1995.

A escola pesquisada foi criada em 17 de setembro de 1967, no município de Nonoai (RS). Um grupo de pessoas, de classes e credos diferentes, foi movido pelo desejo de implantar na pequena cidade uma escola que atendesse os anseios da comunidade. Inicialmente, a escola foi denominada Sociedade Educacional Nonoaiense, uma entidade civil sem fins lucrativos. Posteriormente, passou a denominar-se Escola Cenecista de 1º. 2º Graus Padre Manoel Gomez Gonzalez. A escola localiza-se na Rua Oliveira Lima, 462, Nonoai (RS).

A escola se encontra na área central da cidade e é cercada por árvores frondosas que lhe confere um ar bucólico. Ela conserva a mesma arquitetura da época de fundação, brindando a todos com certa nostalgia. Apesar do aspecto provinciano, ela não abdicou do avanço tecnológico, permitindo a todos uma educação de qualidade.

Atualmente, a escola tem um total de 247 (duzentos e quarenta e sete) alunos, sendo que 10% são bolsistas; conta com 24 (vinte e quatro) professores e 4 (quatro) funcionários, atendo o público escolar da Educação Infantil ao Ensino Médio.

O espaço da biblioteca, embora pequeno, é bastante arejado. Ela possui um pequeno acervo, em especial, no que diz respeito à literatura infantil, atingindo uma média de dois mil exemplares, no total. Os livros estavam bastante deteriorados, pelo manuseio e pela falta de reposição. Uma professora da escola é responsável por esse espaço, onde os livros estão à disposição das crianças que podem fazer empréstimos. Constatou-se, por meio do Projeto Político Pedagógico (PPP), que a escola não possui um plano específico para literatura infantil, sendo esta uma tarefa desenvolvida a critério do professor, em sala de aula.



3.1 ONDE TUDO COMEÇA: RELATO DOS PRIMEIROS ENCONTROS

No segundo semestre de 2008, mais especificamente no mês de setembro, com a finalidade de saber mais sobre a realidade da escola e também estabelecer contato com a direção e com os alunos, com os quais desenvolveria a pesquisa visitou-se a biblioteca. Nesse ambiente, foi realizado um levantamento dos livros de literatura, que contava com um acervo bastante precário; poucos exemplares se encontravam em bom estado. No que se refere aos livros de literatura infantil, o acervo não acompanhava a quantidade e qualidade disponível no mercado editorial brasileiro. Cabe aqui lembrar que é impossível formar leitores sem um acervo, como afirma Daniel Pennac (1993, p. 145):

O dever de educar consiste, no fundo, no ensinar as crianças a ler, iniciando-as na Literatura, fornecendo-lhes meios de julgar livremente se elas sentem ou não a “necessidade de livros”. Porque, se podemos admitir que um indivíduo rejeite a leitura, é intolerável que ele seja rejeitado por ela.

Consciente de que sem um acervo de qualidade seria impossível realizar um bom trabalho, foi conversado com a diretora da escola sobre a possibilidade de se obter a doação de alguns livros de literatura infantil. E, também, sobre o contato mais próximo com os alunos do 2º ano, do Ensino Fundamental, com os quais se desenvolveria as atividades de intervenção, durante o ano de 2009.

Em pouco tempo, com a mobilização de amigos e familiares, conseguiu-se cerca de (50) cinquenta livros que foram doados para a escola. Mesmo tratando-se de uma escola privada, ela enfrentava sérios problemas com relação ao acervo da biblioteca. Isso devido ao número reduzido de alunos, as dificuldades econômicas e o baixo poder aquisitivo da comunidade.

Com os títulos levantados foi organizada uma sacola com livros de literatura infantil que foi entregue a professora da turma, então cursando o 2º ano do Ensino Fundamental, para que ela encaminhasse aos alunos. Esta iniciativa promoveria o contato mais estreito com os livros literários e prepararia o terreno para a intervenção que desenvolveria com as crianças⁵.

⁵ Por morar próximo a escola, com frequência encontrava as crianças, elas me contavam dos livros que estavam lendo, que tinham gostado muito da idéia. Logo vieram as férias e os livros da sacola continuavam circulando.



Para o segundo encontro, dia 29 de abril, o local escolhido para realização da leitura foi à praça em frente à escola; um ambiente seguro, bastante agradável, em contato com a natureza, calmo e arborizado. Os alunos foram muito receptivos a proposta de sair da sala. No primeiro momento, ficaram bastante eufóricos diante da perspectiva do que fariam e do que iria acontecer.

Inicialmente, conversou-se sobre as leituras que estavam fazendo, sendo que alguns alunos relataram sobre as histórias que estavam lendo, do envolvimento dos irmãos, dos pais e falaram dos livros que mais gostaram.

As crianças ressaltaram a importância dos encontros e que esperavam com muita ansiedade os próximos para ouvir, ler e compartilhar histórias.



Figura 2: Imagem do momento de leitura compartilhada

Fonte: Acervo particular da pesquisadora

A narrativa escolhida para este encontro foi *Quanta Casa!* de Rosa Amanda Strauz. Trata-se de uma narrativa que aborda os direitos humanos e o cuidado com o meio ambiente, a relação de amizade entre um caminhoneiro chamado, Tião Parada, que viaja por todos os lugares e o menino, João, morador de rua, que procurava caixas de papelão para fazer uma “casa” onde pudesse morar com seus irmãos. É uma narrativa de tema atual que, embora não faça, diretamente, parte do cotidiano das crianças foi apreciada por eles com bastante interesse.



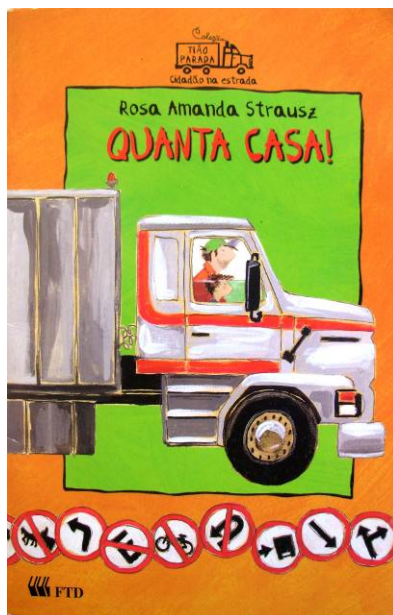


Figura 3: Imagem da capa do livro *Quanta Casa!*

Fonte: <http://www.editoraftd.com.br>

Dia 12 de maio, o entusiasmo tomava conta de todos os alunos. Nesse dia, a pesquisadora e os alunos reuniram-se, novamente, na praça para a leitura de poesias do livro, *Antologia de poesia brasileira para crianças*, e ilustrações, de Teo Puebla. Este livro traz uma seleção de poemas de obras de alguns dos maiores poetas brasileiros, dentre eles: Cecília Meireles, Casimiro de Abreu, Carlos Drummond de Andrade, Mario Quintana, Vinícius de Moraes e Manuel Bandeira.

Os poemas falam das coisas simples da vida: amor, amizade e da beleza do mundo. As crianças demonstraram uma alegria muito grande, nesse dia, todos pediram para fazer a leitura e ficaram encantados com a sonoridade das palavras. A percepção causada pela poesia causou uma atmosfera de alegria e prazer nas crianças que, por instantes, pareciam flutuar.

A linguagem poética, valorizada pela leitura oralizada, através da linguagem do sensível, do som, da melodia, do ritmo, faz com que ouvinte exercite a percepção utilizando elementos que possibilitem transmitir emoção, valorizando a qualidade estética. Segundo destaca Bordini (2009, p. 158):

O poema eficaz proporciona um quadro mental esteticamente produtivo, dosando a quantidade de vazios ou indeterminações de modo a permitir que o leitor os preencha segundo seu horizonte de pressuposições e conceitos, mas não a ponto de criar um novo poema só para si, sem possibilidades de ser posto no circuito das demais consciências.



É nesse sentido que o poema se torna um meio salutar por excelência de afloramento das emoções do leitor. A linguagem poética serve ao leitor, na medida em que o possibilita acessar a um mundo de perspectivas que se lhe apresenta de forma dinâmica e prazerosa. Esse entendimento norteou as etapas das atividades.

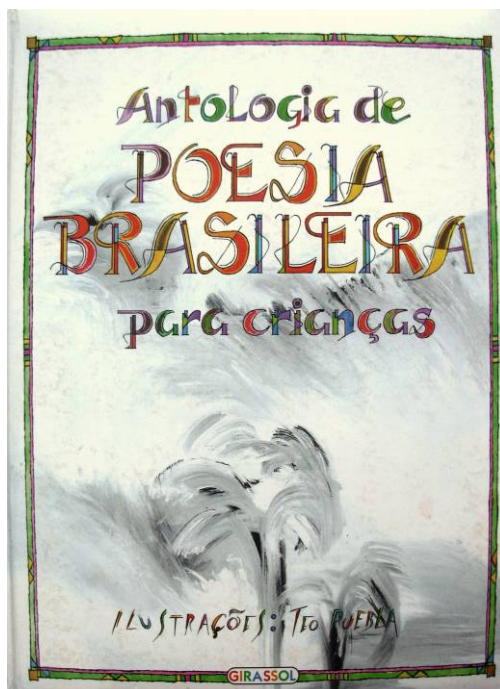


Figura 4: Imagem da capa do livro *Antologia de Poesia Brasileira para crianças*.

Fonte: <http://www.editoragirassol.com.br>

O quarto encontro, dia 09 de junho, ocorreu na sala de aula, onde foi realizada a leitura do livro, *Minha casa é azul*, de Alain Serres e Edmée Cannard. A história está centrada na visão de um menino que enxerga o mundo sonhando e vai apresentando sua casa, um lugar quase todo azul, mas bastante colorido; pequena, porém, infinitamente grande e com teto aberto para o céu.

A narrativa com linguagem poética transita entre a grandeza do universo e os sentimentos que habitam o coração do narrador, num ir e vir de emoções e sonhos. Assim, ele vai descobrindo galáxias, a lua, a terra, os continentes e todos os seres que habitam nesse universo. Uma viagem que possibilita o leitor compreender seu lugar no mundo. Nas palavras do narrador: “Minha casa é azul infinitamente grande, porém maior ainda é o seu mistério” (2009). A leitura oralizada dessa narrativa contou com grande envolvimento das crianças.





Figura 5: Imagem da capa do livro *Minha casa é azul*

Fonte: [http:// www.edicoessm.com.br](http://www.edicoessm.com.br)

A leitura oralizada de histórias e poesias de forma compartilhada reafirma de forma significativa a familiaridade entre as crianças e a pesquisadora, que uma vez tocadas pela escuta entrelaçavam vozes, gestos, olhares. Essa ação conjunta resultava em estímulo para novas leituras, novas descobertas.

Os encontros resultaram na confecção de quatro sacolas, agora denominadas de sacolas de leitura compartilhada. As sacolas foram confeccionadas com o objetivo de aproximar ainda mais as crianças do 3º ano da leitura literária. Elas foram produzidas com tecidos coloridos, visualmente atrativos.

Cada sacola comportou o total de (10) dez livros de gêneros variados, e agregados aos livros, também, se encontrava um conjunto de fantoches, para proporcionar momentos lúdicos às crianças.

Montou-se um calendário com o rodízio e o tempo que cada aluno ficaria com a sacola. Desta maneira, todos teriam a oportunidade de ler todos os livros.





Figura 6: Imagem dos livros presentes nas sacolas de leitura compartilhada.

Fonte: Acervo particular da pesquisadora.



Figura 7: Imagem da sacola de leitura compartilhada

Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Para que as sacolas cumprissem seu objetivo foi necessária a participação efetiva dos pais. Desse modo, juntamente com a direção e a professora regente, reuniu-se, no dia 17 de julho de 2009, no período noturno, com a finalidade de apresentar o projeto de pesquisa que seria desenvolvido com as crianças do 3º ano. O comparecimento dos pais foi surpreendente. Eles se mostraram bastante entusiasmados e solícitos, quando se destacou que o envolvimento e participação de todos seria muito importantes.



Neste mesmo momento, os pais foram informados a respeito das sacolas de leitura compartilhada. Explicou-se a eles a finalidade das mesmas e o tempo que cada criança ficaria com as sacolas, sendo que, nesse período, as crianças não teriam nenhuma atividade obrigatória, além da própria leitura.

A idéia era a de que as crianças pudessem compartilhar histórias com os pais, avós, e outras pessoas da família. Por conta disso, a leitura não estaria vinculada a nenhuma atividade de cobrança. Os pais ficaram surpresos. Isso mostrou que a idéia de leitura na escola, normalmente, está vinculada a uma nota, ou seja, a leitura literária acontece de forma escolarizada.

As crianças, que estavam presentes na reunião, posicionaram-se:

- Não acreditamos que só vamos ler, então, assim vai ser muito melhor.

Salientou-se a importância da leitura compartilhada e que o estímulo à leitura deveria iniciar na família. Explicou-lhes, ainda, que nesse universo afetivo, as histórias ocupam um lugar privilegiado, permitindo que a criança estabeleça laços de proximidade com as narrativas e com os autores. E, além disso, elas exercem uma função significativa no desenvolvimento infantil, quando mediada pelos pais. Julgou-se oportuno explicar aos pais a importância do incentivo à leitura, considerando que:

Falar com uma criança, contar-lhe histórias ou casos é estar interessado em sua escuta, é autorizá-la a ter idéias. O resultado de uma narrativa proveniente dos pais é mais que uma criação coletiva, é uma história ficcional que se escreve enquanto alguém vive sua história real, uma se desenvolve apoiada na outra (CORSO e CORSO, 2007, p. 301).

O envolvimento dos pais em atividades de leitura literária, de forma compartilhada, tem uma função relevante, no desenvolvimento da criança, quer pela leitura de livro quer pela narrativa de histórias, pois, conforme destaca Colomer (2007, p. 105):

Observou-se, também, que a forma pela qual os adultos ajudam a criança a explorar seu mundo à luz do que ocorre nos livros e a recorrer à sua experiência para interpretar os acontecimentos narrados, incentiva a tendência a imaginar histórias e a buscar significados que é própria do modo humano de raciocinar. E sabemos que uma criança tem o dobro de possibilidade de ser leitor se viveu essa experiência.

Portanto, pais interessados na formação leitora de seus filhos devem priorizar os momentos de leitura, pois é na infância que se inicia a formação dos esquemas mentais capazes de desenvolver habilidades que lhes servirão para toda a vida. Dessa forma, pais



presentes nas atividades literárias das crianças é muito mais do que criar momentos de atenção dedicados aos filhos é, também, uma forma singular de ampliar neles a capacidade de interação e interpretação de textos e histórias literárias, tão importantes ao seu progresso em todas as esferas da vida.

As sacolas começaram a sua trajetória de idas e vindas no dia 17 de julho e, a cada troca de grupo, eram acrescentados novos títulos. A circulação dos livros foi intensa até 18 de dezembro de 2009, embora não se estivesse mais realizando a pesquisa.

Nos encontros, as crianças sempre tinham histórias para contar das leituras, dos livros que a mãe mais gostou ou aquele que o pai mais gostou. O envolvimento da família com livros e a leitura sempre era mencionado pelas crianças.

Um dado importante chamou a atenção, as crianças começaram a mencionar títulos de livros que não estavam na sacola. Buscando informações, a pesquisadora e a professora da turma foram até a biblioteca da escola e fizeram um levantamento dos livros retirados pelos alunos do 3º ano. Segundo os registros, os referidos alunos retiravam, em média, de 2 (dois) a 3 (três) livros por semana. Essa constatação demonstrou um alto grau de envolvimento com a leitura das crianças que escolhiam livremente os livros. Elas falavam sobre os autores com muita desenvoltura e tinham uma preferência por livros de poesia, tais como os de Mario Quintana, Cecília Meireles, Elias José, Vinícius de Moraes, entre outros.

Neste período, entre abril e junho, foi realizada, na escola, a rifa de uma bicicleta, com objetivo de arrecadar fundos para aquisição de livros. A diretora encarregou a pesquisadora da escolha e compra dos livros. Entre literatura infantil e juvenil foram adquiridos cerca de 250 exemplares.



4 LEITURA COMPARTILHADA: O CRUZAMENTO COM DIVERSAS LINGUAGENS

A poesia tece sua contradança no espaço das coisas visíveis, na chuva rolante que lava os telhados, no vento descabelado que trança os ares; no gesto cortês do enamorado. Em cada visão/ação um convite para um bailado ritmado de cores e sons.
Eliane Debus (2006, p. 54)

Neste capítulo apresentamos as duas intervenções realizadas de forma mais sistematizadas, propondo atividades concretas com os livros literários, após a leitura compartilhada, entendendo isso como uma ampliação do universo leitor e não avaliação de leitura.

4.1 A CASA ENGRAÇADA QUE DE TUDO TINHA UM POUCO

No período de 13 a 14 de setembro, realizou-se uma atividade de intervenção junto ao grupo de crianças. A opção de trabalhar com o poema “A casa” (2004), de Vinícius de Moraes se deu pela escolha do corpus do trabalho e pelas variadas leituras que este possibilitaria. Assim, buscou-se realizar um trabalho que dialogasse com as diferentes linguagens: escrita, sonora e imagética, através da utilização da letra, música e vídeo.

A linguagem nas suas múltiplas dimensões exerce um papel fundamental na formação do indivíduo, de maneira que encontrar formas que possibilite ampliá-las, quer por meio de palavras quer por meio de imagens e sons permitem que a criança seja estimulada a desenvolver formas diversificadas de ver, sentir e olhar. Segundo Anna Maria Balogh (2001, p. 46), “O próprio conceito de linguagem estende-se hoje para todos os universos artísticos dotados de sentido, não importa que o tecido de relação se faça entre palavras, palavras e imagens, entre palavras sons e imagens”.



Ao atribuir novos significados a leitura da palavra, possibilita-se o desenvolvimento da função comunicativa e socializadora, permitindo outras formas de expressão e representação.

Indiscutivelmente, adultos e crianças conhecem os poemas de Vinícius de Moraes, principalmente, na versão musicada, porque contém um atrativo a mais, o ritmo e a melodia alegre. O livro *A Arca de Noé*, de Vinícius de Moraes traz vários poemas, dentre esses, o poema “A casa” (2004), com ilustrações de Nelson Cruz, publicado pela Companhia das Letrinhas.

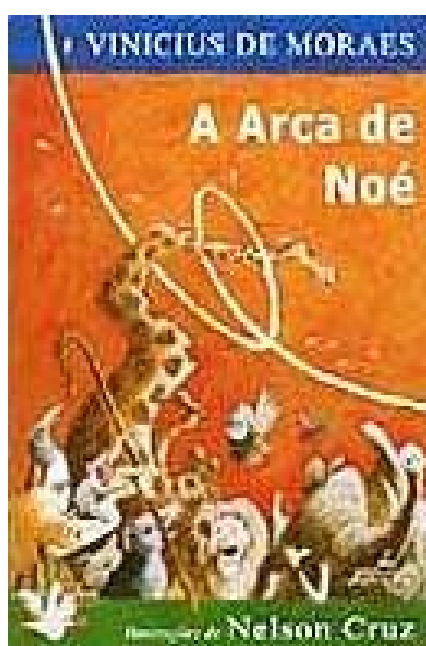


Figura 8: Imagem capa do livro *A Arca de Noé*

Fonte: [http:// www.livrariacultura.com.br](http://www.livrariacultura.com.br)

Vinícius de Moraes nasceu no Rio de Janeiro, em 19 de outubro de 1913 e faleceu, em 09 de julho de 1980. Foi poeta, compositor, interprete e é considerado um dos maiores poetas do Brasil. O poema “A casa” recebeu várias versões musicadas, entre elas trabalhou-se com a versão cantada por Vinícius e Toquinho, um grande parceiro do poeta.

As atividades realizadas com o poema se desenvolveram da seguinte maneira: no primeiro momento, fez-se a leitura do poema e, na sequência, cantou-se várias vezes a música. Assistiu-se ao vídeo com a animação e, em seguida, passou-se a visualização das imagens. Realizadas as várias leituras do poema, foi desenvolvida uma oficina com a finalidade de dar novos significados para a casa.



A casa

Era uma casa
 Muito engraçada
 Não tinha teto
 Não tinha nada
 Ninguém podia
 Entrar nela não
 Porque na casa
 Não tinha chão
 Ninguém podia
 Dormir na rede
 Porque na casa
 Não tinha parede
 Ninguém podia
 Fazer pipi
 Porque penico
 Não tinha ali
 Mas era feita
 Com muito esmero
 Na rua dos bobos
 Número zero.

Assim, depois da leitura do poema, assistimos a uma animação de Toshie Nishio (1996), traduzindo uma representação do universo infantil em formas, cores e movimentos.



Figura 9: Imagem do desenho animado *A casa*.

Fonte: www.converta.com.br/videos

Durante a atividade se buscou recolher o depoimento das crianças, utilizando áudio e vídeo para posterior transcrição das falas. Assim, viu-se o quanto às crianças incorporaram a idéia de uma casa imaginária, estabelecendo diálogos e objetivando a ressignificação do texto pelo viés da imaginação e da fantasia. A esse respeito, Carpinejar (2008, p. 07) esclarece:



Criança tem o olhar aberto para o poético na medida em que ela tem o olhar exercitado para brincar. Mas precisa ser incentivada a brincar com a língua por meio de muitos jogos de palavras: ditados populares, cantigas de todo tipo, de ninar, parlendas, quadrinhas, os poemas em si. Também ajuda viver em um ambiente em que impere a poesia, ter tido liberdade para olhar o mundo de modo detido, ainda que seu tempo de concentração seja diferente daquele do adulto, demorado e com minúcia. Afinal, criança é poeta quando em seus achados cotidianos desvenda um ângulo diferente para ver as coisas e para expressá-las verbalmente.

Esse modo peculiar das crianças de perceber as coisas pode ser constatado nas falas a seguir:

Larissa - É uma imaginação da casa, de desenho.

P - Que casa é essa?

Ana Luísa - A casa imaginária.

Gabriel – Isso!

Pedro - É a casa da música! É a casa do Vinícius?

P- Quem imaginou que casa é essa? Então, eu gostaria que vocês fossem comentando. Tá bem!

Eduardo: Essa casa é o corpo, é mole, se torce...

Nycóli - Essa casa parece pessoa!

Marcos - Tem água, a jarra... E faz xixi!

Marcos- Risos!! É engraçada!

Pedro - Uma casa imaginária, de outro lugar!

Monique - Da terra do nunca! A casa do poeta!

George - Só pensada!

Todos – Risos!

Para finalizar a apresentação do poema e fazer a reflexão sobre os diferentes tipos de habitação foi utilizado o recurso de multimídia. Foram exibidas 146 casas de vários estilos, destacando cores, lugares e formas, das mais inusitadas às mais comuns, variando de acordo com os habitantes e as condições sociais. Entre estas imagens encontravam-se casas dos alunos, da professora, da pesquisadora, bem como a escola.

As imagens das casas dos alunos, inserida entre outras habitações causou um grande impacto na turma, foi motivo de surpresa e comemoração, conforme se pode constatar nas falas a seguir:



Marcos - Você fez um filme Didi?

José – A Escola!!

Yasmin – Essa é a minha!

Marcos - Que surpresa Didi!!

Todos – Muitas palmas...



Figura 10: Imagem da escola.

Fonte: Acervo particular da pesquisadora



Figura 11: Imagem da casa de um aluno

Fonte: Acervo particular da pesquisadora

Gabriel - Olha, essa é perto da minha...

Larissa - Olha casa na água!!

Guilherme – Nunca vi tanta casa junto. De índio!



Pedro – Olha o que tá escrito nessa!

As atividades, que apresentam diferentes linguagens e suportes, permitem uma aproximação maior entre leitor e escritor, ampliando a significação da leitura, necessária à recepção literária. E também promovem e ampliam significados a partir do contato do aluno com o texto. Para tanto, é fundamental oferecer diferentes formas de leitura, ou seja, dar oportunidade para a criança se relacionar e dialogar com outras formas de expressão, tais como: as artes plásticas, a música, a fotografia e o vídeo.



Figura 12: Imagem casa de abelhas

Fonte: Acervo particular da pesquisadora



Figura 13: Imagem casa na árvore

Fonte: Acervo particular da pesquisadora



Pedro – Tudo tem casa o universo, é a casa da terra, de todos!

Eduardo - É sim, sim!

Dentre estas imagens, uma recebeu destaque especial, pela arquitetura diferenciada e a ligação que tinha com o poeta, a Casapueblo, em Punta Ballena do uruguaio, Carlos Páes Vilaró, este, grande amigo de Vinícius de Moraes, um artista múltiplo, pintor, ceramista, escritor e arquiteto.

Em entrevista concedida a um programa de televisão⁶, Vilaró falou da amizade com o poeta e da forma com que ele se referia à Casapueblo, uma “escultura habitável e muito engraçada”. Nas várias vezes que Vinícius esteve hospedado em sua casa cantava a música que fez para as crianças mudando apenas o final: “Era uma casa de pororó. Era uma casa de pai Vilaró”.



Figura 14: Imagem da Casapueblo, de Carlos Páes Vilaró

Fonte: <http://www.flickr.com>

Ao ver a imagem da casa de Vilaró, algumas crianças fizeram a seguinte manifestação:

Ana Luísa – Que linda toda diferente. Janela redonda parece de brinquedo!

Julia – Parece mesmo com a poesia!!

Monique – Imaginem uma casa assim, eu queria ver.

⁶ Entrevista ao programa Globo Repórter, exibido em 08/05/2010.



Ana Luísa – É muito longe!!

Leonardo – É muito grande! É diferente!

Lara – Se ele ficava na casa do pintor e ainda cantava, eram amigos!

Esta visualização de diferentes casas teve como objetivo levar as crianças a pensarem a casa como ambiente que possibilita a construção da história de vida. A casa é força de conexão para os pensamentos, as lembranças e os devaneios.



Figura 15: Imagem do ninho de passarinho

Fonte: Acervo particular da pesquisadora



Figura 16: Imagem da casa de pedra

Fonte: Acervo particular da pesquisadora



Ana Luísa – O ninho é casa! A casa do passarinho, que nem nasceu ainda!

José – Casa de pedra!

Pedro – Deixa eu fala, essa casa foi onde morou a minha Bisa!

Monique – A minha casa! E a casinha que eu brinco!

Yasmin – A casa da pérola! Que legal!

George – E a casa dela é o mar!

Monique – Tem muita casa feita de papel! Como do livro, a casa do João, lembram?

Todos – É mesmo!!

Paulo – Lembra da história do livro A casa azul!

Luiza – É mesmo, a casa do menino!

Ana Luísa – Casa sonhada!

Nesse comentário as crianças fazem referência à leitura oralizada dos livros *Minha casa é azul*, de Alain Serres e Edmée Cannard; e *Quanta Casa!* de Rosa Amanda Strausz. As crianças tecem comentários sobre as imagens e a narrativa.

É oportuno salientar que as histórias abrigam uma força infinita, quando há um envolvimento, uma interação, capaz de fazer emergir imagens e significados. A esse respeito é bastante oportuno o esclarecimento de Busatto (2006, p. 58) sobre a relação entre contar histórias e o ouvinte:

[...] contar histórias pode ser ferramenta para o imaginário. Elas nascem no coração e, poeticamente circulando, se espalham por todos os sentidos, gatiando, até chegar ao imaginário. O coração é um grande aliado da imaginação nesse processo de produção de imagens significativas. Com o coração, a gente sente e vê com olhos internos as imagens que nos fazem bem.

As infinitas possibilidades de percepção, que o contar histórias favorece, conduzem a criança a uma fonte inesgotável de imaginação.

Em diversas falas, as crianças salientam que todos os lugares são habitados, que nada está dividido, em tudo cabe uma imensidão de coisas e sensações. É o que se pode observar nas falas a seguir:

Mylena – Não existe divisão, não sei explicá como. Entende Didi?

Eduardo: É sim, sim!

Eduardo – Coisa que a gente nem imagina!

Julia – A praça é nossa casa também!



Nesse momento, a imagem do circo lembra um espaço identificado por eles, À Jornada Nacional de Literatura, em Passo Fundo, um dos maiores eventos literários do Brasil, e a Jornadinha, da qual tiveram a oportunidade de participar. Assim, além da imagem do circo tradicional, as crianças têm como referência o “circo” das Jornadas literárias.



Figura 17: Imagem do Circo da Cultura, Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo

Fonte: Acervo particular da pesquisadora

Marcos - Isso. Olha só! O circo onde a gente foi!

Pedro – Lá sim é a casa do livro! Na jornadinha!

Yasmin – Que legal!!

P – Vamos conhecer uma das casas de Pablo Neruda, de quem Vinícius era amigo. Essa casa é no Chile, na província de San Antonio e o local se chama Isla Negra.



Figura 18: Imagem da casa de Pablo Neruda, Isla Negra.

Fonte: Acervo particular da pesquisadora



A reação das crianças mostra que a casa é um espaço de integração dos pensamentos, das lembranças e dos sonhos, sendo que, nessa integração, o princípio de ligação é o devaneio. As lembranças e as associações com o presente dão à casa um dinamismo diferente. Não é por acaso que “sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano” (BACHELARD, 2000, p. 26). Partindo dessa compreensão, a pesquisadora convidou os alunos para assistir a um vídeo:

P – Vamos olhar as imagens e o vídeo!

Ana Luísa – Olha lá a parede é o corpo!

Mylena - É Mesmo!

Nycóli - Essa é a parede que fala na música!

A abordagem do tema no decorrer das atividades, por meio dos questionamentos, idéias e suposições, levaram as crianças a pensar a casa como abrigo, aconchego, acolhimento, uma identificação com a primeira casa do ser humano: o útero materno. Como se pode observar nas falas a seguir:

Ana Luísa – Se agente pensar, olha lá a imagem.

Larissa – Olha o globo!!



Figura 19: Imagem do planeta Terra

Fonte: www.equilibrionet.com.br/nt_html/1608.html





Figura 20: Imagem de uma gestante

Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Larissa – Uma barriga de mãe!

Yasmin – Que linda!

Paulo – Olha ta aparecendo o bebe!!

Mylena – Como pode isso?

Paulo! É emocionante!

Larissa – Isso, a barriga da mãe, é a casa do bebê!

Ana Luísa - Por isso é redonda e não fica parada!

José – Essa! Mais uma!

Lara! Olha tem mais!

Essa abordagem feita pelas crianças foi bastante significativa, pois também se tinha essa percepção. Por acreditar que a barriga da mãe pode ser comparada a uma casa, tinha-se preparado imagens com essa finalidade. Assim, as imagens foram visualizadas pelas crianças, agora, para confirmar o que já tinham dito. Disso, pode-se inferir que ao trabalhar com a leitura literária, mais precisamente com a poesia, o leitor é convidado a adentrar no mundo imaginário, lúdico, no qual tem um reencontro com o espaço habitado. Nas palavras de Marta M. da Costa (2006, p. 70) “O livro casa, abrigo e útero onde a humanidade deveria ler a sua história”. Nesse sentido, julga-se pertinente as seguintes falas:



Julia - Lá não pode entrar, porque a gente já tá lá dentro, não tem porta!

Monique – É isso que fala na música!

Nycóli – E o que significa o número zero?

Larissa: Número zero, porque não tem casa, porque é a barriga da mãe, não tem rua, Didi, daí não tem número.

P - Quem disse que é o umbigo?

Lara - Eu. O umbigo é o número zero.

P - Você acha que o umbigo é o número zero?

Eduardo - O número zero é o neném.

Pedro - Porque o neném não tem 1 aninho.



Figura 21: Imagem do feto no ventre materno

Fonte: Acervo particular da pesquisadora

Guilherme - É, aquele lugar que a gente fica! É quentinho!

Larissa - Que parece um saco!

Luiza - E tem água dentro!

Pedro - Ela é redonda a casa do Vinícius, é igual...

Janriê - Nas costas da mãe é a parede Didi!

Essa reflexão possibilitou o diálogo, a interação e a disposição das crianças em compartilhar o processo de escuta e releitura. Segundo Regina Zilberman (2003, p. 25): “Quando o professor possibilita a fruição dos seus alunos, ele está dando reais condições para que estas crianças possam se desenvolver, baseados na liberdade de expressão”.



Partiu-se, então, para o desenvolvimento de uma oficina. Para isso, sugeriu-se que os alunos se organizassem em pequenos grupos. Curiosamente, observou-se, que os grupos, num total de 4 (quatro), dividiram-se de forma que ficaram meninas de um lado e meninos de outro. Não se sabe se este já era um fato comum nas divisões dos grupos, mas foi respeitado o processo de escolha.



Figura 22: Imagem de atividade com a turma

Fonte: Acervo particular da pesquisadora



Figura 23: Imagem de atividade com a turma

Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

A atividade proposta foi a construção de uma casa coletiva, ficando com cada grupo a execução de uma das partes. Vários materiais foram disponibilizados pela pesquisadora como: Papel Kraft natural e branco, papel cartão duplex, color plus e reciclado em várias cores, e texturas, canetas hidrográficas, pincéis, lápis, pastel e aquarela, tesoura e cola. Distribuídos os materiais, deu-se início a elaboração da atividade.



Utilizando os recursos disponíveis, as crianças foram construindo desenhos, personagens, escrevendo partes do poema usando da criatividade, colando papéis e, assim, a casa foi sendo construída. Durante a atividade, fizeram vários questionamentos sobre a amizade do pintor com o poeta, de como haviam se conhecido, se o poeta tinha feito a música para a casa de Vilaró, socializando, assim, idéias e suposições sobre o assunto:

Janriê – Há será que a música era pro pintor?

José – Vai vê que era!

Para que a casa ganhasse formato real, utilizou-se a armação de uma barraca envolta em papel Kraft. Toda produção foi anexada à casa coletiva. Observando a casa por eles construída, os alunos fizeram comentários referindo-se a ela como a terceira casa. É o que se pode perceber nas seguintes falas:

Lara - É uma casa de imaginar, então...

Pedro - A casa do poeta, a casa do pintor e a nossa casa!

Larissa – Mas agora ela vai ser de verdade!

Paulo – Sim, depois que fica pronta!



Figura 24: Imagem da construção da casa

Fonte: Acervo particular da pesquisadora

Dentro da casa construída pelo grupo ficou a “caixa dos sentimentos”, criada pela pesquisadora, para que as crianças deixassem ali seus depoimentos a partir dos questionamentos feitos durante a atividade.



4.2 COMPARTILHAR A PALAVRA LIDA COM AQUELES QUE NOS RODEIAM: UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM O LIVRO *A CALIGRAFIA DE DONA SOFIA*, DE ANDRÉ NEVES

As pessoas sem imaginação podem ter tido as mais imprevistas aventuras, podem ter visitado as terras mais estranhas. Nada ficou. Nada lhes sobrou. Uma vida não basta apenas ser vivida, também precisa ser sonhada.
Mario Quintana (2006, p.364)

A proposta de trabalho realizada com o livro, *A caligrafia de Dona Sofia*, de André Neves teve a duração de 10 intensos encontros, no período de 01 a 29 de outubro de 2009, totalizando 34 horas.

O livro *A caligrafia de Dona Sofia* (2006), de André Neves, mescla narrativa e poesia, com ilustrações primorosas, oferecendo detalhes que permitem o leitor aventurar-se nos aspectos estéticos, favorecendo a fruição criadora.

No primeiro encontro com as crianças, percebeu-se que elas estavam ansiosas aguardando o início dessa atividade. Olhares curiosos, vozes alegres e gestos eufóricos foram algumas das demonstrações. Inicialmente, a pesquisadora as encontrou na sala de aula e, em seguida, se deslocaram para a praça em frente à escola, um lugar, já descrito, anteriormente bastante agradável, cercado por árvores e sombras acolhedoras.



Figura 25: Imagem da praça em frente à escola

Fonte: Acervo particular da pesquisadora



O local era familiar, pois ali nos encontramos entre os meses de março a julho daquele mesmo ano para compartilhar a leitura de várias narrativas e poemas, bem como refletimos sobre a importância da leitura e de ouvir e narrar histórias.

Essa aproximação com a natureza, cremos, reitera a necessidade do cuidado com toda e qualquer forma de vida ao nosso redor, possibilitando uma aproximação com a forma mais antiga de contar histórias. Nesses encontros entrelaçávamos afetos e devaneios, realidade e imaginação, leituras e poesias, muito próximo do que descreve Marta M. da Costa (2006, p. 70), “a metáfora da natureza-livro em que em tese a humanidade deveria ler sua história e destino”.

Reunir as crianças numa grande roda foi a forma escolhida pelos diversos significados que nos remete. Cléo Busatto (2006) faz referência à disposição em círculo no momento da narrativa e o acolhe como formato exemplar pela imagem do aconchego, ninho que o círculo nos remete, pois “na circularidade da roda está o elo entre o mundo de fora e o mundo de dentro, o que liga o objetivo ao subjetivo” (BUSATTO, 2006, p. 78).

Andar por esses caminhos conduziu a uma absoluta ligação de afeto, a construção de vínculos entre o grupo e a pesquisadora, principalmente nos momentos de convívio com a literatura e a audição de histórias, que compreende um tempo de partilha e comunhão, um ato de entrega entre narrador e leitor, que certamente o conduzirá a uma relação afetiva e definitiva com o livro. Essas estratégias buscavam não somente a integração do grupo, mas também um momento de escuta do sensível, uma preparação para receber a história.



Figura 26: Imagem da leitura do poema *Os cinco sentidos*
Fonte: Acervo particular da pesquisadora



Como exercício de sensibilização para a audição da narrativa do livro *A caligrafia de Dona Sofia*, realizamos a leitura o poema “Os cinco sentidos”, de Bartolomeu Campos Queirós editora Nacional (2004) relacionando a atividade que faríamos ao retornar a sala de aula por meio da leitura compartilhada.

Nas palavras poéticas de Bartolomeu C. Queirós cada um dos nossos sentidos ganha, sabores, texturas, sons e imagens, fazendo o leitor dialogar com as mais diversas formas de expressão. Neste sentido Marta M. da Costa (2007, p. 27), enfatiza que:

A convivência com poemas, narrativas ou textos dramáticos, além da ilustração ou das imagens visuais, que passaram a integrar necessariamente o livro de literatura infantil, faz com que a criança desenvolva habilidades de manuseio, de entendimento e de relação entre linguagens diversas. Muito mais do que isso. Ela forma as referências simbólicas, afetivas e de pensamento que irão permanecer na memória e influenciar pensamentos futuros.

A Poesia é lúdica simbólica, tem o poder de transformar de resignificar à palavra, porém requer formas que aproximem os aspectos cognitivos, sensoriais, imaginativos e afetivos.

Os cinco sentidos

Por meio dos sentidos
suspeitamos o mundo.
Com os olhos nós olhamos a vida.
Olhamos as águas rolando
entre pedras, peixes, algas.
Olhamos as terras generosas
onde vivem animais, frutos semente
Olhamos o mundo e sentimos
sede, fome e sonho.
Com os olhos olhamos nossos
irmãos e eles nos olham.
Têm olhares que nos acariciam.
Têm olhares que nos machucam.
Olhar dói.
(Se vemos alguém chupando limão,
sentimos dores no canto da boca.)
(...)
Olhando,
imaginamos mistérios.
Olhar é fantasiar
sobre aquilo que está escondido
atrás das coisas.



E dentro do silêncio moram
 todos os sons: canto, choro, riso, lamento.
 (...)

Escutar é também um jeito de ver.
 Quando nós escutamos,
 imaginamos distâncias,
 construimos histórias,
 desvendamos nossas paisagens
 Os ouvidos têm raízes pelo corpo inteiro.
 Com o nariz sentimos os cheiros
 do mundo.
 Cheiros que passeiam pelos ares.
 (...)

Pelo olfato damos sentido ao mundo. (...)

O cheiro nos leva
 a sonhar com o mais longe.
 O nariz tem raízes pelo corpo inteiro.
 Com a boca sentimos o sabor
 das coisas: o doce, o amargo,
 o azedo, o suave, o forte.
 Mas o sabor acorda a nossa memória.
 (...)

O doce nos faz imaginar o amargo
 e não deixa morrer o gosto da nossa
 saudade.
 A boca tem raízes pelo corpo inteiro.
 Pela pele experimentamos as sensações
 de calor, frio, dor
 prazer.
 (...)

Quando alguém especial nos olha
 nós nos sentimos tocados
 Se pegarmos na mão da pessoa
 amada, nosso coração dispara
 e nosso corpo entra em festa.
 Há sons que fazem arrepiar o
 nosso corpo.
 Há medos que nos fazem tremer.
 A pele é raiz cobrindo o corpo inteiro.
 (QUEIRÓS, 2004)

As crianças ouviram atentamente o poema, logo após, refletimos sobre as várias possibilidades de leitura, descobrindo que a leitura não é efetivada somente com os olhos, que poesia é, sobretudo emoção, onde agregamos todos os sentidos; é a capacidade de percepção, de envolvimento com a musicalidade das palavras, o real e o imaginário se unem, o pensar e o sentir, não se dissociam, ao contrário se fundem, dando passagem a todas as manifestações e sensações.



Posteriormente a leitura do poema, retornamos ao espaço da sala de aula, que foi preparado de forma acolhedora para recebê-los. As classes foram afastadas, para que desse lugar a formação do círculo. Dispondo tapete e almofadas, aparelho multimídia, transformando esse espaço diário num ambiente diferenciado. As crianças ouviram atentamente o poema, logo após, refletiu-se sobre as várias possibilidades de leitura, descobrindo que a leitura não é efetivada somente com os olhos, mas que a poesia é, sobretudo, emoção, na qual se agregam todos os sentidos.

Num primeiro momento compartilhamos a leitura do livro *A caligrafia de Dona Sofia*. Na sequência realizamos a leitura dos poemas, que estavam no livro, acalentados pela música Cinema Paradiso, de Ennio Morricone. A utilização do recurso sonoro foi fundamental para que as crianças se envolvessem ainda mais com a leitura, pois como nos diz Bartolomeu Campos Queirós (2004), “por meio dos sentidos suspeitamos o mundo”.

A leitura das imagens, por meio dos sentidos, carregadas de significados ia se somando ao conjunto, estimulando a verbalização, a construção da narrativa e a decodificação dos elementos simbólicos.

No terceiro momento, as crianças foram divididas em cinco grupos e a cada grupo foi dado um exemplar da narrativa, para que as crianças pudessem fazer a leitura mais detalhada da história, das imagens, dos poemas e observar como estes elementos (texto narrativo, poético e imagético) estão entrelaçados. Objetivando, também, a troca de idéias entre os pequenos grupos para depois serem socializadas no grande grupo.

Ao apresentar o livro para as crianças interrogou-se, a partir da imagem da capa e do título, do que se tratava à temática da história. Imediatamente, algumas crianças se posicionaram:

Ana Luísa - De um caderno, a vida de um caderno!

Larissa – De uma professora de caligrafia!

Pedro – De uma pessoa que tinha letra linda!

Ana Luísa - Há é... Pode ser da vida dela!!!

P – Então, vamos olhar a capa do livro!

Mediante essas afirmações, podemos perceber a relação imediata das imagens com o texto, ao relacionarem o caderno, a professora e a letra.

Quando apresentado o autor e ilustrador da narrativa, imediatamente as crianças reconheceram o nome André Neves, pois os seus títulos estão presentes nas *sacolas de leitura*



compartilhada que elas levam para casa, bem como das referências que fiz sobre ele⁷ e nosso encontro no 4º. Seminário de Literatura Infantil e Juvenil de Santa Catarina, quando comentei que um de seus livros estaria no rol de títulos a serem trabalhados com o grupo de crianças inseridos na pesquisa.

A capa do livro, como se pode ver a seguir, gerou indagações das crianças, em especial pela sensação de movimento que as imagens provocavam como podemos observar pelas falas que seguem:

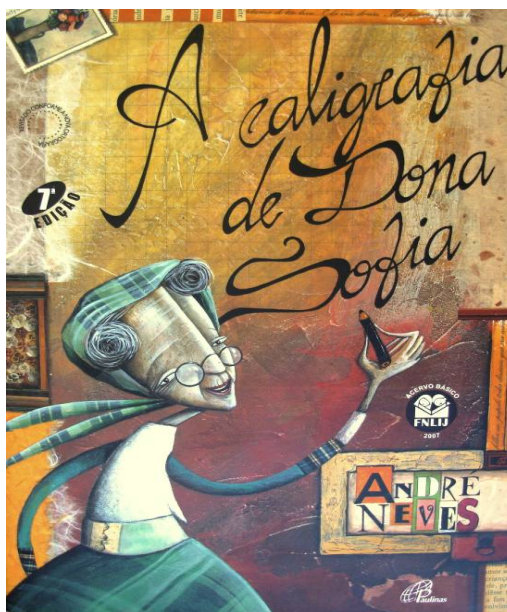


Figura 27: Imagem da capa do livro *A caligrafia de Dona Sofia*.

Fonte: [http:// www.paulinas.com.br](http://www.paulinas.com.br)

Lara – Parece que tá tudo se mexendo!

Julia - Olha a letra!

Janriê – É até a Dona Sofia, olha o braço dela...

A leitura compartilhada foi circundada por inúmeras perguntas, relacionadas com outras produções de André Neves, sendo que a maior parte delas fazia referência aos livros que já conheciam do autor, manifestando-se das seguintes formas:

⁷ Conheci André Neves no 4º. Seminário de Literatura Infantil e Juvenil de Santa Catarina (UNISUL, 16 a 18 de setembro de 2009), contei e ele que havia escolhido um de seus livros *A caligrafia de Dona Sofia*, para desenvolver atividades de pesquisa com crianças, por se tratar de uma narrativa poética de grande qualidade expressiva. O próprio André Neves manifestou predileção por esse livro.



P – Vamos prosseguir, o André Neves é ilustrador de livros e também escritor.

Todos – Sim, sim, sim...

Eduardo – Na minha sacola tem um que ele só fez o desenho.

P – Sim, só ilustrou você lembra o nome do livro?

Paulo – Eu sei, eles que não se gostavam, eu li com meu pai.

Luiz – Todo mundo leu lá em casa esse.

Lara – Eu, eu também já li.

P – Mas, o nome do livro não é bem assim, vamos ver quem lembra?

Pedro – Mas a minha mãe achou um pouco triste!

Lara – É... Mas depois é legal!

Mylena – Eles que não se amavam, é Didi?

P – Sim, mas vamos ver será que alguém lembra quem escreveu este livro?

Pedro, Larissa, Lara – Hi, hi, não...

P – Foi Celso Sisto quem escreveu e o André Neves ilustrou.

Monique – Aquele que conta história né Didi.

Como se pode observar ao fazerem referência ao ilustrador, as crianças relacionaram outros livros do André Neves que já conheciam, o mesmo aconteceu quando identificaram o contador de histórias, Celso Cisto.

As crianças ficaram encantadas com a personagem Dona Sofia e a todo o momento faziam interferências, mostrando envolvimento com a história, conforme se pode observar nas seguintes falas:

George – A Dona Sofia existe mesmo!

Pedro – Se o André Neves conhece, é de verdade!

Nessa fala percebeu-se a relação que as crianças estabeleceram com o texto ficcional. É como se o que o escritor escrevesse estivesse relacionado com a realidade deles. No entanto, sabe-se que o texto ficcional (re)cria a realidade, pois como destaca Márcia Abreu 1995, p. 188) “tratando de um mundo que não é nos fornece categorias de compreensão do mundo que é”.



Embora algumas crianças buscassem referendar a existência factual, de carne e osso da personagem, outras argumentavam a existência de papel, trazendo a personagem para o plano ficcional:

Pedro – Já falei... Se escreveu é porque conhece....é!

Ana Luísa – É... Como sabe tanto da vida dela!

Yasmin – É história de fantasia...

Janriê – Não diz no livro...

Pedro – Quem disse que não?

Lara – É, mas pode sim!

Pedro – Mas tá escondido, é pode se como ele escreveu!

P – Não gostaria de interromper a fala de vocês, mas estou curiosa para saber o que Pedro falou.

Pedro – É uma mágica, um truque, que ele faz quando tá escrevendo, daí a gente pensa, imagina...

Luiz – É, tem que ter imaginação...

As crianças quando se deram conta que o livro era composto de narrativa e poemas ficaram contentes e logo soou:

Monique – Oba, poesia eu adoro!

Essa fala mostra que as crianças são receptivas ao trabalho com a poesia, que já tem uma ligação com livros que apresentam essa temática. Não somente lendo, mas também escrevendo poesia, elas expressaram o desejo de ser poeta, de cantar poesia, manifestando a ligação afetiva, o aguçar/despertar de sensações que permitem ir além do que é visível. As falas abaixo comprovam esse fato:

Julia - Tem história e poesia!

Gabriel - Eu também. Tenho livros de poesia!

Paulo – Gosto de escrever poesia.

Eduardo – Às vezes eu escrevo poesia... dá uma coisa boa, aqui dentro...

Ana Luísa - Há eu tenho até um caderno de poesia!



José – Didi, quando eu crescer quero ser poeta!

Janriê – Eu também quero canta poesia...

Depois de partilharem da leitura oral do livro e fazerem a sua própria leitura nos pequenos grupos, as crianças socializaram no grande grupo as impressões em torno da leitura. Isso, evocando o imaginário, sensações e emoções, desvendando um modo diferente de ler e interpretar, conforme se pode observar na relação entre as imagens e as falas a seguir:

Monique – A poesia dança...

Janriê – É até a D. Sofia, olha o braço dela!

Monique – Tudo dança, as flores, as palavras, é música!

À medida que as crianças vivenciaram cada imagem, elas descobriram detalhes, e faziam associações, manifestando sentimentos e experiências vivenciadas. Fayga Ostrower (1989, p. 167), em *A construção do olhar*, descreve a capacidade de percepção, destacando que:

O ser humano é por natureza um ser criativo. No ato de perceber, ele tenta interpretar e, nesse interpretar, já começa a criar. Não existe um momento de compreensão que não seja ao mesmo tempo criação. Isto se traduz na linguagem artística de uma maneira extraordinariamente simples, embora os conteúdos sejam complexos.



Figura 28: Imagem pág. 11 do livro *A caligrafia de Dona Sofia*

Fonte: <http://www.paulinas.com.br>

O leitor deve ser desafiado constantemente, para que seja possível o alargamento do seu “horizonte de expectativas” (JAUSS, 1994, p.), ou seja, deve ser possibilitado a ele outras leituras diferentes das quais está acostumado, fornecendo-lhe outras possibilidades de leitura. No caso do livro, *A caligrafia de Dona Sofia*, a junção entre prosa e poesia apresenta



uma forma diferente de produção literária, visto que as crianças estão acostumadas a receber esses gêneros separadamente.

A comunhão entre texto poesia e imagem conquistou as crianças, pois, possivelmente, nos seus repertórios literários, não haviam tido essa experiência. Elas conseguiam relacionar a palavra escrita e a imagem. Como se pode observar nas falas que seguem:

Luiza - O seu Ananias tá com os olhos fechado... dançando com a poesia!

Nycóli - Ele tá sentindo!

Marcos – Aquela poesia ali parece uma onda do mar!

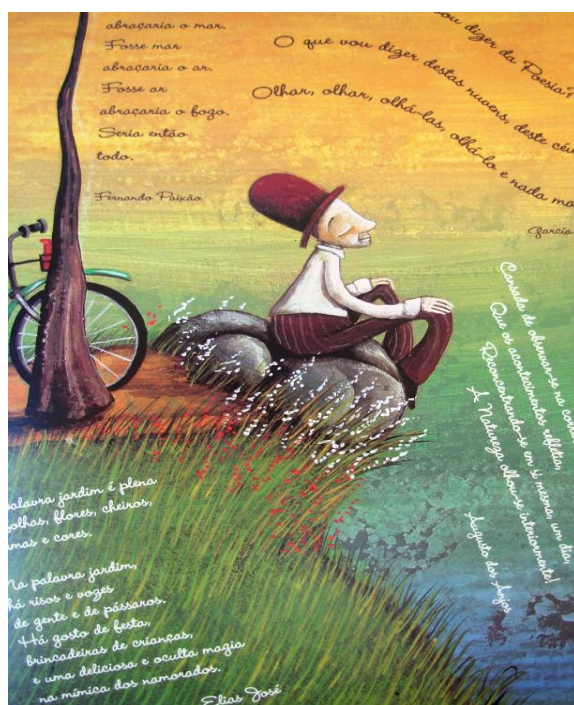


Figura 29: Imagem da pág. 17 do livro *A caligrafia de Dona Sofia*

Fonte: [http:// www.paulinas.com.br](http://www.paulinas.com.br)

A imaginação e a emoção têm forte ligação principalmente no que se refere à educação, podendo destacar que uma paixão por um conteúdo ou por uma disciplina só se torna significativa e interessante, se a imaginação do aluno tiver contato com a paixão ali contida. Nesse sentido, pode-se dizer que:

O aprendizado imaginativo, portanto, inevitavelmente envolve as nossas emoções. A imaginação é importante para a educação porque nos força a reconhecer que formas de ensino e aprendizado que estão desconectados com as nossas emoções são educacionalmente estéreis (EGAN, 2007, p. 32).



Todas comentaram sobre a iniciativa de Dona Sofia de compartilhar com os moradores da cidade seus poemas, suas leituras através de cartões poéticos. Isso tudo estava se repetindo agora, pois, estavam dividindo uns com os outros a leitura, conforme se pode observar:

Eduardo – Didi como se diz – Como você faz com os livros...

Gabriel – Eu sei – É ler prá todos!

Marcos - Como a Didi quando lê a história pra nós. Ela divide.

Larissa – Compartilha história!!

Mylena - E nós vamos contar para os outros.

As crianças sugeriram que poderíamos compartilhar com toda a escola a leitura oral do livro e a idéia de Dona Sofia de espalhar poesia, assim quem sabe, todos poderiam gostar mais de ler.

Pedro – Vamos fazer isso!

Ana Luísa – Aqui no colégio!

Monique – Tenho uma idéia Didi, essa história é muito massa... Todos tem que ler!

Leonardo – É e também dizer poesia!

Luiza – Uma idéia... Dizer poesia

Todos – Sim, eu quero, eu também, palmas...

Leonardo – Isso vai ficar legal!

Nycóli – Dá poesia de presente!

Luiza - E até desenhar, pintar palavras!

P – Ler poesia, desenhar, pintar, isso é soltar as palavras?

Ana Luísa - Não, mais coisa... É sentir como seu Ananias, ele tava com os olhos fechados.

P – Então, gostaria que vocês explicassem melhor o que querem fazer.

Todos – Sim, isso...





Figura 30: Imagem da pág. 13 do livro *A caligrafia de Dona Sofia*.
 Fonte: [http:// www.paulinas.com.br](http://www.paulinas.com.br)

Marcos – A história também tem que saí do livro

Todos – Risos...

Eduardo – Essa é boa, a história saí do livro!

Nycóli – Como fez Dona Sofia!

Mylena - E nós vamos contar para os outros.

Todos – Sim... Legal!

Percebe-se que as crianças sentiram o desejo, a partir da leitura do livro, de partilhar com os outros alunos da escola o encontro com uma obra que as seduziu. Resulta desse desejo a constatação de que elas têm incorporado a idéia de que muitos não gostam de ler. Assim, a partir da vontade delas de socializarem a leitura do livro e seus poemas, bem como o desejo de serem um pouquinho de Dona Sofia e semear a poesia, organizou-se uma proposta de trabalho em diálogo com outra atividade da escola: a Feira do Livro.

Retomando a idéia de socializar a narrativa, nada mais propício que realizá-la em meio a Feira do livro, na escola. Esta foi agendada para o final de outubro. A Feira do Livro, já havia sido realizada há algum tempo.

Trata-se, de uma atividade que era realizada com frequência, mas há dez anos estava esquecida. Porém, com o esforço conjunto da direção da escola e da pesquisadora retomou-se a Feira do Livro, com a finalidade de proporcionar a toda a comunidade escolar, um reencontro do livro com o leitor. As atividades começaram a ganhar forma pelas mãos de



professores e alunos, somados ao incentivo dos pais na preparação das atividades e do espaço, bem como da divulgação. Assim, no dia 29 de outubro concretizou-se a realização do evento.

Um clima tipicamente festivo se instalou na escola. Nos meses que antecederam a feira, espalharam-se poesias pela escola, em forma de cartaz. E não demorou muito, a menina Emília de nariz arrebitado, começa a desfilar pela escola, convidando os alunos para participarem do concurso que escolheria o *slogan* da feira. Quem ganhou o concurso do *slogan* foi uma aluna participante do projeto.

Dessa forma, o desejo das crianças tornou-se uma realidade, através de um trabalho que culminou nas atividades culturais da Feira. Isso com o objetivo de fomentar o gosto pelo livro, a interação família escola e a socialização dos trabalhos realizados pelas crianças e, principalmente, destacar que as narrativas fazem parte, a muito tempo, da vida do homem. Vive-se cercado de histórias, sejam elas: contos, fábulas, lendas, narrativas míticas e fragmentos das vivências cotidianas. Nos dias atuais, essa arte é pouco difundida, perdendo seu valor de potencial simbólico, ao longo dos tempos, sendo substituída pelos meios de comunicação, que priorizam a informação, conforme relata Walter Benjamin (1994, p. 203):

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações.

Cercados pelo avanço tecnológico da metade do último século, pelas informações ditas como precisas, não se percebe que há um consenso mercadológico, que tenta privar o homem da subjetivação e da partilha. Segundo Colomer (2007, p. 143) “Possivelmente uma das causas da resistência à leitura provenha da perda das formas de leitura coletiva nas sociedades contemporâneas”.

Não restam dúvidas de que as histórias podem proporcionar um reencontro com o imaginário, com as lembranças, com o simbólico e, conseqüentemente, com sua capacidade de transformar este em valores. Desta maneira:

Apropriar-se de uma história é processá-la no interior de si mesmo. É deixar-se impregnar de tal forma por ela que todos os sentidos possam ser aguçados e que todo o corpo possa naturalmente comunicá-la pelos gestos, expressões faciais e corporais, entonação de voz, ritmo etc. (MATOS; SORSY, 2007, p. 09).

Viver as emoções, pela voz do narrador, é entrar em contato com o sensível, é encantar-se, é construir a personalidade. É a possibilidade de aproximação entre o real e o



simbólico, abstrair e compreender, escolher e aprender, o que desse mundo mágico, pode-se trazer para a vida. A esse respeito cabe esclarecer:

Não importa se contamos para instruir ou divertir, para curar, salvar ou embalar. O que não podemos esquecer é que temos nas mãos, ou melhor, na voz, um produto oriundo do imaginário dos nossos ancestrais e, se queremos nos aprimorar dele para encantar, é necessário a consciência de que “o amor à palavra é uma virtude; seu uso, uma alegria (ZUMTHOR apud BUSATTO, 2003, p. 82).

Assim, como não se pode esquecer que os seres humanos são constituídos e diferenciados exatamente pela linguagem, e é por ela e através dela, que se propicia a aprendizagem. Acalentar, fazer compreender, libertar fantasmas, imaginar a trajetória dos caminhos que querem seguir, de seres humanos como a branca de neve ou malvados como a madrasta.

Nas palavras de Cléo Busatto: “tomar parte de alguma coisa, estar com – um verbo importante para se conjugar. Compartilhar significa também acreditar naquilo que se está vivendo. O ato de compartilhar é tão poderoso que torna-se impossível dimensionar os seus efeitos sobre nós” (2003, p. 48).

O narrador desenvolve um papel significativo frente a essa prática de leitura compartilhada, pois é através de sua ação e emoção ao transmitir a história, que o ouvinte conseguirá interagir com aquilo que está ouvindo. Isso faz com que a história ganhe vida e encantamento e o ouvinte sinta-se impulsionado por esse instante de envolvimento.

A narrativa de histórias, no ambiente escolar, tem um poder transformador. Segundo as palavras de Marly Amarilha (2006, p. 28):

Esse momento, transitório e único, tece laços de solidariedade, cumplicidade; atrai os indivíduos a se tornarem membros daquela comunidade (ao contrário do que se tem na multidão envolvida por sons indefinidos) e esse limite acústico os une, historicamente, pela voz narrante. Nesse processo, a oralidade que se manifesta é de alta significação, pois está mediada pelo texto, pela linguagem simbólica, pela voz que o vivifica, pelo silêncio que a evidencia e escuta. Quando colocamos a narrativa na escola através do contador/leitor de histórias, mudamos a história da escola.

As narrativas possibilitam abrir caminhos para a leitura literária. O contato com as histórias proporciona a criança, na fase inicial, desenvolver-se em vários aspectos, mesmo sem ter conhecimento da escrita, permitindo uma interação com as narrativas através do imaginário. Desse modo, as narrativas podem ser consideradas a chave desencadeadora para as crianças adquirirem o gosto pela leitura, pois, vivenciando experiências vão se constituindo leitores, podendo transmitir também aquilo que ouviram e leram aos demais. A propósito disso, Fox e Girardello (2004, p. 127) afirmam:



Por fim, os jovens ouvintes tornam-se jovens contadores. Ao ouvir histórias bem contadas, as crianças aprendem como os fatos e personagens podem ser encadeados e recriados para a informação e a satisfação dos outros. Sem dúvida, a habilidade de atribuir um “padrão” às nossas próprias experiências, e às alheias, é necessária em qualquer ato comunicativo, do mais formal ao mais pessoal. Sem essa habilidade ficamos desorientados, sem contato com os outros, nem mesmo conosco. As culturas que nos antecederam sabiam disto, e estaremos correndo um risco, em nosso tempo, se desconsiderarmos essa verdade.

Portanto, a leitura é parte do cotidiano dos seres humanos, que diante do crescimento acelerado e, conseqüentemente, da sociedade, precisam estar de acordo com as normas e exigências do meio em que vivem. E precisam, ainda, estar aptos a decifrar os códigos que surgem, não somente na busca de informação, mas na procura constante do conhecimento. Assim, o estímulo literário, através da narrativa de histórias ou da leitura de um texto literário, é um meio que permite ao leitor desenvolver habilidades que o ajudará em todas as esferas, sejam elas, sociais, emocionais, individuais ou coletivas.

Assim, no segundo encontro, realizado em 05 de outubro, levou-se para as crianças, conforme se havia programado, as próximas atividades, possibilitando que elas dessem sugestões.

Como elas estavam dispostas a compartilhar a história com as outras crianças da escola, foi dito a elas que fariam uma *performance*. Antes mesmo que explicasse do que se tratava, um aluno disse: “- Deixe que eu vejo o que significa essa palavra no dicionário” foi até a sua mochila, pegou o dicionário e rapidamente afirmou:

- *Performance é: atuação, desempenho (sobretudo em público).*

Diante do que foi aqui exposto, é salutar o esclarecimento de Zumthor (2000, p. 63):

O texto vibra; o leitor o estabiliza, integrando-o àquilo que é ele próprio. Então, é ele que vibra, de corpo e alma. (...) Ora, compreender-se, não será surpreender-se, na ação das próprias vísceras, dos ritmos sangüíneos, com o que em nós o contato poético coloca em balanço? Todo texto poético é, nesse sentido, performativo, na medida em que aí ouvimos, e não de maneira metafórica, aquilo que ele nos diz. Percebemos a materialidade, o peso das palavras, sua estrutura acústica e as reações que elas provocam em nossos centros nervosos. Essa percepção, ela está lá. Não se acrescenta, ela está. É a partir daí, graças a ela que, esclarecido ou instilado por qualquer reflexo semântico do texto, aproprio-me dele, interpretando-o, ao meu modo; é a partir dela que, este texto, eu o reconstruo, como o meu lugar de um dia. E se nenhuma percepção me impele, se não se forma em mim o desejo dessa (re)construção, é porque o texto não é poético; há um obstáculo que impede o



contato das presenças. Esse obstáculo pode residir em mim ou provir de hábitos culturais (tal como chamamos o gosto) ou uma censura.

Esse ato é entendido como performático no momento que ultrapassa a palavra contada, segundo Matos e Sorsy (2007, p. 04) “ela é carregada dos significados que lhes atribuem gestual, o ritmo, a entonação, a expressão facial e até o silêncio que, entremeando – se ao discurso, integra-se a ela. O valor estético da narrativa oral está, portanto, na conjunção harmoniosa de todos esses elementos”.

O mesmo sentido é encontrado nas palavras de Zumthor (1997, p. 203) para quem: “a oralidade não se reduz à ação da voz, expansão do corpo, embora não o esgote. A oralidade implica tudo o que, em nós, se endereça ao outro: seja um gesto mudo, um olhar”.

Portanto, a leitura oralizada tem um caráter performático quando uma história também se configura em voz, corpo, gestos olhares, silêncios, livro revelando intenções de tocar o outro, o leitor. Nesse sentido, cabe lembrar a seguinte afirmação:

[...] as diferenças entre ler uma história em voz alta e contá-la livremente é a observação de Zumthor de que quando alguém canta ou recita, seja um texto improvisado ou decorado, “sua voz, por si só, lhe confere autoridade”. Se, ao contrário, o interprete lê num livro o que os outros escutam, “a autoridade provém do livro como tal, objeto visualmente percebido como no centro do espetáculo performático” (GIRARDELLO, 2007, p. 51).

Então, decidiu-se fazer uma *performance* do livro, *A caligrafia de Dona Sofia*. As crianças ficaram muito entusiasmadas com a idéia. Retomou-se, então, o tema da contação de histórias, afirmando-se que, seja oralmente seja pela leitura de um livro, a contação de histórias deve ser realizada com muita seriedade, pois é um momento de entrega entre leitor e ouvinte.

Assim, foi decidido coletivamente que a socialização do livro, com sua narrativa e seus poemas, seria feita na Feira do Livro, agendada para o dia 29 de outubro. Tomou-se a decisão de que se realizaria a leitura oral da narrativa e a declamação dos poemas e se concluiria com a entrega de cartões poéticos, tal como fazia Dona Sofia.

A idéia de compartilhar o livro por meio da leitura oral foi aceita com muita receptividade, uma das crianças falou:

Ana Luísa - Se nós compartilhar a história e os poemas, os outros podem aprender a gostar de livros, histórias e poesia!

Todos – Muitos aplausos



Decidiu-se, em conjunto, quem faria a leitura da narrativa e quem declamaria os poemas. Não houve disputa na escolha entre quem leria ou declamaria. Os alunos, rapidamente se organizaram, sem confusões, a partir de suas escolhas. A leitura oral da narrativa foi organizada da seguinte forma: Julia que falaria sobre a história, de Dona Sofia e, em seguida, a leitura oralizada com Larissa, Eduardo, Pedro, Ana Luísa, Mylena, Lara e Monique. Na sequência os demais alunos da turma, fariam a declamação dos poemas. Quanto aos poemas, eles escolheram os que mais gostaram do livro, inserindo também poemas de Cecília Meireles e Vinícius de Moraes⁸.

Todos prontos, iniciou-se a leitura; os alunos recitaram os poemas, repetindo várias vezes, observando a pontuação, a voz, os gestos, experimentando qual forma ficaria melhor. Comunicou-se a eles que havia um cronograma, previamente elaborado com a professora regente; que se existiriam dias para os ensaios e dias para a realização das atividades, e assim aconteceu.

No encontro do dia 07 de outubro, tinha-se como proposta a construção de desenhos a partir da leitura do livro, *A caligrafia de Dona Sofia*. Esta atividade foi realizada na sala de aula com a presença da professora regente. Inicialmente, solicitou-se que organizassem os grupos, da mesma forma que fizeram na aula anterior, isto é, cinco grupos com quatro alunos.

As crianças falaram em vários momentos “soltar” palavras e poesias:

Lara – Que tal, olha só, Didi, vamos soltar as poesia...

Marcos – Soltar sim. Aí todo mundo pode vê, muita gente não conhece!

P – Como assim soltar poesia?...

Eduardo – Lê poesia...

Lara – Desenha poesia!

Luiza – Faze cartão de poesia!

Yasmin - Com flor perfumada!

Leonardo – Isso vai fica legal!

Nycóli – Dá poesia de presente!

⁸ Estes dois poetas não são citados no Livro de André Neves, mas as crianças os trouxeram, fazem parte do seu repertório literário.



Por conta disso, a pesquisadora sugeriu colocar os desenhos em forma de móveis. Todas gostaram muito da idéia de movimento, que surgiu a partir da própria fala delas, já que disseram que a poesia vem do vento:

Marcos – Didi como vem a poesia?

Pedro – Eu sei... Acho que vem do vento... Como borboleta...

Ana Luísa – Do vento!

Os alunos foram divididos em pequenos grupos e a eles foi entregue a uma grande variedade de materiais: papéis de gramaturas de texturas diferentes e cores variadas; tecidos de diversas tonalidades e texturas; tintas e vaporizadores, lápis, canetas, pincéis e cola.

Garantir materiais variados e de qualidade é possibilitar uma prática expressiva, assegurando o desenvolvimento de vivências que permitam, antes de tudo, fortalecer a autonomia criativa. Desse modo, cada criança se reconhece e se identifica, podendo superar as próprias expectativas.

Sem qualquer dificuldade, as crianças foram elaborando suas composições, algumas formas se repetiam em todos os trabalhos: borboletas, corações, casas, flores. A música que ambientou a leitura oralizada, também foi utilizada nesta proposta.



Figura 31: Imagem da confecção dos desenhos

Fonte: Acervo particular da pesquisadora





Figura 32: Imagem da confecção dos desenhos

Fonte: Acervo particular da pesquisadora

As crianças teceram comentários sobre os poetas que estavam na narrativa e outros que conheciam, tal como: Vinícius de Moraes e Cecília Meireles. Elas já haviam feito buscas na internet à procura de informações. Essa prática era habitual para as crianças. As perguntas não se restringiam ao espaço escolar onde, normalmente, eram os encontros. As poesias e as leituras sempre eram motivos de muita conversa e, muitas vezes, os pais teciam comentários sobre o assunto.

A cada encontro, elas traziam novidades, solicitavam outros sites de pesquisa, retiravam livros de poesia na biblioteca. Estas atitudes fizeram com que se perguntasse a elas o que fariam com tantos livros de poesia, a resposta foi imediata:

- Vamos ler poesia!

Durante todo o período de aula, as crianças ficaram envolvidas com a atividade e sempre surgiam indagações sobre a maneira de colocar os desenhos expostos. Sugeriu-se, então, a elas fazer uma espécie de instalação com fios onde seriam colocados os bambolês suspensos com os desenhos poéticos. Essa disposição daria a idéia de que a poesia vem do vento e de que os poemas dançam, tal como nas mãos de Dona Sofia.

No dia 14 de outubro, alunos e pesquisadora voltaram a se encontrar para a elaboração dos cartões poéticos. Essa atividade foi realizada em pequenos grupos. As próprias crianças decidiram permanecer nos grupos formados anteriormente. De posse dos materiais, os grupos iniciaram a atividade.



Como Dona Sofia colhia flores do jardim, para colocar nos cartões, foi solicitado às crianças, anteriormente, que trouxessem de casa flores naturais para que os cartões tivessem semelhança com os elaborados pela personagem do livro. Porém, elas sugeriram que os cartões fossem perfumados. Assim, quando foi entregue o material nos grupos, cada um recebeu um saquinho com cravo da índia, onde colocariam os cartões para perfumar, todos adoraram a idéia. Embalados pela música, que contribuiu para que a atividade se tornasse prazerosa e criativa, as crianças entusiasmadas, recortavam papéis, tecidos e, cuidadosamente, colavam as flores secas, escolhiam os poemas, que iriam escrever nos cartões. Além disso, havia uma preocupação para que a caligrafia fosse o mais bonita possível.



Figura 33: Imagem da elaboração dos cartões

Fonte: Acervo particular da pesquisadora



Figura 34: Imagem da elaboração dos cartões

Fonte: Acervo particular da pesquisadora



Esta atividade demandou mais tempo, já que as crianças tinham que fazer muitos cartões, que seriam distribuídos na Feira do Livro. Desse modo, foi-lhes sugerido que terminassem a atividade em casa.

Nos dias 20, 23, 27, houve um encontro para a realização da leitura da narrativa e dos poemas. Essas leituras também aconteceram em outros dias sob a coordenação da professora regente, que esteve integrada ativamente em todas as fases do projeto. Ela desenvolveu uma atividade com os alunos que juntamente com os pais escreveram um livro. O tema foi deixado a critério de cada um, mas todos produziram histórias que envolviam a Dona Sofia e os livros de poesias, enfim todos de alguma forma ligados ao tema que se tinha desenvolvido.

Na capa de vários livros constava o nome do aluno e o nome do pai ou da mãe, um trabalho que demandou envolvimento, partilha aproximação entre o real e o imaginário. Aventurar-se por diferentes caminhos, autoriza a criança na conquista de sua autonomia.

No dia 28, dia que antecedeu o evento foi realizado, no ginásio da escola, local onde aconteceria a Feira do Livro, o ensaio da narrativa do livro e da declamação dos poemas. Neste dia, simulou-se o lugar da apresentação, posicionado de forma que possibilitasse o uso do microfone, bem como a forma de como os alunos iriam se apresentar. Inicialmente, Júlia fez um breve relato da história de Dona Sofia e Larissa iniciaria a narrativa.

As crianças estavam agitadas com a proximidade da apresentação. Após o ensaio preparou-se o espaço, com a colocação de mesas, distribuição do material que ficaria exposto. Os pais também foram convidados para participar da preparação do local.

No dia anterior a Feira, o ritmo frenético dos alunos dava sinal da ansiedade. A livraria Nobel, de Passo Fundo, começou a preparar o local onde os livros ficariam expostos. Um grande número de obras, dos mais variados gêneros, selecionadas, criteriosamente, pela editora, vão ganhando espaço. Cada turma organiza o seu espaço de acordo com a orientação do professor.

Quinta-feira, dia 29, às 9 horas, foi aberta a Feira do Livro, com o *slogan*: “Leia livros, leia vida”. Abrem-se os portões do ginásio, um espaço amplo, que agora comporta em toda a sua extensão o trabalho dos alunos da escola.

Os alunos do 3º ano estavam orgulhosos, não mediam esforços para explicar sobre as atividades desenvolvidas; os móveis com desenhos, as sacolas de leitura, os livros que leram, os que escreveram, convidando todos para participarem da narrativa de histórias e o recital de poesias marcado para as 18 horas, pelos alunos do 3º ano, foi um momento muito



aguardado, pois se tratava de uma novidade na escola. Nas palavras de, Rösing e Silva (2001, p. 23):

O partilhar do ato de ler entre diferentes gerações [...] envolve tal ação de enorme prazer, constituindo-se em momentos inesquecíveis para os pequenos leitores. Este processo intergeracional provoca a curiosidade pelo resgate de histórias e experiências pitorescas próprias do ser humano.

A feira foi uma celebração de todas as artes, com recital de música, exposição de desenhos e instalações. O comparecimento de todos; pais, alunos e professores, ávidos por ver os trabalhos, manusear os livros dava sinais de que esse tipo de evento não poderia mais ser relegado ao esquecimento.



Figura 35: Imagem da leitura oralizada na Feira do Livro

Fonte: Acervo particular da pesquisadora



Figura 36: Imagem da leitura oralizada na Feira do Livro

Fonte: Acervo particular da pesquisadora



Mobilizando todas as funções e dimensões da linguagem, criou-se um novo olhar, novas percepções, que comporta gestos, sons, cores formas e sentimentos, ultrapassando a prática cotidiana desenvolvida em muitas escolas. Acredita-se que essa é uma possibilidade humanizada de ensinar, não pela via da obrigatoriedade, mas pelo prazer, encontrando-se outras formas possíveis de dizer e de vivenciar o texto literário.



5 CONCLUSÃO

[...] *Mas renova-se a esperança*
Nova aurora, cada dia
E há que se cuidar do broto
Pra que a vida nos dê
Flor e fruto [...]
 Milton Nascimento (1983)

*A*credita-se que o objetivo da pesquisa foi contemplado, pois se conseguiu verificar que as crianças do ensino fundamental, em particular as do 3º ano, receberam positivamente a leitura compartilhada. Por meio das histórias partilhadas, os alunos elaboraram e reelaboraram histórias compatíveis com o seu modo de percebê-las. Através das histórias, eles trouxeram as suas vivências e experiências acumuladas, dando total demonstração de que o objetivo de enfatizar a leitura compartilhada estava sendo concretizado.

O apoio da direção da escola, da professora regente, dos pais e das crianças foi determinante para que o estudo se tornasse uma realidade. Desde o primeiro contato com a direção da escola e a apresentação da proposta de trabalho, à direção e aos pais, foi estabelecida uma relação de parceria que se manteve durante todo o desenvolvimento do trabalho proposto. Em prévio contato com a escola, após ter verificado a necessidade de se ampliar os exemplares, principalmente, de literatura infantil, da biblioteca da escola, por ser este objeto central do estudo, a direção demonstrou-se solícita em melhorar o acervo literário, tanto em termos qualitativos quanto em termos quantitativos. Isso favoreceu o desenvolvimento do estudo, fazendo com que o contar histórias e a leitura se tornassem constantes em todos os encontros.

Direção, professores e pais organizaram uma rifa para adquirir livros de literatura e melhorar o acervo da biblioteca. As *sacolas de leitura compartilhada* que ainda hoje, depois de finalizado o trabalho, circula entre os alunos, acompanhando e construindo caminhos; tanto no ambiente escolar, sala de aula e biblioteca, quando no ambiente familiar.

O mais importante de tudo foi observar que as leituras não ficaram restrita ao espaço escolar, nem tampouco se limitaram a leitura individualizada do aluno ao sair da escola. Ao contrário, ela ganhou também o ambiente familiar e, em extensão, os momentos em comum de convivência familiar, permitindo-lhes compartilhar momentos prazerosos



através da leitura. Foi o que se pode constatar nos comentários animadores dos alunos em todos os encontros.

A concretização desse fato atendeu a finalidade de incentivar o prazer pela leitura de forma que o ser humano possa se valer dela como uma atividade prazerosa a ser exercida, voluntariamente, como se coexistindo ao próprio ser humano.

Observou-se, assim, que a mediação exerceu um papel fundamental pela leitura compartilhada. A figura do mediador e as formas alternativas de prazer e satisfação, pela leitura, construídas e exploradas, por ele, fizeram com que os alunos se sentissem ainda mais estimulados pela leitura e, certamente, pela permanência do gosto pela leitura. Constatou-se, ainda, que a mediação foi essencial para que a habilidade dos alunos em relacionar as histórias ouvidas e lidas com outras histórias vivenciadas fosse cada vez maior. As inter-relações feitas com outras histórias foram importantes para o entendimento, assim como para a construção de sentido para as narrativas. Além disso, elas, também, contribuíram para que os alunos experimentassem a literatura numa dimensão socializadora, à medida que a leitura compartilhada fez com que, entre eles, fosse construída uma relação de cumplicidade e interesse mútuos. Assim, pode-se constatar que a mediação foi um meio importante para incentivar o gosto pela leitura. Isso, considerando-se que o ato de narrar histórias foi um meio importante para que as crianças dessem vazão à imaginação e traduzissem através de palavras aspectos da vida e memórias que lhes foram transmitidas pelos seus ancestrais.

O ato de narrar pautado numa atmosfera lúdica foi fundamental para que as crianças se sentissem envolvidas pelas narrativas, estabelecendo com estas uma verdadeira relação de solidariedade que lhes permitiu sonhar e passear pelo mundo da imaginação. Prova disso, foram as várias produções de poemas e de narrativas revelando uma completa interação com o imaginário. Pode-se, assim, dizer que o ato de narrar impulsionou o recordar, fazendo com que, por meio do compartilhar, as memórias fossem passadas uns aos outros.

A recepção do texto pelas crianças foi um elemento primordial no processo de leitura. A atuação do leitor frente ao texto e a forma como interagiu, estabelecendo relações e manifestações, a partir de seu horizonte de expectativas e capacidade imaginativa, que se entrelaçam com as suas experiências, foram alguns dos aspectos observados durante as atividades de leitura.

O tema a *casa*, por se tratar de um termo polissêmico, explorado nas diferentes histórias contadas e lidas, favoreceu a percepção dos alunos dos mais diversos significados que ela pode supor. Estes, por sua vez, remeteram os alunos às lembranças e às memórias de suas experiências vividas, fazendo com que elas se tornassem atuais. As produções orais e



escritas dos alunos comprovaram este fato. As lembranças da casa onde nasceram e as memórias a ela associadas foram frequentes nas suas produções.

O ponto de partida foi a leitura do poema, *A casa*, de Vinícius de Moraes, poema integrado ao livro, *A Arca de Noé*, do mesmo autor. A partir daí, realizou-se outras atividades pautadas no diálogo com as linguagens escrita, musicada, visual e sensorial. A atividade culminou com uma oficina, na qual foram produzidos vários textos, dando novos significados para a palavra casa. Esta foi uma evidente demonstração de que, por meio da leitura compartilhada, os alunos beneficiaram-se da competência uns dos outros para construir sentido para as narrativas e obtiveram o prazer de entendê-las mais e melhor.

Em um segundo momento desenvolveu-se outras atividades, a partir da leitura do livro, *A caligrafia de Dona Sofia*, de André Neves, livro que mescla narrativa e poesia. Como atividade de motivação, foi escolhido o poema, “Os cinco sentidos”, de Bartolomeu Campos. Para a leitura do poema, os alunos foram organizados em círculo, na praça, em frente à escola. Isso para propiciar uma integração maior entre o narrador e o leitor, proporcionando um momento afetivo de escuta da palavra e, conseqüentemente, conduzir o leitor a uma relação de afetividade mais intensa com o mundo da leitura.

O desejo de enfatizar a leitura compartilhada como uma forma de crescimento humano individual e coletivo foi aqui concretizado, numa evidente demonstração de que o ser humano, de forma consciente e voluntária, através da leitura, busca o seu crescimento pessoal e coletivo.

Assim, o estudo culminou com a retomada da Feira do Livro, atividade que não se realizava há 10 (dez) anos na escola. Embalados pela perspectiva de compartilhar suas leituras e produções com a escola, os pais e os demais componentes da comunidade escolar, partiu dos próprios alunos a idéia de realizar a Feira do Livro. A participação foi estendida a todos os alunos e contou com o envolvimento dos professores, direção da escola e pais dos alunos. Na oportunidade, os alunos envolvidos no projeto de estudo apresentaram suas produções literárias, tanto orais quanto escritas.

Toda a atividade de leitura quer coletiva quer individualizada, foram amplamente apreciadas pelos alunos. Isso se fez sentir durante as aulas, quando, eufóricos, os alunos queriam partilhar uma determinada leitura individual que lhes havia causado uma impressão peculiar. A leitura compartilhada fez com que os alunos passassem a gostar ainda mais da leitura e foi um meio salutar para a apreciação da leitura individualizada e coletiva. Assim, de certa forma, a leitura antes individualizada passava a ser também coletiva pela voz de um novo narrador.



Dessa forma, ficou evidente a consciência da importância de contar histórias deve fazer parte do planejamento de todo educador que almeja levar o aluno a construir o seu caminho enredado no do outro, partilhando as histórias que o levaram às infindáveis e encantadoras fortalezas do imaginário.

Para tanto, faz-se ainda necessário cursos de aperfeiçoamento para os educadores e a elaboração de programas especialmente destinados a promoção da leitura nas escolas, que apresentem atividades práticas e criativas ao educador para ampará-lo em todas as suas ações. Isso porque se observou que, apesar de existir o consenso entre os educadores da importância da leitura na formação do aluno, essa prática ainda ressenete-se de programas e projetos que realmente contribua para a formação do leitor, em especial da leitura literária.



REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. A leitura em momento de crise social. In ____ (Org) **Leituras no Brasil: antologia comemorativa ao 10º. Cole.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

AMARILHA, Marly. **Alice que não foi ao país das maravilhas:** a leitura crítica na sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2006.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Seleção de textos.** 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1990.

ARAES, Luciana. **Era uma casa muito engraçada com Vinícius e Vilaró.** Disponível em: <http://www.pitoresco.com.br/espelho/2005_01vinicius/vilaro.htm>. Acesso em: 25 julho 2009.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BALOGH, Anna Maria. Passo às tuas mãos uma chama... In: ROSING, Tânia; BECKER, Paulo (Org.) **Ensaio. Jornadas de literatura de Passo Fundo.** UPF, Edelbra 2001.

BARBENGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura.** 6º ed. São Paulo: Ática/Unesco, 1995.

BAUER, Martin W. GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. 7 ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2008.

BELLO, Sérgio Carneiro. Por que devemos contar histórias na escola? In: GIRARDELLO, Gilka. **Baús e chaves da narração de histórias.** Editora SESC Santa Catarina, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BILAC, Olavo. **Poesias infantis.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1949.



BORDINI, Maria da Glória. Pensando a poesia infantil de agora. In. ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (orgs). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

BUARQUE, Chico. BETHÂNIA, Maria. **Sonho Impossível (ao vivo)**. Philips, 1975.

BUSATTO, Cléo. **A Arte de Contar histórias no Século XXI: Tradição e Ciberespaço**. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CARPINEJAR, Fabrício. **A infinita infância das palavras**. Revista da Cultura. São Paulo, n. 08, p. 07-08, mar. 2008.

CERILLO, Pedro C. Literatura infantil e mediação leitora. In. RÖSSING, Tânia M. K.; RETTENMAIER, Miguel (orgs.). **Leitura, literatura e consciência intercultural**. Passo Fundo: UPF, 2007.

CHARTIER, Roger. Comunidades de Leitores. IN: _____. **A ordem dos livros**. Trad. Mary Del Priori. Brasília: editora UNB, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa. **Andar entre os livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

CORSO, Diana Lichtenstein. CORSO, Mário. **Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COSTA, Marta Moraes da. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: IBPEX, 2007.

_____. **Mapa do mundo: crônicas de aprendiz**. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2006.

DEBUS, Eliane. **Festaria de brincança: a leitura literária na Educação Infantil**. São Paulo: Paulus, 2006.



EGAN, Kieran. Por que a imaginação é importante na educação. In. FRITZEN, Celdon. CABRAL, Gladir S. **Infância: imaginação e educação em debate**. Campinas SP: Papyrus, 2007.

FOX, Geoff. GIRARDELLO, Gilka. A narração de histórias na sala de aula. In. GIRARDELLO, Gilka. **Baús e chaves da narração de histórias**. Editora SESC Santa Catarina, 2004.

FRONCKOWIAK, Ângela Cogo. RICHTER, Sandra. A poética do devaneio e da imaginação criadora em Gaston Bachelard. In. FRITZEN, Celdon. CABRAL, Gladir S. **Infância: imaginação e educação em debate**. Campinas SP: Papyrus, 2007.

GIRARDELLO, Gilka (org). **Baús e Chaves da narração de histórias**. Editora SESC Santa Catarina, 2004.

_____. Voz, presença e imaginação. In. FRITZEN, Celdon. CABRAL, Gladir S. **Infância: imaginação e educação em debate**. Campinas SP: Papyrus, 2007.

JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JOSÉ, Elias. **Literatura Infantil: ler, contar e encantar crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LIMA, Luiz Costa (tradução e coordenação) JAUSS, Hans Robert. **A leitura e o leitor: textos de estética da recepção**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1944.

MACHADO, Regina. **Acordais: Fundamentos teórico-poéticos da Arte de Contar Histórias**. São Paulo: DCL, 2004.

_____. No tempo em que não havia tempo. In. GIRARDELLO, Gilka. **Baús e chaves da narração de histórias**. Editora SESC Santa Catarina, 2004.

MATOS, Gislayne Avelar. SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

NERUDA, Pablo. **Memorial de Isla Negra**. Porto Alegre: L&PM, 2007.



NETO, José de Castilho Marques. Políticas públicas de leitura e a formação de mediadores. In. SANTOS, Fabiano dos. et al. **Mediação de Leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores**. 1º ed. São Paulo: Global, 2009.

NISHIO, Toshie. **A Casa**. Animação: Ioco Nischio Canção A Casa dde Vinicius de Moraes. Disponível em: <<http://www.converta.com.br/videos/search/a%20casa%20>>. Acesso 02 de agosto de 2009.

NUNES, Lygia Bojunga. **Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes**. Rio de Janeiro. Agir, 1990. Disponível em http://www.prolerbsunisanta.com.br/Livro_a_Troca.doc. Acesso em 15 de dezembro de 2009.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologia da palavra**. Campinas: Papirus, 1998.

ORTIZ, Estrella. Ler, interpretar, recitar... In. GIRARDELLO, Gilka. **Baús e chaves da narração de histórias**. Editora SESC Santa Catarina, 2004.

OSTROWER, Fayga. A construção do olhar. In. NOVAES, Adauto (org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PEGORARO, Olindo A. **Freud, ética e metafísica, o que ele não explicou**. Petrópolis RJ: Vozes, 2008.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PESSOA, Fernando. **Os melhores poemas de Fernando Pessoa**. 4 ed. São Paulo: Global, 1988.

PINTO. Antonio Luiz de Toledo. SANTOS, Márcia Cristina Vaz dos. CÉSPEDES, Livia. **Vade Mecum/ obra coletiva de autoria da Editora Saraiva**. ECA, p. 1046 e CF p. 08. 7ª ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Os cinco sentidos**. São Paulo: Nacional, 2004.

QUEVEDO, Hercílio Fraga de. **Poesia e escola: no ritmo das múltiplas linguagens**. Passo Fundo: UP, 2000.



QUINTANA, Mario. **Poesias**. 8ª ed. São Paulo: Globo, 1989.

_____. **Caderno H**. Centenário Mario Quintana, 2 ed. São Paulo: Globo, 1906 – 2006.

RAUEN, Fábio. **Roteiros de pesquisa**. Rio do Sul SC: Nova Era, 2006.

REYZÁBAL. A comunidade oral e sua didática. Apud. BELLO, Sérgio Carneiro. Por que devemos contar histórias na escola? In. GIRARDELLO, Gilka. **Baús e chaves da narração de histórias**. Editora SESC Santa Catarina, 2004.

RÖSING, Tania M. K. et al. **Questões de vivências de leitura**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2007.

RÖSING, Tania M. K. RETTENMAIER, Miguel (org). **Leitura, literatura e consciência intercultural**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2007.

RÖSING, Tania. SILVA, Ana Carolina Martins da. **Práticas leitoras para uma Cibercivilização II**. Passo Fundo: UPF Editora, 2001.

SANTOS, Fabiano dos. Agente de leitura: inclusão social e cidadania cultural. In. SANTOS, Fabiano dos. et al. 1º ed. São Paulo: Global, 2009.

SHEDLOCK, Marie L. Da introdução de Arte do contador de histórias. In. **Baús e chaves da narração de histórias**. Editora SESC Santa Catarina, 2004.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. O professor leitor. In. SANTOS, Fabiano dos. et al. **Mediação de leitura**. 1 ed. São Paulo: Global, 2009.

SIMMS, Laura. Através do terror de história. In. GIRARDELLO, Gilka. **Baús e chaves da narração de histórias**. Editora SESC Santa Catarina, 2004.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2005.

VILARÓ, Carlos Paes. **Casa Pueblo**. Disponível em <<http://www.flickr.com/>>. Acesso em 02 de agosto de 2009.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e a história da literatura**. S. Paulo: Ed. Ática, 1989.



_____. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 2003.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral.** Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Performance, recepção, leitura.** São Paulo: EDUC, 2000.



TÍTULOS UTILIZADOS NA INTERVENÇÃO

PUEBLA, Teo. **Antologia de Poesia Brasileira para crianças**, Il..São Paulo: Girassol, 2003.

LEÃO, Liana. **O livro das casas**. Il. Guilherme Zamonier. São Paulo: Cortez, 2004.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Os cinco sentidos**. São Paulo: Nacional, 2004.

MORAES, Vinicius. **A Arca de Noé**. Il. Nelson Cruz. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2004.

NEVES, André. **A caligrafia de Dona Sofia**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SERES, Alain. **Minha casa é azul**. Il. Edmée Cannard. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: SM. 2009.

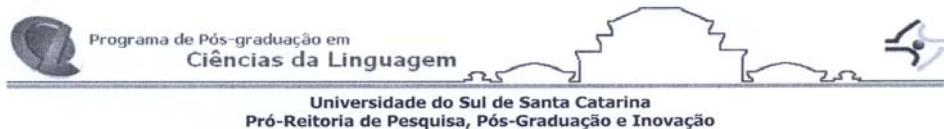
STRAUS, Rosa Amanda. **Quanta Casa!** Il. Eduardo Albini. São Paulo: FTD, 2005.



ANEXOS



ANEXO I: OFÍCIO PPGCL PARA A ESCOLA



Ofício PPGCL 65/2009
Tubarão, 1º de outubro de 2009

Ilma. Profa. Andréa Longhinotti de Moura
DD Diretora do Colégio Cenecista Padre Manoel Gomez Gonzalez
Nonoai – RS

Prezada Senhora:

Por meio deste, solicitamos a Vossa Senhoria autorização para a execução de coleta de dados por meio de projeto de intervenção para elaboração da dissertação de Mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, intitulada: "Leitura compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura" da estudante Claudia Maria Poglia, sob orientação da professora Doutora Eliane Santana Dias Debus.

Em anexo, segue o cronograma para o projeto de intervenção e coleta de dados a ser desenvolvido pela estudante.

Sem mais para o momento, colocamo-nos a disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários.

Atenciosamente,

Prof. Dra. Eliane Santana Dias Debus
Programa de Pós-Graduação
em Ciências da Linguagem

Prof. Dr. Fábio José Rauen
Coordenador do Programa de
Pós-Graduação em
Ciências da Linguagem

Campus Tubarão
Av. José Acácio Moreira, 787, Dehon
88.704-900 - Tubarão, SC - (55) (48) 3621-3369
Campus Grande Florianópolis
Avenida Pedra Branca, 25
Cidade Universitária Pedra Branca
88.132-000 - Palhoça, SC - (55) (48) 3279-1061



ANEXO II: TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO



Programa de Pós-graduação em
Ciências da Linguagem

Universidade do Sul de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Dados de identificação:

Título do projeto: *Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura.*

Pesquisador responsável: *Cláudia Maria Poglia*

Profª. Orientadora: *Dra. Eliana Santana Dias Debus*

Instituição a que pertence o pesquisador responsável: *Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem*

Telefones para contato: *(54) 3361-1355 / 9955-5028*

Nome do voluntário: *Ana Luísa Haas* Idade: 8 anos.

Responsável legal: *Lucimara Haas* Idade: 36 anos.

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa "Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura", de responsabilidade da pesquisadora *Cláudia Maria Poglia*, sob orientação da profª. *Dra. Eliane Santana Dias Debus*.

A pesquisa tem como objetivo refletir como as crianças em idade escolar, em especial dos anos iniciais do ensino fundamental, recebem o texto literário através da narrativa de histórias, pensada como leitura compartilhada, e como este tipo de atividade aproxima a criança da leitura literária.

Como forma de coleta de dados será realizada a leitura de livros de recepção infantil e será feito o uso do recurso audiovisual, no qual será coletado o relato oral a respeito das narrativas apresentadas. Também será realizado registro fotográfico.

A participação é voluntária, cabendo aos participantes a autorização para a utilização das informações fornecida, para isto contamos com a sua colaboração para o desenvolvimento desta pesquisa.

Eu, *Lucimara Haas*, RG número *5052229791* responsável legal por *Ana Luísa Haas* declaro ter sido informado e concordo com sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa descrito.

Nonoai, *07* de *outubro* de 2009.

Assinatura do responsável: *Lucimara Haas*

Assinatura da mestrand: *Eliana*

Campus Tubarão
Av. José Acácio Moreira, 787, Dehon
88.704-900 - Tubarão, SC - (55) (48) 3621-3369
Campus Grande Florianópolis
Avenida Pedra Branca, 25
Cidade Universitária Pedra Branca
88.132-000 - Palhoça, SC - (55) (48) 3279-1061





Programa de Pós-graduação em
Ciências da Linguagem



Universidade do Sul de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Dados de identificação:

Título do projeto: *Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura.*

Pesquisador responsável: *Cláudia Maria Poglia*

Profª. Orientadora: *Dra. Eliana Santana Dias Debus*

Instituição a que pertence o pesquisador responsável: *Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem*

Telefones para contato: *(54) 3361-1355 / 9955-5028*

Nome do voluntário: *Eduardo André J. Vigne* Idade: 9 anos.

Responsável legal: *Alexandra Sarcheski* Idade: 36 anos.

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa “Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura”, de responsabilidade da pesquisadora *Cláudia Maria Poglia*, sob orientação da profª. *Dra. Eliane Santana Dias Debus*.

A pesquisa tem como objetivo refletir como as crianças em idade escolar, em especial dos anos iniciais do ensino fundamental, recebem o texto literário através da narrativa de histórias, pensada como leitura compartilhada, e como este tipo de atividade aproxima a criança da leitura literária.

Como forma de coleta de dados será realizada a leitura de livros de recepção infantil e será feito o uso do recurso audiovisual, no qual será coletado o relato oral a respeito das narrativas apresentadas. Também será realizado registro fotográfico.

A participação é voluntária, cabendo aos participantes a autorização para a utilização das informações fornecida, para isto contamos com a sua colaboração para o desenvolvimento desta pesquisa.

Eu, *Alexandra Sarcheski*, RG número 1068404142 responsável legal por *Eduardo André J. Vigne* declaro ter sido informado e concordo com sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa descrito.

Nonoai, 07 de outubro de 2009.

Assinatura do responsável: *Alexandra Sarcheski*

Assinatura da mestrand: *Joshua*

Campus Tubarão
Av. José Acácio Moreira, 787, Dehon
88.704-900 - Tubarão, SC - (55) (48) 3621-3369
Campus Grande Florianópolis
Avenida Pedra Branca, 25
Cidade Universitária Pedra Branca
88.132-000 - Palhoça, SC - (55) (48) 3279-1061





Programa de Pós-graduação em
Ciências da Linguagem



Universidade do Sul de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Dados de identificação:

Título do projeto: *Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura.*

Pesquisador responsável: *Cláudia Maria Poglia*

Profª. Orientadora: *Dra. Eliana Santana Dias Debus*

Instituição a que pertence o pesquisador responsável: *Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem*

Telefones para contato: *(54) 3361-1355 / 9955-5028*

Nome do voluntário: *Gabriel Biamchim Machado* Idade: *8* anos.

Responsável legal: *Beuza I. Biamchim* Idade: *40* anos.

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa "Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura", de responsabilidade da pesquisadora *Cláudia Maria Poglia*, sob orientação da profª. *Dra. Eliane Santana Dias Debus*.

A pesquisa tem como objetivo refletir como as crianças em idade escolar, em especial dos anos iniciais do ensino fundamental, recebem o texto literário através da narrativa de histórias, pensada como leitura compartilhada, e como este tipo de atividade aproxima a criança da leitura literária.

Como forma de coleta de dados será realizada a leitura de livros de recepção infantil e será feito o uso do recurso audiovisual, no qual será coletado o relato oral a respeito das narrativas apresentadas. Também será realizado registro fotográfico.

A participação é voluntária, cabendo aos participantes a autorização para a utilização das informações fornecida, para isto contamos com a sua colaboração para o desenvolvimento desta pesquisa.

Eu, *Beuza Iméz Biamchim*, RG número *6070614075* responsável legal por *Gabriel B. Machado* declaro ter sido informado e concordo com sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa descrito.

Nonoai, *06* de *Outubro* de 2009.

Assinatura do responsável: *Cláudia Poglia*

Assinatura da mestrandia: *Eliane Debus*

Campus Tubarão
Av. José Acácio Moreira, 787, Dehon
88.704-900 - Tubarão, SC - (55) (48) 3621-3369
Campus Grande Florianópolis
Avenida Pedra Branca, 25
Cidade Universitária Pedra Branca
88.132-000 - Palhoça, SC - (55) (48) 3279-1061





Programa de Pós-graduação em
Ciências da Linguagem



Universidade do Sul de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Dados de identificação:

Título do projeto: *Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura.*

Pesquisador responsável: *Cláudia Maria Poglia*

Profª. Orientadora: *Dra. Eliana Santana Dias Debus*

Instituição a que pertence o pesquisador responsável: *Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem*

Telefones para contato: *(54) 3361-1355 / 9955-5028*

Nome do voluntário: *George Zamorello Mori* Idade: *08* anos.

Responsável legal: *Marcia Zamorello Mori* Idade: *30* anos.

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa “Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura”, de responsabilidade da pesquisadora *Cláudia Maria Poglia*, sob orientação da profª. *Dra. Eliane Santana Dias Debus*.

A pesquisa tem como objetivo refletir como as crianças em idade escolar, em especial dos anos iniciais do ensino fundamental, recebem o texto literário através da narrativa de histórias, pensada como leitura compartilhada, e como este tipo de atividade aproxima a criança da leitura literária.

Como forma de coleta de dados será realizada a leitura de livros de recepção infantil e será feito o uso do recurso audiovisual, no qual será coletado o relato oral a respeito das narrativas apresentadas. Também será realizado registro fotográfico.

A participação é voluntária, cabendo aos participantes a autorização para a utilização das informações fornecida, para isto contamos com a sua colaboração para o desenvolvimento desta pesquisa.

Eu, *Marcia Zamorello Mori*, RG número *3068313794* responsável legal por *George Zamorello Mori* declaro ter sido informado e concordo com sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa descrito.

Nonoai, *07* de *outubro* de 2009.

Assinatura do responsável: *Marcia Z. Mori*

Assinatura da mestrandia: *effhian*

Campus Tubarão
Av. José Acácio Moreira, 787, Dehon
88.704-900 - Tubarão, SC - (55) (48) 3621-3369
Campus Grande Florianópolis
Avenida Pedra Branca, 25
Cidade Universitária Pedra Branca
88.132-000 - Palhoça, SC - (55) (48) 3279-1061





Programa de Pós-graduação em
Ciências da Linguagem



Universidade do Sul de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Dados de identificação:

Título do projeto: *Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura.*

Pesquisador responsável: *Cláudia Maria Poglia*

Profª. Orientadora: *Dra. Eliana Santana Dias Debus*

Instituição a que pertence o pesquisador responsável: *Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem*

Telefones para contato: *(54) 3361-1355 / 9955-5028*

Nome do voluntário: *Guilherme Ademair* Idade: *8* anos.

Responsável legal: *Simone Zandavalli* Idade: *43* anos.

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa “Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura”, de responsabilidade da pesquisadora *Cláudia Maria Poglia*, sob orientação da profª. *Dra. Eliane Santana Dias Debus*.

A pesquisa tem como objetivo refletir como as crianças em idade escolar, em especial dos anos iniciais do ensino fundamental, recebem o texto literário através da narrativa de histórias, pensada como leitura compartilhada, e como este tipo de atividade aproxima a criança da leitura literária.

Como forma de coleta de dados será realizada a leitura de livros de recepção infantil e será feito o uso do recurso audiovisual, no qual será coletado o relato oral a respeito das narrativas apresentadas. Também será realizado registro fotográfico.

A participação é voluntária, cabendo aos participantes a autorização para a utilização das informações fornecida, para isto contamos com a sua colaboração para o desenvolvimento desta pesquisa.

Eu, *Simone Z. Winckler*, RG número *1039528888* responsável legal por *Guilherme Ademair* declaro ter sido informado e concordo com sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa descrito.

Nonoai, *9* de *Outubro* de 2009.

Assinatura do responsável: *Simone Z. Winckler*

Assinatura da mestrandia: *[assinatura]*

Campus Tubarão
Av. José Acácio Moreira, 787, Dehon
88.704-900 - Tubarão, SC - (55) (48) 3621-3369
Campus Grande Florianópolis
Avenida Pedra Branca, 25
Cidade Universitária Pedra Branca
88.132-000 - Palhoça, SC - (55) (48) 3279-1061





Programa de Pós-graduação em
Ciências da Linguagem

Universidade do Sul de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Dados de identificação:

Título do projeto: *Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura.*

Pesquisador responsável: *Cláudia Maria Poglia*

Profª. Orientadora: *Dra. Eliana Santana Dias Debus*

Instituição a que pertence o pesquisador responsável: *Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem*

Telefones para contato: *(54) 3361-1355 / 9955-5028*

Nome do voluntário: *Jammi Udaí da Costa Fagco* Idade: *8* anos.

Responsável legal: *Rosângela Udaí da Costa* Idade: *33* anos.

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa “Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura”, de responsabilidade da pesquisadora *Cláudia Maria Poglia*, sob orientação da profª. *Dra. Eliane Santana Dias Debus*.

A pesquisa tem como objetivo refletir como as crianças em idade escolar, em especial dos anos iniciais do ensino fundamental, recebem o texto literário através da narrativa de histórias, pensada como leitura compartilhada, e como este tipo de atividade aproxima a criança da leitura literária.

Como forma de coleta de dados será realizada a leitura de livros de recepção infantil e será feito o uso do recurso audiovisual, no qual será coletado o relato oral a respeito das narrativas apresentadas. Também será realizado registro fotográfico.

A participação é voluntária, cabendo aos participantes a autorização para a utilização das informações fornecida, para isto contamos com a sua colaboração para o desenvolvimento desta pesquisa.

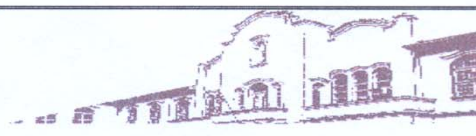
Eu, *Rosângela Udaí da Costa*, RG número *106.170.2717* responsável legal por *Jammi Udaí da Costa Fagco* declaro ter sido informado e concordo com sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa descrito.

Nonoai, *07* de *Setembro* de 2009.

Assinatura do responsável: *Rosângela Udaí da Costa*

Assinatura da mestrandia: *Jammi Udaí da Costa Fagco*

Campus Tubarão
Av. José Acácio Moreira, 787, Dehon
88.704-900 - Tubarão, SC - (55) (48) 3621-3369
Campus Grande Florianópolis
Avenida Pedra Branca, 25
Cidade Universitária Pedra Branca
88.132-000 - Palhoça, SC - (55) (48) 3279-1061





Programa de Pós-graduação em
Ciências da Linguagem

Universidade do Sul de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Dados de identificação:

Título do projeto: *Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura.*

Pesquisador responsável: *Cláudia Maria Poglia*

Profª. Orientadora: *Dra. Eliana Santana Dias Debus*

Instituição a que pertence o pesquisador responsável: *Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem*

Telefones para contato: *(54) 3361-1355 / 9955-5028*

Nome do voluntário: *José Correia* Idade: *9* anos.

Responsável legal: *Wilda F. Correia* Idade: *43* anos.

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa “Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura”, de responsabilidade da pesquisadora *Cláudia Maria Poglia*, sob orientação da profª. *Dra. Eliane Santana Dias Debus*.

A pesquisa tem como objetivo refletir como as crianças em idade escolar, em especial dos anos iniciais do ensino fundamental, recebem o texto literário através da narrativa de histórias, pensada como leitura compartilhada, e como este tipo de atividade aproxima a criança da leitura literária.

Como forma de coleta de dados será realizada a leitura de livros de recepção infantil e será feito o uso do recurso audiovisual, no qual será coletado o relato oral a respeito das narrativas apresentadas. Também será realizado registro fotográfico.

A participação é voluntária, cabendo aos participantes a autorização para a utilização das informações fornecida, para isto contamos com a sua colaboração para o desenvolvimento desta pesquisa.

Eu, *Wilda F. Correia*, RG número *9924419502* responsável legal por *José Correia* declaro ter sido informado e concordo com sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa descrito.

Nonoai, *09* de *outubro* de 2009.

Assinatura do responsável: *Wilda F. Correia*

Assinatura da mestranda: *[assinatura]*

Campus Tubarão
Av. José Acácio Moreira, 787, Dehon
88.704-900 - Tubarão, SC - (55) (48) 3621-3369
Campus Grande Florianópolis
Avenida Pedra Branca, 25
Cidade Universitária Pedra Branca
88.132-000 - Palhoça, SC - (55) (48) 3279-1061





Programa de Pós-graduação em
Ciências da Linguagem



Universidade do Sul de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Dados de identificação:

Título do projeto: *Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura.*

Pesquisador responsável: *Cláudia Maria Poglia*

Profª. Orientadora: *Dra. Eliana Santana Dias Debus*

Instituição a que pertence o pesquisador responsável: *Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem*

Telefones para contato: *(54) 3361-1355 / 9955-5028*

Nome do voluntário: *Julia Luízetho Rizzotto* Idade: *08* anos.

Responsável legal: *Juliana Maria Luízetho* Idade: *31* anos.

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa “Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura”, de responsabilidade da pesquisadora *Cláudia Maria Poglia*, sob orientação da profª. *Dra. Eliane Santana Dias Debus*.

A pesquisa tem como objetivo refletir como as crianças em idade escolar, em especial dos anos iniciais do ensino fundamental, recebem o texto literário através da narrativa de histórias, pensada como leitura compartilhada, e como este tipo de atividade aproxima a criança da leitura literária.

Como forma de coleta de dados será realizada a leitura de livros de recepção infantil e será feito o uso do recurso audiovisual, no qual será coletado o relato oral a respeito das narrativas apresentadas. Também será realizado registro fotográfico.

A participação é voluntária, cabendo aos participantes a autorização para a utilização das informações fornecida, para isto contamos com a sua colaboração para o desenvolvimento desta pesquisa.

Eu, *Juliana Maria Luízetho*, RG número *307.320.4831* responsável legal por *Julia Luízetho Rizzotto* declaro ter sido informado e concordo com sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa descrito.

Nonoai, *06* de *outubro* de 2009.

Assinatura do responsável: *Juliana Maria Luízetho*

Assinatura da mestrand: *[assinatura]*

Campus Tubarão
Av. José Acácio Moreira, 787, Dehon
88.704-900 - Tubarão, SC - (55) (48) 3621-3369
Campus Grande Florianópolis
Avenida Pedra Branca, 25
Cidade Universitária Pedra Branca
88.132-000 - Palhoça, SC - (55) (48) 3279-1061





Programa de Pós-graduação em
Ciências da Linguagem

Universidade do Sul de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Dados de identificação:

Título do projeto: *Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura.*

Pesquisador responsável: *Cláudia Maria Poglia*

Profª. Orientadora: *Dra. Eliana Santana Dias Debus*

Instituição a que pertence o pesquisador responsável: *Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem*

Telefones para contato: *(54) 3361-1355 / 9955-5028*

Nome do voluntário: *Lara Bringhent* Idade: *8* anos.

Responsável legal: *Claudia Bringhent* Idade: *35* anos.

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa "Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura", de responsabilidade da pesquisadora *Cláudia Maria Poglia*, sob orientação da profª. *Dra. Eliane Santana Dias Debus*.

A pesquisa tem como objetivo refletir como as crianças em idade escolar, em especial dos anos iniciais do ensino fundamental, recebem o texto literário através da narrativa de histórias, pensada como leitura compartilhada, e como este tipo de atividade aproxima a criança da leitura literária.

Como forma de coleta de dados será realizada a leitura de livros de recepção infantil e será feito o uso do recurso audiovisual, no qual será coletado o relato oral a respeito das narrativas apresentadas. Também será realizado registro fotográfico.

A participação é voluntária, cabendo aos participantes a autorização para a utilização das informações fornecida, para isto contamos com a sua colaboração para o desenvolvimento desta pesquisa.

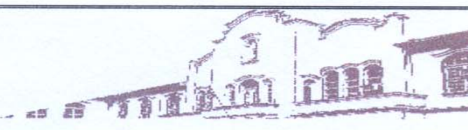
Eu, *Claudia Bringhent*, RG número *1052498597* responsável legal por *Lara Bringhent* declaro ter sido informado e concordo com sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa descrito.

Nonoai, *07* de *outubro* de 2009.

Assinatura do responsável: _____

Assinatura da mestrand: _____

Campus Tubarão
Av. José Acácio Moreira, 787, Dehon
88.704-900 - Tubarão, SC - (55) (48) 3621-3369
Campus Grande Florianópolis
Avenida Pedra Branca, 25
Cidade Universitária Pedra Branca
88.132-000 - Palhoça, SC - (55) (48) 3279-1061





Programa de Pós-graduação em
Ciências da Linguagem



Universidade do Sul de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Dados de identificação:

Título do projeto: *Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura.*

Pesquisador responsável: *Cláudia Maria Poglia*

Profª. Orientadora: *Dra. Eliana Santana Dias Debus*

Instituição a que pertence o pesquisador responsável: *Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem*

Telefones para contato: *(54) 3361-1355 / 9955-5028*

Nome do voluntário: *Larissa da Rosa Riccoli* Idade: *9* anos.

Responsável legal: *Solange F. da Rosa* Idade: *41* anos.

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa “Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura”, de responsabilidade da pesquisadora *Cláudia Maria Poglia*, sob orientação da profª. *Dra. Eliane Santana Dias Debus*.

A pesquisa tem como objetivo refletir como as crianças em idade escolar, em especial dos anos iniciais do ensino fundamental, recebem o texto literário através da narrativa de histórias, pensada como leitura compartilhada, e como este tipo de atividade aproxima a criança da leitura literária.

Como forma de coleta de dados será realizada a leitura de livros de recepção infantil e será feito o uso do recurso audiovisual, no qual será coletado o relato oral a respeito das narrativas apresentadas. Também será realizado registro fotográfico.

A participação é voluntária, cabendo aos participantes a autorização para a utilização das informações fornecida, para isto contamos com a sua colaboração para o desenvolvimento desta pesquisa.

Eu, *Solange F. da Rosa*, RG número *9034343039*, responsável legal por *Larissa da Rosa Riccoli* declaro ter sido informado e concordo com sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa descrito.

Nonoai, *06* de *outubro* de 2009.

Assinatura do responsável: *Solange da Rosa*

Assinatura da mestrandia: *efblion*

Campus Tubarão
Av. José Acácio Moreira, 787, Dehon
88.704-900 - Tubarão, SC - (55) (48) 3621-3369
Campus Grande Florianópolis
Avenida Pedra Branca, 25
Cidade Universitária Pedra Branca
88.132-000 - Palhoça, SC - (55) (48) 3279-1061





Programa de Pós-graduação em
Ciências da Linguagem

Universidade do Sul de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Dados de identificação:

Título do projeto: *Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura.*

Pesquisador responsável: *Cláudia Maria Poglia*

Profª. Orientadora: *Dra. Eliana Santana Dias Debus*

Instituição a que pertence o pesquisador responsável: *Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem*

Telefones para contato: *(54) 3361-1355 / 9955-5028*

Nome do voluntário: *Leonardo Lepelli* Idade: *09* anos.

Responsável legal: *Fabiana Lepelli* Idade: *36* anos.

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa “Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura”, de responsabilidade da pesquisadora *Cláudia Maria Poglia*, sob orientação da profª. *Dra. Eliane Santana Dias Debus*.

A pesquisa tem como objetivo refletir como as crianças em idade escolar, em especial dos anos iniciais do ensino fundamental, recebem o texto literário através da narrativa de histórias, pensada como leitura compartilhada, e como este tipo de atividade aproxima a criança da leitura literária.

Como forma de coleta de dados será realizada a leitura de livros de recepção infantil e será feito o uso do recurso audiovisual, no qual será coletado o relato oral a respeito das narrativas apresentadas. Também será realizado registro fotográfico.

A participação é voluntária, cabendo aos participantes a autorização para a utilização das informações fornecida, para isto contamos com a sua colaboração para o desenvolvimento desta pesquisa.

Eu, *Fabiana Lepelli*, RG número *1055554602* responsável legal por *Leonardo Lepelli* declaro ter sido informado e concordo com sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa descrito.

Nonoai, *06* de *Outubro* de 2009.

Assinatura do responsável: *Fepelli*

Assinatura da mestrand: *Aglior*

Campus Tubarão
Av. José Acácio Moreira, 787, Dehon
88.704-900 - Tubarão, SC - (55) (48) 3621-3369
Campus Grande Florianópolis
Avenida Pedra Branca, 25
Cidade Universitária Pedra Branca
88.132-000 - Palhoça, SC - (55) (48) 3279-1061





Programa de Pós-graduação em
Ciências da Linguagem

Universidade do Sul de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Dados de identificação:

Título do projeto: *Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura.*

Pesquisador responsável: *Cláudia Maria Poglia*

Profª. Orientadora: *Dra. Eliana Santana Dias Debus*

Instituição a que pertence o pesquisador responsável: *Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem*

Telefones para contato: *(54) 3361-1355 / 9955-5028*

Nome do voluntário: *Leiz Antonio Pinto Baeri* Idade: *9* anos.

Responsável legal: *Silvana Pinto Baeri* Idade: *43* anos.

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa “Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura”, de responsabilidade da pesquisadora *Cláudia Maria Poglia*, sob orientação da profª. *Dra. Eliane Santana Dias Debus*.

A pesquisa tem como objetivo refletir como as crianças em idade escolar, em especial dos anos iniciais do ensino fundamental, recebem o texto literário através da narrativa de histórias, pensada como leitura compartilhada, e como este tipo de atividade aproxima a criança da leitura literária.

Como forma de coleta de dados será realizada a leitura de livros de recepção infantil e será feito o uso do recurso audiovisual, no qual será coletado o relato oral a respeito das narrativas apresentadas. Também será realizado registro fotográfico.

A participação é voluntária, cabendo aos participantes a autorização para a utilização das informações fornecida, para isto contamos com a sua colaboração para o desenvolvimento desta pesquisa.

Eu, *Silvana Pinto Baeri*, RG número *12R1831576* responsável legal por *Leiz Antonio Pinto Baeri* declaro ter sido informado e concordo com sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa descrito.

Nonoai, *07* de *outubro* de 2009.

Assinatura do responsável: *Silvana Pinto Baeri*

Assinatura da mestrandia: *Cláudia Maria Poglia*

Campus Tubarão
Av. José Acácio Moreira, 787, Dehon
88.704-900 - Tubarão, SC - (55) (48) 3621-3369
Campus Grande Florianópolis
Avenida Pedra Branca, 25
Cidade Universitária Pedra Branca
88.132-000 - Palhoça, SC - (55) (48) 3279-1061





Programa de Pós-graduação em
Ciências da Linguagem



Universidade do Sul de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Dados de identificação:

Título do projeto: *Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura.*

Pesquisador responsável: *Cláudia Maria Poglia*

Profª. Orientadora: *Dra. Eliana Santana Dias Debus*

Instituição a que pertence o pesquisador responsável: *Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem*

Telefones para contato: *(54) 3361-1355 / 9955-5028*

Nome do voluntário: *Luíza Adriana Bülau de Oliveira* Idade: *8* anos.

Responsável legal: *Lucélia A. Adriana Bülau de Oliveira* Idade: *24* anos.

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa “Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura”, de responsabilidade da pesquisadora *Cláudia Maria Poglia*, sob orientação da profª. *Dra. Eliane Santana Dias Debus*.

A pesquisa tem como objetivo refletir como as crianças em idade escolar, em especial dos anos iniciais do ensino fundamental, recebem o texto literário através da narrativa de histórias, pensada como leitura compartilhada, e como este tipo de atividade aproxima a criança da leitura literária.

Como forma de coleta de dados será realizada a leitura de livros de recepção infantil e será feito o uso do recurso audiovisual, no qual será coletado o relato oral a respeito das narrativas apresentadas. Também será realizado registro fotográfico.

A participação é voluntária, cabendo aos participantes a autorização para a utilização das informações fornecida, para isto contamos com a sua colaboração para o desenvolvimento desta pesquisa.

Eu, *Lucélia A. Bülau de Oliveira*, RG número *3086032178* responsável legal por *Luíza A. Bülau de Oliveira* declaro ter sido informado e concordo com sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa descrito.

Nonoai, *04* de *Outubro* de 2009.

Assinatura do responsável: *Lucélia A. Bülau de Oliveira*

Assinatura da mestrand: *[assinatura]*

Campus Tubarão
Av. José Acácio Moreira, 787, Dehon
88.704-900 - Tubarão, SC - (55) (48) 3621-3369
Campus Grande Florianópolis
Avenida Pedra Branca, 25
Cidade Universitária Pedra Branca
88.132-000 - Palhoça, SC - (55) (48) 3279-1061





Programa de Pós-graduação em
Ciências da Linguagem

Universidade do Sul de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Dados de identificação:

Título do projeto: *Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura.*

Pesquisador responsável: *Cláudia Maria Poglia*

Profª. Orientadora: *Dra. Eliana Santana Dias Debus*

Instituição a que pertence o pesquisador responsável: *Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem*

Telefones para contato: *(54) 3361-1355 / 9955-5028*

Nome do voluntário: *Marcos Júnior Pereira Sadi* Idade: *9* anos.

Responsável legal: *Maríndia Pereira Sadi* Idade: *27* anos.

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa “Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura”, de responsabilidade da pesquisadora *Cláudia Maria Poglia*, sob orientação da profª. *Dra. Eliane Santana Dias Debus*.

A pesquisa tem como objetivo refletir como as crianças em idade escolar, em especial dos anos iniciais do ensino fundamental, recebem o texto literário através da narrativa de histórias, pensada como leitura compartilhada, e como este tipo de atividade aproxima a criança da leitura literária.

Como forma de coleta de dados será realizada a leitura de livros de recepção infantil e será feito o uso do recurso audiovisual, no qual será coletado o relato oral a respeito das narrativas apresentadas. Também será realizado registro fotográfico.

A participação é voluntária, cabendo aos participantes a autorização para a utilização das informações fornecida, para isto contamos com a sua colaboração para o desenvolvimento desta pesquisa.

Eu, *Maríndia Pereira Sadi*, RG número *6092812012* responsável legal por *Marcos Júnior Pereira Sadi* declaro ter sido informado e concordo com sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa descrito.

Nonoai, *08* de *outubro* de 2009.

Assinatura do responsável: *Maríndia Pereira Sadi*

Assinatura da mestrandia: *[assinatura]*

Campus Tubarão
Av. José Acácio Moreira, 787, Dehon
88.704-900 - Tubarão, SC - (55) (48) 3621-3369
Campus Grande Florianópolis
Avenida Pedra Branca, 25
Cidade Universitária Pedra Branca
88.132-000 - Palhoça, SC - (55) (48) 3279-1061





Programa de Pós-graduação em
Ciências da Linguagem

Universidade do Sul de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Dados de identificação:

Título do projeto: *Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura.*

Pesquisador responsável: *Cláudia Maria Poglia*

Profª. Orientadora: *Dra. Eliana Santana Dias Debus*

Instituição a que pertence o pesquisador responsável: *Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem*

Telefones para contato: *(54) 3361-1355 / 9955-5028*

Nome do voluntário: MONIQUE FACCO DA SILVA Idade: 8 anos.

Responsável legal: ELAINE CLÉVIA FACCO DA SILVA Idade: 41 anos.

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa “Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura”, de responsabilidade da pesquisadora *Cláudia Maria Poglia*, sob orientação da profª. *Dra. Eliane Santana Dias Debus*.

A pesquisa tem como objetivo refletir como as crianças em idade escolar, em especial dos anos iniciais do ensino fundamental, recebem o texto literário através da narrativa de histórias, pensada como leitura compartilhada, e como este tipo de atividade aproxima a criança da leitura literária.

Como forma de coleta de dados será realizada a leitura de livros de recepção infantil e será feito o uso do recurso audiovisual, no qual será coletado o relato oral a respeito das narrativas apresentadas. Também será realizado registro fotográfico.

A participação é voluntária, cabendo aos participantes a autorização para a utilização das informações fornecida, para isto contamos com a sua colaboração para o desenvolvimento desta pesquisa.

Eu, ELAINE CLÉVIA FACCO DA SILVA, RG número 1079040554 responsável legal por MONIQUE FACCO DA SILVA declaro ter sido informado e concordo com sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa descrito.

Nonoai, 07 de OUTUBRO de 2009.

Assinatura do responsável: _____

Assinatura da mestrand: _____

Campus Tubarão
Av. José Acácio Moreira, 787, Dehon
88.704-900 - Tubarão, SC - (55) (48) 3621-3369
Campus Grande Florianópolis
Avenida Pedra Branca, 25
Cidade Universitária Pedra Branca
88.132-000 - Palhoça, SC - (55) (48) 3279-1061





Programa de Pós-graduação em
Ciências da Linguagem



Universidade do Sul de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Dados de identificação:

Título do projeto: *Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura.*

Pesquisador responsável: *Cláudia Maria Poglia*

Profª. Orientadora: *Dra. Eliana Santana Dias Debus*

Instituição a que pertence o pesquisador responsável: *Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem*

Telefones para contato: *(54) 3361-1355 / 9955-5028*

Nome do voluntário: *Mylena Maria Biesek* Idade: *9* anos.

Responsável legal: *Neinete Biesek* Idade: *50* anos.

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa “Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura”, de responsabilidade da pesquisadora *Cláudia Maria Poglia*, sob orientação da profª. *Dra. Eliane Santana Dias Debus*.

A pesquisa tem como objetivo refletir como as crianças em idade escolar, em especial dos anos iniciais do ensino fundamental, recebem o texto literário através da narrativa de histórias, pensada como leitura compartilhada, e como este tipo de atividade aproxima a criança da leitura literária.

Como forma de coleta de dados será realizada a leitura de livros de recepção infantil e será feito o uso do recurso audiovisual, no qual será coletado o relato oral a respeito das narrativas apresentadas. Também será realizado registro fotográfico.

A participação é voluntária, cabendo aos participantes a autorização para a utilização das informações fornecida, para isto contamos com a sua colaboração para o desenvolvimento desta pesquisa.

Eu, *Neinete de Fatima Biesek*, RG número *2047519951* responsável legal por *Mylena Maria Biesek* declaro ter sido informado e concordo com sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa descrito.

Nonoai, *07* de *Outubro* de 2009.

Assinatura do responsável: *Neinete Biesek*

Assinatura da mestrand: *efhion*

Campus Tubarão -
Av. José Acácio Moreira, 787, Dehon
88.704-900 - Tubarão, SC - (55) (48) 3621-3369
Campus Grande Florianópolis
Avenida Pedra Branca, 25
Cidade Universitária Pedra Branca
88.132-000 - Palhoça, SC - (55) (48) 3279-1061





Programa de Pós-graduação em
Ciências da Linguagem



Universidade do Sul de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Dados de identificação:

Título do projeto: *Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura.*

Pesquisador responsável: *Cláudia Maria Poglia*

Profª. Orientadora: *Dra. Eliana Santana Dias Debus*

Instituição a que pertence o pesquisador responsável: *Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem*

Telefones para contato: *(54) 3361-1355 / 9955-5028*

Nome do voluntário: *Nycoli L. Vieira* Idade: *8* anos.

Responsável legal: *Maria R. Lottenmann* Idade: *38* anos.

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa “Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura”, de responsabilidade da pesquisadora *Cláudia Maria Poglia*, sob orientação da profª. *Dra. Eliane Santana Dias Debus*.

A pesquisa tem como objetivo refletir como as crianças em idade escolar, em especial dos anos iniciais do ensino fundamental, recebem o texto literário através da narrativa de histórias, pensada como leitura compartilhada, e como este tipo de atividade aproxima a criança da leitura literária.

Como forma de coleta de dados será realizada a leitura de livros de recepção infantil e será feito o uso do recurso audiovisual, no qual será coletado o relato oral a respeito das narrativas apresentadas. Também será realizado registro fotográfico.

A participação é voluntária, cabendo aos participantes a autorização para a utilização das informações fornecida, para isto contamos com a sua colaboração para o desenvolvimento desta pesquisa.

Eu, *Maria R. Lottenmann*, RG número *3055553956* responsável legal por *Nycoli L. Vieira* declaro ter sido informado e concordo com sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa descrito.

Nonoai, *09* de *setembro* de 2009.

Assinatura do responsável: *Maria R. Lottenmann*

Assinatura da mestrand: *Cláudia Poglia*

Campus Tubarão -
Av. José Acácio Moreira, 787, Dehon
88.704-900 - Tubarão, SC - (55) (48) 3621-3369
Campus Grande Florianópolis
Avenida Pedra Branca, 25
Cidade Universitária Pedra Branca
88.132-000 - Palhoça, SC - (55) (48) 3279-1061





Programa de Pós-graduação em
Ciências da Linguagem

Universidade do Sul de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Dados de identificação:

Título do projeto: *Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura.*

Pesquisador responsável: *Cláudia Maria Poglia*

Profª. Orientadora: *Dra. Eliana Santana Dias Debus*

Instituição a que pertence o pesquisador responsável: *Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem*

Telefones para contato: *(54) 3361-1355 / 9955-5028*

Nome do voluntário: *PAULO HENRIQUE DE OLIVEIRA SCAPINI* Idade: *9* anos.

Responsável legal: *PAULO CEZAR SCAPINI* Idade: *35* anos.

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa “Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura”, de responsabilidade da pesquisadora *Cláudia Maria Poglia*, sob orientação da profª. *Dra. Eliane Santana Dias Debus*.

A pesquisa tem como objetivo refletir como as crianças em idade escolar, em especial dos anos iniciais do ensino fundamental, recebem o texto literário através da narrativa de histórias, pensada como leitura compartilhada, e como este tipo de atividade aproxima a criança da leitura literária.

Como forma de coleta de dados será realizada a leitura de livros de recepção infantil e será feito o uso do recurso audiovisual, no qual será coletado o relato oral a respeito das narrativas apresentadas. Também será realizado registro fotográfico.

A participação é voluntária, cabendo aos participantes a autorização para a utilização das informações fornecida, para isto contamos com a sua colaboração para o desenvolvimento desta pesquisa.

Eu, *PAULO CEZAR SCAPINI*, RG número *2057366201* responsável legal por *PAULO HENRIQUE SCAPINI* declaro ter sido informado e concordo com sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa descrito.

Nonoai, *07* de *outubro* de 2009.

Assinatura do responsável: *Paulo Cezar Scapini*

Assinatura da mestrandia: *Cláudia Poglia*

Campus Tubarão
Av. José Acácio Moreira, 787, Dehon
88.704-900 - Tubarão, SC - (55) (48) 3621-3369
Campus Grande Florianópolis
Avenida Pedra Branca, 25
Cidade Universitária Pedra Branca
88.132-000 - Palhoça, SC - (55) (48) 3279-1061





Programa de Pós-graduação em
Ciências da Linguagem

Universidade do Sul de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Dados de identificação:

Título do projeto: *Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura.*

Pesquisador responsável: *Cláudia Maria Pogli*

Profª. Orientadora: *Dra. Eliana Santana Dias Debus*

Instituição a que pertence o pesquisador responsável: *Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem*

Telefones para contato: *(54) 3361-1355 / 9955-5028*

Nome do voluntário: *Pedro Fajeldin Pogli* Idade: *8* anos.

Responsável legal: *Luciano Pogli* Idade: *34* anos.

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa “Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura”, de responsabilidade da pesquisadora *Cláudia Maria Pogli*, sob orientação da profª. *Dra. Eliane Santana Dias Debus*.

A pesquisa tem como objetivo refletir como as crianças em idade escolar, em especial dos anos iniciais do ensino fundamental, recebem o texto literário através da narrativa de histórias, pensada como leitura compartilhada, e como este tipo de atividade aproxima a criança da leitura literária.

Como forma de coleta de dados será realizada a leitura de livros de recepção infantil e será feito o uso do recurso audiovisual, no qual será coletado o relato oral a respeito das narrativas apresentadas. Também será realizado registro fotográfico.

A participação é voluntária, cabendo aos participantes a autorização para a utilização das informações fornecida, para isto contamos com a sua colaboração para o desenvolvimento desta pesquisa.

Eu, *Luciano Pogli*, RG número *1053786362* responsável legal por *Pedro Fajeldin Pogli* declaro ter sido informado e concordo com sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa descrito.

Nonoai, *07* de *Outubro* de 2009.

Assinatura do responsável: _____

Assinatura da mestrand: _____

Campus Tubarão
Av. José Acácio Moreira, 787, Dehon
88.704-900 - Tubarão, SC - (55) (48) 3621-3369
Campus Grande Florianópolis
Avenida Pedra Branca, 25
Cidade Universitária Pedra Branca
88.132-000 - Palhoça, SC - (55) (48) 3279-1061





Programa de Pós-graduação em
Ciências da Linguagem



Universidade do Sul de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Dados de identificação:

Título do projeto: *Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura.*

Pesquisador responsável: *Cláudia Maria Poglia*

Profª. Orientadora: *Dra. Eliana Santana Dias Debus*

Instituição a que pertence o pesquisador responsável: *Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem*

Telefones para contato: *(54) 3361-1355 / 9955-5028*

Nome do voluntário: *Jasmin Zenni de Campos* Idade: *9* anos.

Responsável legal: *Marivete de Lurdes da Silva* Idade: *44* anos.

O Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa "Leitura Compartilhada: a casa promovendo o encontro com a literatura", de responsabilidade da pesquisadora *Cláudia Maria Poglia*, sob orientação da profª. *Dra. Eliane Santana Dias Debus*.

A pesquisa tem como objetivo refletir como as crianças em idade escolar, em especial dos anos iniciais do ensino fundamental, recebem o texto literário através da narrativa de histórias, pensada como leitura compartilhada, e como este tipo de atividade aproxima a criança da leitura literária.

Como forma de coleta de dados será realizada a leitura de livros de recepção infantil e será feito o uso do recurso audiovisual, no qual será coletado o relato oral a respeito das narrativas apresentadas. Também será realizado registro fotográfico.

A participação é voluntária, cabendo aos participantes a autorização para a utilização das informações fornecida, para isto contamos com a sua colaboração para o desenvolvimento desta pesquisa.

Eu, *Marivete L da Silva*, RG número *12R1834946* responsável legal por *Jasmin Z. de Campos* declaro ter sido informado e concordo com sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa descrito.

Nonoai, *06* de *Outubro* de 2009.

Assinatura do responsável: *Marivete L da Silva*

Assinatura da mestrand: *Cláudia Poglia*

Campus Tubarão
Av. José Acácio Moreira, 787, Dehon
88.704-900 - Tubarão, SC - (55) (48) 3621-3369
Campus Grande Florianópolis
Avenida Pedra Branca, 25
Cidade Universitária Pedra Branca
88.132-000 - Palhoça, SC - (55) (48) 3279-1061



ANEXO III: TRANSCRIÇÃO A

A casa engraçada que de tudo tinha um pouco

Pesquisadora: P

Alunos: Ana Luísa, Eduardo, Gabriel, George, Guilherme, Janriê, José, Julia, Lara, Larissa, Leonardo, Luiz, Luiza, Marcos, Mylena, Monique, Nycóli, Paulo, Pedro, Yasmin.

P - Hoje a nossa é sobre uma poesia muito conhecida de vocês, é A Casa do Vinícius de Moraes, que nasceu no Rio de Janeiro dia 19 de outubro de 1913 e faleceu no dia 09 de julho de 1980. Foi poeta, compositor, interprete, é considerado um dos maiores poetas do Brasil. Esse poema também recebeu várias versões musicadas, a que ouviremos hoje foi cantada pelo Vinicius e pelo Toquinho, um grande parceiro do poeta. Hoje vamos ver como a poesia pode ter várias formas de expressão: a leitura, a música, as imagens e o vídeo. Podemos começar lendo o poema, depois vamos cantar junto com o CD de Vinícius e Toquinho, vamos assistir um vídeo com desenho animado e também varias imagens de casa de todos os tipos e lugares.

Primeiro Momento:

P: Então, todo mundo entendeu, o que tem que fazer? Vamos ler, cantar e assistir. Conforme vocês forem olhando farei algumas perguntas, um fala, outro fala, aí a gente consegue ouvir todos. Vamos começar.

P – Vamos ler o poema! Depois vamos cantar!

Todos – Sim!!!

Segundo Momento:

P - Agora vamos assistir a um vídeo de um desenho animado, podem cantar junto.

Todos – Obaaa!!

Larissa - É uma imaginação da casa, de desenho.

P - Que casa é essa?



Ana Luisa - A casa imaginária.

Gabriel – Isso!

Pedro - É a casa da música! É a casa do Vinícius?

P- Quem imaginou que casa é essa?Então, eu gostaria que vocês fossem comentando. Tá bem!

Eduardo: Essa casa é o corpo, é mole, se torce...

Nycóli - Essa casa parece pessoa!

Marcos- Risos!! É engraçada!

Eduardo - É, tá fazendo xixi!

Todos - Risos!

George - Essa casa não existe!

P - Essa casa não existe! Como assim? Por que essa casa não existe?

Larissa - Porque ela não tinha parede, não tinha nada, então, não existe!

Eduardo - Nem é isso.

P - Todos devem dar sua opinião. Então, qual é a outra idéia de casa?

Ana Luisa - Se você for ver mesmo, Didi, essa casa, você não vai ver essa casa, porque ela não tem nada. É imaginada!

Mylena - E se não for?

Janriê - Quem vai descobrir?

Pedro - Tá! Já sei!

Julia - Fala!

Pedro - É da música, do desenho!

George - Do filme!

Pedro - Uma casa imaginária, de outro lugar!

Monique - Da terra do nunca! A casa do poeta!

George - Só pensada!

Marcos - Tem água, a jarra... E faz xixi!

Todos – Risos!

Ana Luisa - Não é essa aí! Não tem parede, não pode morar aí!

Paulo - É essa! Quando dança com a música o teto sai voando!

Terceiro Momento:



P – Agora vamos ver várias possibilidades de moradia, das mais simples as mais engraçadas. Nesta etapa, em alguns momentos também vamos ver as imagens e o vídeo, por isso vocês estão vendo duas telas. Mas vamos às imagens agora!

Marcos - Você fez um filme Didi?

Pedro – Olha o que tá escrito nessa!

José – A Escola!!

Larissa - Olha casa na água!!

Guilherme – Nunca vi tanta casa junto. De índio!

Ana Luísa – O ninho é casa! A casa do passarinho, que nem nasceu ainda!

Larissa - Na árvore, e essa virada que legal!!

Yasmin – Essa é a minha!

Marcos - Que surpresa Didi!!

Todos – Muitas palmas...

Gabriel - Olha, essa é perto da minha..

Monique – Tem muita casa feita de papel! Como do livro, a casa do João, lembram?

Todos – É mesmo!!

Guilherme – A minha!

Pedro - Tem prédio e tem favela. Muitas pessoas não têm onde morar!

Monique - A nossa casa e muita casa junto! Como você fez isso Didi?

Gabriel - Olha, a minha casa, como tá aí Didi? Como assim?

P – São fotografias! Agora vamos ver as imagens e o vídeo. Será que existe semelhança entre eles? De que casa o poeta está falando?

Pedro – De todas as casas!

Yasmin – A casa de Deus!

Mylena – A minha!

Paulo – Caverna!

Julia – Casa de quem não tem!

José – A minha é essa! É porque é longe daqui!

P – Vamos ver imagens de uma casa especial, a Casapueblo, no Uruguai, essa casa é de um grande amigo de Vinicius de Moraes, Carlos Páez Vilaró. Várias vezes o poeta esteve na Casapueblo, segundo depoimento de Vilaró ao globo repórter, Vinicius pode ter escrito o poema A Casa, pois quando lá ficava hospedado estava sempre cantarolando... Era uma casa muito engraçada de pororó do pai Vilaró.

Guilherme – Eles eram amigos! Mas essa foto é velha!



Lara – Se ele ficava na casa do pintor a ainda cantava, eram amigos!

Ana Luísa – Que linda toda diferente. Janela redonda, parece de brinquedo!

Julia – Parece mesmo com a poesia!!

Janriê – Há será que a música era pro pintor?

José – Vai vê que era!

Monique – Imaginem uma casa assim, eu queria ver.

Leonardo – É muito grande! É diferente!

Ana Luisa – Casa de abelha!!

Julia – A minha!!

Marcos - Isso. Olha só!

Larissa - O circo onde a gente foi!

Pedro – Lá sim é a casa do livro! Na jornadinha!

Yasmin – Que legal!!

Pedro – A casa do gato Galileu!!!

Todos – Sim!!Legal!!

Luiz – A minha!

Nycóli – Olha essa! Casa de passarinho, ele ainda tá fazendo!

Luiz – Casa na neve! E de Pedra, é muito frio !!

Eduardo – Coisa que a gente nem imagina!

Janriê – Olha a minha!!

Larissa - Onde você arrumou tanta casa Didi!!!

Paulo – A minha!!

Monique – O caranguejo!!

Ana Luísa - A do Vídeo!!

Pedro – Casa no gelo!

Julia – A praça é nossa casa também!

Ana Luísa – A minha casa!!

Guilherme – A casa das formigas!!

Lara - Olha o ovo a tartaruga ta saindo!!!

Monique – A minha casa! E a casinha que eu brinco!

José – Casa de pedra!

Pedro – Deixa eu fala, essa casa foi onde morou na minha Bisa!

Julia – Mas faz anos né!

Gabriel – Um estádio! Casa de futebol!!



Luiz – Olha o Pedro!!!

Todos – Muitas palmas!!

Yasmin – Eu nunca tinha pensado em tanta casa!

Guilherme – O canguru! Que legal!!

Gabriel – A casa da música!!

Nycoli - Falei que parece uma pessoa!

Luiza- Ela não existe é só pensada, imaginada!

Monique – Muito livro! É a casa deles!!!

P- Uma casa pensada, imaginária e se não for? Pensada, uma casa imaginária! Mas e aí, quero que pensem e se não for?

Eduardo - Onde é a parede?

Larissa – A minha!!

Paulo - Agora tá difícil!

Larissa - Não sei. Não tem,

Yasmin - Acho que é só o desenho!

P – Vamos olhar as imagens e o vídeo!

Pedro – A minha casa!!

Luiza – As casa na praia!!!

Yasmin – A casa da pérola!Que legal!

George – E a casa dela é o mar!

José – Olha a rede!

Lara – A minha casa!

Ana Luisa – Olha lá a parede é o corpo!

Mylena - É Mesmo!

Marcos – A casa da pro. Dina!

Nycoli - Essa é a parede que fala na música!

Marcos – A casa virada, que legal!

Paulo – Fica tudo de ponta cabeça!

Todos – Risos!!

Luiza – A minha!!

Todos – Risos e palmas.

Leonardo – A minha!!

George – A casa da Didi!!

Eduardo – Olha a planta!



José – E as frutas!!!

Monique – Tudo tem semente! E nasce!

Todos – Isso! Sim!!

Larissa – Que diferente! Olha!!

Paulo – Um forte!! Farol!

P – Vamos conhecer uma das casas de Pablo Neruda, de quem Vinícius eram amigos. Essa casa é no Chile, na província de San Antonio e o local se chama Isla Negra .

Monique – Você já foi lá Didi?

P – Sim. Estive lá em 2006. Esse poeta é conhecido mundialmente, pela força de seus poemas. Ele amava o mar. Tem um filme O Carteiro e o Poeta que conta a história de Dom Pablo, assim ele é chamado em Isla Negra.

Luiza – Você sabe poesia dele Didi?

P – Sei. É o meu poeta preferido!!

Luiz – Olha, que linda!!

Mylena – Olha a Didi!

P – Em frente a casa do poeta tem uma escultura na pedra.

Todos – Lindo!! Muito lindo

Paulo – Fala Didi!!!

Pedro – Olha quanto sino!!!

Julia - A casa parece um barco!

Marcos – O que tá escrito aí P M?

P – As iniciais dos nomes Pablo e Matilde sua mulher.

Ana Luísa – Olha os livros dele!

Larissa – Ele morreu!! A última casa!

Luiz – E de frente pro mar!!! Que legal!!

Pedro – O Fundo do mar!!

Yasmin – Muito diferente!

Todos – Muitos aplausos!!!

Mylena – A minha casa!!

P – Agora vamos pensar junto então?

Todos – Vamos!

P - De onde vem a idéia de que o Vinícius está falando da casa como barriga da mãe, ele não colocou essa idéia no poema, ou colocou?

Larissa - Tá sim, mas ele não fala, mas tem sim...



Gabriel - Não tá eu não vi...

George - Fala é isso que ela disse! Você nem sabe.

P – Todos devem dar a sua opinião. Tentem ouvir a música, onde vocês identificam que já moraram nela?

Pedro – Tudo tem casa o universo, é a casa da terra, de todos!

Mylena – Não existe divisão, não sei explicá como. Entende Didi?

Janriê – O mundo é uma casa!!

Paulo – Lembra da história do livro A casa Azul!

Luiza – É mesmo, a casa do menino!

Ana Luísa – Casa sonhada!

Nycóli – Essa é a minha!

Janriê – Olha agora, quanta casa!

Guilherme – É uma favela!

Gabriel – Olha casa de passarinho!

Marcos – A minha casa!

Eduardo – A minha!

George – A minha!!!

P - Vamos pensar juntos, a casa da música e as outras casas, o que elas têm em comum..

(Todos nesse momento ficaram pensativos, olhando as imagens, o vídeo e ouvindo a música).

Larissa – Isso, a barriga da mãe, é a casa do bebê!

Todos – É mesmo! Aplausos..

Pedro - Ela é redonda a casa do Vinícius, é igual..

Janriê - Nas costas da mãe é a parede Didi!

Ana Luisa - Por isso é redonda e não fica parada!

Lara - Se é a barriga da mãe, então ela existe!

Lara - Então, o que o poeta falou, ele inventou.

Paulo - O poeta inventou uma casa, que legal!

Luiz - Ele inventou essa casa para poder fazer a música, mas pode ser a casa do amigo dele!

Pedro - É pra gente pensar... Uma coisa as duas coisa na mesma, sabe Didi....

Monique – Que imaginação!

Julia - A casa inventada.

Monique – Nunca pensei que tudo tivesse casa!

Larissa - As casas de desenho.

Ana Luisa – Se agente pensar, olha lá a imagem.



Pedro – Olha o planeta Terra!!

Mylena – Que lindo!!

Luiza – A plantinha crescendo!!

George – Os planetas! Olha!

Leonardo – A minha casa!!

P – Agora, somente as imagens.

Ana Luísa – A casinha, eles tão fazendo o ninho!!!

Todos – Muitos aplausos!!! Lindo!!

Larissa – Uma barriga de mãe!

Yasmin – Que linda!

José – Essa! Mais uma!

Paulo – Olha ta aparecendo o bebe!!

Monique – É isso que fala na música!

Julia - Lá não pode entrar, porque a gente já tá lá dentro, não tem porta!

Guilherme - É, aquele lugar que a gente fica! É quentinho!

Larissa - Que parece um saco!

Luiza - E tem água dentro!

P- Mas pelo que estão falando, não é uma casa normal de chão, de parede, de tijolo ou de madeira. Todos já ouviram essa interpretação... Que o poema do Vinícius é a casa dado bebe?

Pedro – Não, mas a gente pode pensar que é!

Lara – Que lindo. Olha essa!

Ana Luísa – O bebe lá dentro!

Mylena – Como pode isso?

Lara! Olha tem mais!

Paulo! É emocionante!

Nycóli – E o que significa o número zero?

Larissa: Número zero, porque não tem casa, porque é a barriga da mãe, não tem rua, Didi, daí não tem número.

P - Quem disse que é o umbigo?

Lara - Eu. O umbigo é o número zero.

P - Você acha que o umbigo é o número zero?

Eduardo - O número zero é o neném.

Pedro - Porque o neném não tem 1 aninho.



José – É isso!

P - Mas todo mundo concorda que esse poema pode fazer a gente pensar que a casa pode ser a barriga da mãe?

Todos – Sim... É lindo tudo isso!!!Didi!!

Todos – Muitos aplausos!!! Risos!

Quarto Momento:

P: Agora vamos iniciar a construção da nossa casa. Gostaria que vocês formassem quatro grupos, vamos afastar as classes, para que possam desenvolver livremente a atividade. Cada grupo receberá papéis, canetas, lápis de cor, porém, podem fazer uso do material.

P -Pintar, escrever, desenhar, construir, soltar a imaginação, criatividade não pode faltar.

Larissa – Isso a gente tem!

P- Vamos iniciar a atividade, como será essa casa?

Ana Luisa - Acho que é uma casa invisível de fantasia...

Lara - É uma casa de imaginar, então...

Pedro - A casa do poeta, a casa do pintor e a nossa casa!

Larissa – Mas agora ela vai ser de verdade!

Paulo – Sim depois que fica pronta!

Mylena – E depois dá pra colar o desenho?

P - Sim, tudo o que vocês fizerem vamos colocar na casa.

P – Se vocês construísem uma casa, quem vocês levariam para morar nela?



ANEXO IV: TRANSCRIÇÃO B

Compartilhar a palavra lida com aqueles que nos rodeiam: uma proposta de trabalho com o livro *A caligrafia de Dona Sofia*, de André Neves

Pesquisadora: P

Alunos: Ana Luísa, Eduardo, Gabriel, George, Guilherme, Janriê, José, Julia, Lara, Larissa, Leonardo, Luiz, Luiza, Marcos, Mylena, Monique, Nycóli, Paulo, Pedro, Yasmin.

Primeira etapa:

P - Iniciaremos hoje a atividade com a narrativa do livro, A Caligrafia de Dona Sofia. Aqui está o gravador, tudo que falarmos ficará registrado.

Luiz – Ai, a professora da Didi vai achar engraçado!

Pedro – Ela sabe que é criança!

Guilherme – Nossa sala tá aconchegante!

Larissa – Toda preparada.

P – Vamos iniciar?

Todos – Sim!!

P - Quem sugere do que se trata a história?

Ana Luisa - De um caderno, a vida de um caderno!

Larissa – De uma professora de caligrafia!

Pedro – De uma pessoa que tinha letra linda!

Ana Luisa - Há é... Pode ser da vida dela!!!

P – Então, vamos olhar a capa do livro!

Mylena – André Neves é o dono do livro

Gabriel – É escritor!

Lara – Parece que tá tudo se mexendo!

Julia - Olha a letra!

Janriê – É até a D. Sofia, olha o braço dela...

Yasmin – E é colorido!

Marcos – André Neves tem na nossa sacola!

Luiza - Que legal! Adoro o livro dele!



Luiz – Eu to lendo o Pé de Vento

Ana Luisa, Larissa, Pedro – eu, eu, já li!

Guilherme – Tem mais um montão... O das formigas.

Nycoli – A Didi tem todos os livros dele, é amiga dele, tão abraçado na foto.

Todos – É... Simm!!!

Mylena - Florianópolis.

Todos – Sim!!!!

Luiza – Você disse que ele é muito legal!

Gabriel – Igual os livros, gostei do... Menino na chuva da chuva...

Paulo – Há, não é, eu digo.

Paulo – Menino chuva na rua do sol.

P – Lembram que contei a vocês, que o André Neves, ficou muito feliz quando falei que iríamos fazer leitura compartilhada e várias atividades com o livro dele, A Caligrafia da Dona Sofia?

Todos - Sim!!!!...

Marcos – Ele disse que é o livro que ele mais gosta!

P – Sim! Falou também que gostaria muito de conhecê-los, de ver o trabalho de vocês, de falar sobre a D. Sofia, mas, que desta vez seria impossível, pois, está com a agenda lotada de compromissos.

Eduardo – Ele é muito importante!

Nycoli – Sabe Didi, li com a minha mãe o Planeta Caiqueiria.

Luiz – Eu também já li... Ele é fofo!

Janriê – Ele é desenhista!

George – Nem é assim, é ilustrador!

Todos - Risos...

Eduardo – Silêncio!!

P – Vamos prosseguir, o André Neves é ilustrador de livros e também escritor.

Todos – Sim, sim, sim...

Eduardo – Na minha sacola tem um que ele só fez o desenho.

P – Sim, só ilustrou você lembra o nome do livro?

Paulo – Eu sei, eles que não se gostavam, eu li com meu pai.

Luiz - Todo mundo leu lá em casa esse.

Lara – Eu, eu também já li.

P - Mas, o nome do livro não é bem assim, vamos ver quem lembra?



Pedro – Mas a minha mãe achou um pouco triste!

Lara - É... Mas depois é legal!

Mylena – Eles que não se amavam, é Didi?

P – Sim, mas vamos ver será que alguém lembra quem escreveu este livro?

Pedro, Larissa, Lara – Hi, hi, não...

P – Foi Celso Sisto quem escreveu e o André Neves ilustrou.

Monique – Aquele que conta história né Didi.

P – Olha a Monique lembrou sim ele é um contador de história, ele fala que o momento da contação de história, é muito especial, é um ato de entrega, de emoção, que precisa de silêncio para acontecer.

Eduardo – Didi lê a história!

Todos - Começa, começa...

Julia – Mostra Didi, mostra!

Todos – mostra, mostra...

P – Vamos combinar uma coisa: vou mostrar sim, trouxe vários livros da Dona Sofia, também está no computador, vamos ver as imagens em tamanho grande, mais isso será depois.

P – Quando a gente ouve uma história, podemos fazê-la acontecer...

Ana Luisa – Eu sei, imaginando!

P – Pela imaginação, pela fantasia, vamos criando lugares, personagens e quando percebemos estamos participando da história. Agora, vamos nos concentrar, respirando calmamente, 1,2,3....

(RELAX)

Julia -Tem história e poesia!

Monique – Oba, poesia eu adoro!

Gabriel - Eu também. Tenho livros de poesia!

Paulo – Gosto de escrever poesia.

Marcos – Minha nossa, uma casa cheia de história?

Luiza – De poesia!

Yasmin – Há, eu quero uma casa assim!

Guilherme – Quanta coisa escrita!

Eduardo - Olha, as paredes.

Janriê – Uma casa encantada!



Luiz – Didi, Didi, era uma cidade grande?

P – Vamos imaginar como seria!

Leonardo – Não é pequena não, tem correio!

Lara – Uma casa com poesia e flor é perfumada!

Pedro – Dá pra sentir o perfume. Que delícia!

José – Didi to imaginando essa casa!

Todos – Eu também, eu também, palmas..

Yasmin – Que tal se nós mandar uma carta pro André Neves?

Luiza - Uma carta grande seria legal, a gente conta tudo o que fez.

Todos - Risos, ebaaa!!!!

Paulo - Você tem o endereço dele?

P – Podemos combinar isso depois.

Larissa - O e mail seria melhor!

Gabriel – Isso!!

George – Há, também pode ser desenho o de todos!

José – Um livro grande!

Pedro – Um não, um montão!

Julia – É divertido receber carta.

Guilherme – Eu nunca recebi carta

Paulo – Nem eu. Seu Ananias pode mandar uma pra mim?

Nycoli – Dona Sofia vai ensinar ele a escrever.

Eduardo – Eu tenho esse caderno!

Pedro – A letra fica melhor!

Luiza – Ela é mágica Didi!

Marcos - Eu to imaginando!

George - A Dona Sofia existe mesmo!

Pedro – Se o André Neves conhece, é de verdade!

Lara – Eu quero escrever como Dona Sofia !

Mylena – Lê a História da Dona Sofia!

P – Fazer o que?

Monique – Tenho uma idéia Didi, essa história é muito massa... Todos tem que ler!

Leonardo – É e também dizer poesia!

Janriê – Ela tá no livro!

José – Mas também no nosso pensamento!



Marcos – Mas o pensamento tem imaginação né Didi

Pedro – Já falei... Se escreveu é porque conhece....é!

Ana Luisa – É... Como sabe tanto da vida dela!

Yasmin – É história de fantasia...

Mylena – É a poesia do seu Ananias!

Todos – Muitas palmas lê de novo...

Segunda etapa:

O livro ganha outra dimensão, através do aparelho de multimídia, que possibilitará a leitura imagética mais detalhada, bem como a leitura dos poemas e o encontro com os personagens.

P – Agora vamos ver que outros encantos essa história tem lendo juntos, a história, as poesias, as imagens, vamos entrar na casa de Dona Sofia.

Yasmin - Olha, tem poesia na montanha!

Guilherme – Esse livro é uma obra de arte!

Larissa - Didi, ele é artista!

Julia – É sim, olha a cor, parece que tem sol...

Ana Luisa – Parece que é tecido!

Monique – A poesia dança...

Janriê – É até a D. Sofia, olha o braço dela!

Monique – Tudo dança, as flores, as palavras, é música!

Larissa – Tem um ventinho, o lenço tá balançando!

George – E o seu Ananias eu quero ser ele. Tenho até a bicicleta!

Leonardo – Eu quero aquela poesia lá... “A poesia tem tudo...”.

Luiza - O seu Ananias tá com os olhos fechado... dançando com a poesia!

Nycoli - Ele tá sentindo!

Marcos – Aquela poesia ali parece uma onda do mar!

Pedro – Essa aí a minha Vó diz pra mim... Eu sei... “Que saudades que tenho...” eu digo essa!

Mylena – Tem selo ali, que vem nas carta!

Larissa - Lindo! Tudo combina, tem muita coisa desenhada!



Eduardo – Olha quanta poesia, ela tá escrevendo, seu Ananias tá admirado!

Paulo – Seu Ananias tá lendo, acho que nunca viu tanta poesia...

Janriê – As pessoas da cidade tão lendo!

Yasmin – Há... Como não iam gostar..

Monique – Poesia e flor no cartão!

Pedro – Vamos fazer isso!

Ana Luisa – Aqui no colégio!

José – Tem folha grudada no meio da poesia,

Larissa – Quando agente coloca dentro do livro fica assim!

George – Poesia do André Neves... Quanta coisa ele faz...

Mylena – Mostra de novo, eu não vi tudo... Volta...

Todos – Vamos, eba!

P – Então, vamos recomeçar.

Leonardo – Deixa eu ler Didi!

Julia – Eu quero uma para mim

Marcos – Eu, eu Didi adoro poesia!

P – Tem poesia para todos.

Luiza – Uma idéia... Dizer poesia

Todos – Sim, eu quero, eu também, palmas...

P - Todos podem ler, mas com calma, um de cada vez. Os poetas contam histórias através da poesia, é uma forma de escrita, assim como a música, a escultura, a fotografia, a pintura e todas as formas de arte que existem.

Eduardo – As vezes eu escrevo poesia..dá uma coisa boa, aqui dentro...

Ana Luisa - Há eu tenho até um caderno de poesia!

Janriê – Didi o André Neves faz poesia, histórias, pintura, livro...

Nycoli – Claro ele é artista.

Neste momento estavam tão entusiasmados, queriam ler os poemas, ver as imagens, a todo instante faziam comentários, queriam saber quem eram os poetas. Estavam mais introspectivos, emocionados com a história, as poesias, as imagens, a música. Quanto mais liam, mais encantados ficavam com a idéia de Dona Sofia, de “soltar” as palavras, as poesias. Foram muitas as idéias, sugestões do que iriam fazer, construir uma casa, para escrever poesia nas paredes....



P – Os poemas foram escolhidos por Dona Sofia.

Ana Luisa – Olha, seu Ananias é igual a D Sofia!

Julia – É mesmo! Olha...

Luiz – É, mas não é da família...

Pedro – Quem disse que não?

Janriê – Não diz no livro...

Lara – É, mas pode sim!

Pedro – Mas tá escondido, é pode se como ele escreveu!

P – Não gostaria de interromper a fala de vocês, mas estou curiosa para saber o que Pedro falou.

Pedro – É uma mágica, um truque, que ele faz quando tá escrevendo, daí a gente pensa, imagina...

Luiz – É, tem que ter imaginação...

Nycoli – Olha tem coisa escrita virado...

Pedro – É poesia!

Lara – Que tal, olha só Didi, vamos soltar as poesia...

Marcos – Didi como vem a poesia?

Pedro – Eu sei... Acho que vem do vento... Como borboleta...

Ana Luiza – Do vento!

Marcos – Soltar sim. Aí todo mundo pode vê, muita gente não conhece!

P – Como assim soltar poesia?...

Eduardo – Lê poesia...

Lara – Desenha poesia!

Luiza – Faze cartão de poesia!

Yasmin - Com flor perfumada!

Leonardo – Isso vai fica legal!

Nycoli – Dá poesia de presente!

Luiza - E até desenhar, pintar palavras!

P – Ler poesia, desenhar, pintar, isso é soltar as palavras?

Ana Luisa - Não, mais coisa... É sentir como seu Ananias, ele tava com os olhos fechados.

P – Então, gostaria que vocês explicassem melhor o que querem fazer.

Todos – Sim, isso...

Marcos – A história também tem que saí do livro

Todos – Risos...



Eduardo – Essa é boa, a história saí do livro!

Nycoli – Como fez D. Sofia!

José – Didi quando eu crescer quero ser poeta!

Janriê – Eu também, quero canta poesia...

Eduardo – Didi como se diz – Como você faz com os livros...

Gabriel – Eu sei – É ler prá todos!

Ana Luisa - Se nós compartilhar a história e os poemas, os outros podem aprender a gostar de livros, histórias e poesia!

Todos – Muitos aplausos

Marcos - Como a Didi quando lê a história pra nós. Ela divide.

Larissa – Compartilha história!!

Mylena - E nós vamos contar para os outros.

Todos – Sim... Legal!

P – Compartilhamos os livros, as histórias, as poesias e até mesmo o que falamos, compartilhamos o que pensamos...

Guilherme – A gente é uma família parece...

Monique – Eu queria uma família assim. Há e uma casa como essa colorida..

Julia – Com muito livro, e poesia!

Pedro - Mais importante, uma Didi contando história de todos os livros!

Todos – Ebaaa!!

P – Esta idéia é muito criativa, uma casa completa, flores, poesias, livros, crianças, e eu contando histórias...

Monique – Aí, a gente mora um pouco em cada casa.

P – Mas antes de construirmos a nossa casa, gostaria que vocês fizessem cinco grupos, pode ser assim como vocês estão sentados no círculo, vou entregar os livros, podem ler a história, olhar os detalhes, escolher os poemas e pensar nas atividades, já que tiveram tantas idéias. Vamos ter um tempo para fazer isso. Depois nos reunimos, na roda novamente para ouvir o que cada grupo tem a dizer, está bem!

Todos – Sim...

Luiza – Você sabe poesia dele Didi?

P – Sei. É o meu poeta preferido!!

Paulo – Fala Didi!!

Luiz – Olha, que linda!!

Pedro – Olha quanto sino!!!



Julia - A casa parece um barco!

Yasmin – Muito diferente!

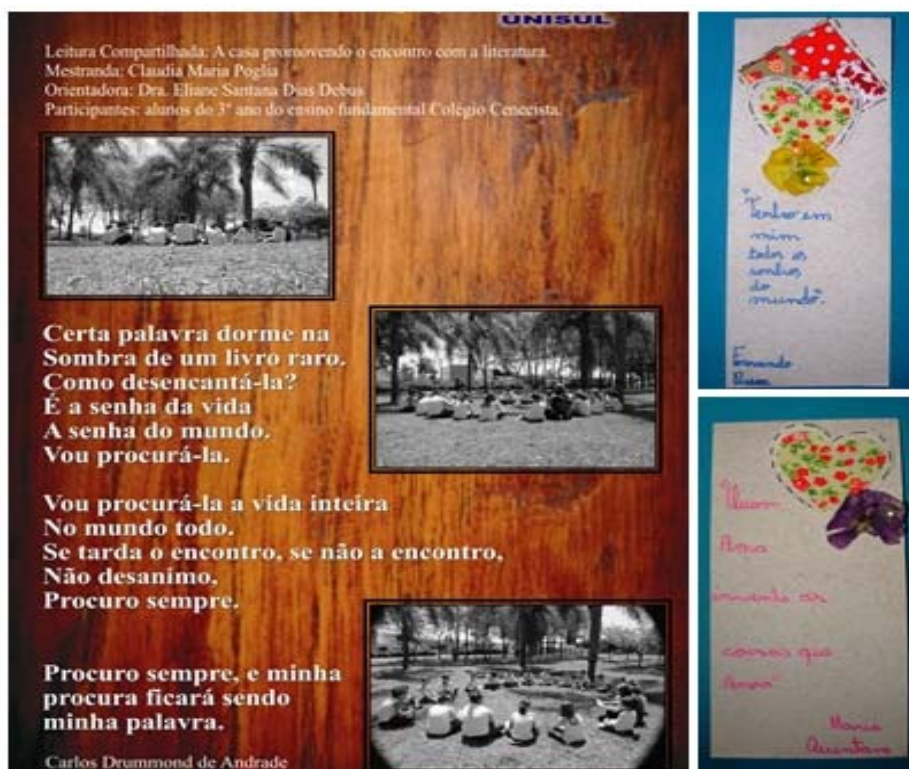
Todos – Muitos aploausos!



ANEXO V: FOLDER DA FEIRA DO LIVRO



ANEXO VI: EXPOSIÇÃO DE ATIVIDADES



ANEXO VII: LEITURA ORALIZADA NA FEIRA DO LIVRO

